Vida

Pés como os da corça nos lugares altos

Uma alegoria da jornada dos filhos de Deus que desejam viver nos Lugares Altos.



~Hannah Hurnard~

Vida

PÉS COMO OS DA CORÇA NOS LUGARES ALTOS

A MONTANHA DAS ESPECIARIAS

Uma alegoria dos pontos fracos e fortes do ser humano, a partir da comparação das especiarias de Cântico dos Cânticos com o fruto do Espírito



~HANNAH HURNARD~

PÉS COMO OS DA CORÇA NOS LUGARES ALTOS

A MONTANHA DE ESPECIARIAS

“Venha depressa, meu amado, e seja como uma gazela, ou como um cervo novo saltando sobre os montes cobertos de especiarias”.

(Cântico dos Cânticos 8.14)

PREFÁCIO À ALEGORIA

Eis algumas explicações para o leitor a respeito deste livro.

Anos atrás, ainda jovem, no início de minha carreira missionária na Palestina, fui surpreendida certa manhã pela relação entre o fruto nônuplo do Espírito, de Gálatas 5.22,23, e as nove especiarias mencionadas na descrição do "jardim fechado" e do "pomar de romãs" de Cântico dos Cânticos 4.12,13. Durante muitos e felizes "momentos de quietude", estudei com a ajuda da Flora of the Bible

[Flora da Bíblia], de Canon Tristram, e From Cedar to Hyssop [Do cedro ao hissopo], todos os detalhes das árvores e plantas enumeradas nesses versículos e as lições que podemos aprender ao compará-las com "o fruto do Espírito".

Por conseguinte, anos mais tarde, quando decidi escrever esta seqüência de Pés como os da Corça nos lugares altos (Vida, 1989), as lições daqueles preciosos momentos de quietude voltaram-me à memória.

Assim como as árvores de especiarias que crescem nos Lugares Altos desse livro da Bíblia são alegorias, não reais, não hesitei em adaptar e, em alguns casos, alterar ligeiramente alguns detalhes em relação ao nome real das especiarias enumeradas em Cântico dos Cânticos. Por isso, a descrição das especiarias celestiais que crescem nos Lugares Altos não deve ser levada ao extremo.

Permiti-me certa licença poética!

As personagens desta história são na verdade personificações infelizes e torturantes, traduzidas pelos nomes que carregam, de atitudes da mente, do coração e do temperamento. Em Pés como os da corça nos lugares altos, as personagens eram inimigas de Grande-Medrosa, que tentava esconder sua jornada aos "Lugares Altos". Neste livro, tentei deixar o mais claro possível que as características e fraquezas de temperamento com que nascemos e que, com freqüência, parecem ser os maiores obstáculos à vida cristã na verdade são os elementos que, quando nos entregamos ao Salvador, podem se transformar no exato oposto e, assim, produzir as qualidades mais desejáveis em nós.

Descrevo a transformação das deformidades de caráter que foram os maiores problemas de minha vida, e, portanto, sobre as quais posso falar com mais autoridade. Nasci com uma natureza medrosa

- uma verdadeira escrava do clã Covardia! Contudo, desde essa época, fiz a descoberta gloriosa de que ninguém tem uma oportunidade mais perfeita para praticar e desenvolver a fé que aquele que precisa aprender constantemente a transformar medo em fé. Ele pode sucumbir à natureza medrosa e se tornar um "Covardia Covarde" pelo resto da vida; ou pode entregar sua natureza medrosa ao Senhor e usar cada tentação de sentir medo como uma oportunidade para praticar a fé e, no fim, transformar-se numa radiante "Testemunha Destemida" do amor e do poder de Deus. Não há meio-termo. Da mesma forma, o temperamento melancólico, a língua afiada e maliciosa ou a sombria ansiedade e o hábito da mente de ter presságios, como também outras características de temperamento personificadas neste livro, podem todas ser gloriosamente transformadas em seu exato oposto. O amor toma nas mãos nossos defeitos e deformidades e, com eles, como no caso do enganoso Jacó, modela príncipes e princesas de Deus. Não se deve supor que nas conversas, na montanha das Especiarias, entre o Pastor-Rei e Graça e Glória "ponho palavras na boca do Salvador", que ele nunca disse e que pelas quais afirma a autoridade da verdade inspirada. Os diálogos pretendem apenas indicar a comunhão sincera e natural que pode haver entre qualquer

alma amorosa e o Senhor do amor e a forma em que podemos aprender com ele, quando lhe pedimos que nos esclareça os problemas que nos confundem. Da mesma forma, ele pode fazer com que tomemos consciência da trilha pessoal que cada um de nós deve seguir.

Apenas compartilho a forma como minha mente e minha compreensão se iluminaram a medida que tentava, dia a dia, ser totalmente receptiva ao amor e aos ensinamentos do Salvador. Não tenho dúvida de que, quaisquer que sejam meus pensamentos a respeito dessas coisas, eles ainda são muitíssimo inadequados e ficam muito aquém da real, indescritível e gloriosa verdade. Ainda há Lugares Altos, em quantidade infinita; onde é possível chegar, e podemos apenas descrever 2

vislumbres do que experimentamos na subida. Sem dúvida, as coisas mais adoráveis e excelentes ainda estão à frente!

Gostaria de dar uma palavra a respeito dos versos e cânticos apresentados neste livro.

Pessoalmente, acho útil expressar e resumir em versos as novas lições que aprendo e a nova luz que recebo. Isso possibilita que eu as grave na memória de uma forma que me seja fácil lembrá-las.

É possível que outras pessoas também achem esses versos úteis, para a mesma finalidade. Eles foram todos escritos especialmente para este livro, mas alguns deles também aparecem em dois de meus livros, Unveiled Glory [Glória revelada] e The Heavenly Powers [Os poderes celestiais].

CAPÍTULO 1

SENHORA SOMBRIA AGOURENTA

Era uma manhã maravilhosa de primavera no vale da Humilhação, e tudo parecia desfrutar os cálidos raios solares e o ar suave e perfumado. As pastagens estavam revestidas de verde viçoso, e as árvores frutíferas usavam manto de festa, com flores brancas e rosas. As flores silvestres dançavam alegremente na brisa, enquanto as abróteas, com o sol brilhando através de suas flores brancas transparentes, permaneciam em fila, como tochas de cera, no íngreme declive acima do lago azul.Nas pastagens através das quais corre o rio, as ovelhas saltavam sobre as mães, e crianças brincavam de esconde-esconde entre as rochas. Aves de todos os tipos e tamanhos trabalhavam com vigor na construção de ninhos, e inúmeras notas, chamados e gorjeios ecoavam no ar, enquanto abelhas e grilos emitiam um suave e constante zumbido. Tudo isso fazia com que o dia fosse perfeito no vale, tudo o que respirava e se movia estava ao ar livre para dar as boas-vindas à primavera. Contudo, à sombra de algumas árvores velhas, escuras e retorcidas, do outro lado da estrada principal que corta a vila da Grande Apreensão, havia um jardim coberto de ervas daninhas e repolhos de aspecto doentio. No meio do jardim, encontrava-se um chalé, já bem decadente, com as portas e as janelas trancadas. Da chaminé, levantava-se uma leve e furtiva espiral de fumaça que subia pelo ar de maneira discreta, como se tivesse vergonha de chamar a atenção num dia tão perfeito como aquele. No interior do chalé, a senhora Sombria Agourenta, escondida pela fumaça da pequena estufa, jazia sentada numa cadeira, usando um vestido de cor sombria e enrolada num xale cinza ainda mais sombrio. Em sua fisionomia, estampava-se o ar da mais profunda penúria e tristeza.

Ouviu-se uma viva batida à porta, e, quase antes do hesitante "Entre" da senhora Sombria Agourenta, sua vizinha, senhora Valente, já estava no meio da sala. O contraste entre as duas mulheres era tão grande que todos em Grande Apreensão se perguntavam como era possível existir amizade (se é que se pode

chamar assim aquele relacionamento unilateral) entre as duas. Contudo, a amizade delas datava da época de escola, e a senhora Valente, como diziam os vizinhos, parecia ter a "estranha intenção" de não permitir que terminasse. A senhora Valente entrou na sala, parou por um instante e emitiu um som rouco, como um ronco.

- Meu Deus, Agourenta! - exclamou ela. - O que você está fazendo com as janelas fechadas num dia lindo como este? Essa fumaça horrível da estufa vai acabar sufocando você. - Por favor, feche de uma vez a porta, Valente! - disse irritada a senhora Agourenta. - A corrente de ar está terrível, e esse desagradável vento leste sempre piora meu reumatismo, e a dor é insuportável. - Vento leste - disse a senhora Valente com outro ronco - Agourenta, minha querida, o ar está perfumado como o de um dia de verão, e a leve brisa vem diretamente do sul.

-Meu cata-vento não mente jamais! - replicou a senhora Agourenta com firmeza. - Quando o observei esta manhã, o vento vinha do leste. Além disso, sinto o vento em todo o meu corpo, em cada osso e em cada junta. Nem preciso da confirmação do cata-vento. - Deixe-me, pelo menos, abrir a janela do lado sul - pediu a senhora Valente.

- E, querida Agourenta, deixe-me convencê-la a pôr de lado esse xale sombrio e a vestir algo mais fresco e bonito para sair um pouco lá fora comigo - acrescentou ela em tom misterioso. - Aconteceu uma coisa maravilhosa e inesperada, e vim aqui com o propósito de levá-la até meu chalé para que você compartilhe esse prazer comigo. Todavia, a senhora Agourenta recusou-se a ficar curiosa ou interessada.

3

Em vez disso, atiçou o fogo, fazendo com que uma grossa e sufocante espiral de fumaça se elevasse na sala. A seguir, com um arrepio de frio a lhe percorrer o corpo, pediu: - Por favor, deixe essa janela quieta, Valente! Mesmo que fosse um dos dias mais quentes,

não me aventuraria a sair de casa, pois meu almanaque diz que hoje o dia será sombrio, um dia de trevas, escuridão e perigo.

Estou certa de que algo ruim acontecerá comigo se me aventurar a sair. Tenho muita fé no meu almanaque e nunca deixo de seguir seus conselhos. - Que almanaque é esse? - gritou a senhora Valente, caminhando até a parede em que estava pregada uma gravura enorme e horrenda. - Por que, Agourenta? Não me diga que você gosta de astrologia! Este almanaque é publicado por uma empresa conhecida por suas trapaças, gente que vive de explorar os medos alheios. Isso é um disparate total! A senhora Agourenta, ofendida, respondeu com aspereza: - Nunca vi meu precioso almanaque errar. Quando ele diz que haverá infortúnio e calamidade, sempre acontece algum tipo de infortúnio e alguma calamidade, e não sou tola a ponto de desdenhar a previsão para hoje. Portanto, ficarei em casa. - Gostaria que você me deixasse arrancar essa coisa horrível da parede e jogar no fogo - implorou, exasperada, a senhora Valente. - Deixe-me pendurar aqui um daqueles calendários com letras vermelhas que gosto de usar. Para o dia de hoje, meu calendário diz: "Este é o dia em que o Senhor agiu; alegremo-nos e exultemos neste dia".

- Nada fará com que eu me desfaça do meu valioso almanaque - disse a pobre senhora Agourenta -

e não vou me aventurar a colocar os pés fora de casa hoje. Tenho certeza de que uma calamidade se aproxima, assim como sei que me chamo Sombria Agourenta. - Se eu tivesse um nome desses -

gritou a senhora Valente, perdendo a paciência de repente - com certeza o trocaria por um melhor. A senhora Agourenta ficou profundamente ofendida, mas sempre que a amável e facilmente irritável vizinha perdia a paciência, ela reagia com a resignação de um mártir. Por isso, em tom de resignada censura, retrucou: - É um nome muito antigo e honrado, Valente. Já foi provado que remonta a um período anterior ao dilúvio. Os Sombrios Agourentos existem há mais tempo do que se pode calcular.

A senhora Valente riu com vontade do absurdo que a amiga acabara de dizer, embora essa fosse uma daquelas ocasiões em que gostaria muito de pôr um pouco de juízo na cabeça da pobre tola que tinha diante de si.

Tinha, contudo, um motivo oculto, conhecido apenas dela e do Pastor-Chefe, para ser paciente com sua infeliz vizinha e aprender a aceita-la, de forma amorosa, exatamente como era. Assim, respondeu alegre, embora sem muito tato: - Bem, os Sombrios Agourentos pré-diluvianos devem estar extintos, pois não havia nenhum deles na arca. Pergunto-me quem seria tolo o bastante para adotar o nome da família de novo! A senhora Agourenta ficou ofendida demais para responder.

Apertou mais o xale em torno dos ombros, tiritando de frio, e parecia ignorar que havia mais alguém com ela na casa.

A senhora Valente sentiu a consciência pesar, pela maneira terrível em que deixara a língua disparar quando, no fundo, queria apenas ajudar a amiga. Ela logo se desculpou, dizendo-se arrependida: -

Desculpe-me, querida Agourenta! Sei que não devia ter dito isso, mas como gostaria que você me deixasse ajudá-la a sair dessa infelicidade em que caiu e convencê-la a se desfazer desse espírito de tristeza! Queria tanto que você vestisse o manto de louvor!

A senhora Agourenta caiu em lágrimas. - Como pôde dizer aquilo, Valente? Você é totalmente insensível. Sei que antes eu era animada e alegre, mas o que posso esperar, agora que a desgraça caiu sobre mim? Durante todos esses anos, minha sina foi carregar a viuvez e o desamparo, matando-me de trabalhar para sustentar meus três filhos infelizes - ela agora exagerava um pouco, o marido deixara-lhe uma pensão modesta, porém suficiente - a fim de torná-los respeitáveis e prepará-los para construir lares mais felizes. E, agora, o que acontece? Você sabe, Valente, você sabe muito bem! Contudo, é insensível o bastante para ficar aqui me repreendendo por ser infeliz.

Minha filha, Desanimada, foi abandonada por seu cruel marido, perdeu sua posição, envergonhou todos os parentes e foi obrigada a voltar humilhada para a casa da mãe viúva. Justo ela, a nora do senhor Temor, e tudo isso sem que ninguém mexesse um dedo para que ela conseguisse seus direitos! Depois, a pobre Rancorosa casou-se com um bêbado que bate nela e dela abusa vergonhosamente, forçando-a a viver num sótão pequeno e miserável, a parenta pobre e desprezada na casa dos primos. E Covardia - ela soluça convulsivamente -, meu querido Covardia, meu único filho, foi falsamente acusado de atacar alguém e perturbar a ordem e acabou na prisão! E você ...

você, Valente, que pelo menos já teve um marido forte para apoiá-la, e cujos filhos, ao que parece, nunca lhe causaram a menor mágoa, fica aí me censurando e até sugerindo que eu vista "o manto de louvor"! Por mais fantástico que esse manto deva ser, é claro que seria indecente uma viúva de coração partido, cujos filhos sofrem o martírio da injustiça e da dor, usar tal manto. A senhora 4

Valente caminhou até a chorosa mulher e passou-lhes os braços de forma reconfortante em volta dos ombros que sacudiam por causa do choro compulsivo, dizendo com muita brandura: - Você me entendeu mal, Agourenta. Sei tudo a respeito das suas infelicidades e problemas e ficaria tão feliz se pudesse confortá-la um pouquinho, ajudá-la a encontrar força e coragem para enfrentar todas essas dificuldades e graça para transformá-los em algo fascinante. Esse é o motivo real de eu estar aqui esta manhã. Deixe-me contar-lhe as boas notícias, querida Agourenta, e convencê-la a ir comigo até minha casa. Você sabe o que aconteceu? Não, tenho certeza que você nunca adivinhará ... Algo maravilhoso, que irá alegrar até seu triste coração!

Ela fez uma pausa e procurou, esperançosa, um vislumbre de interesse ou de curiosidade naquela triste face. Contudo, a senhora Sombria Agourenta continuava a soluçar e a se balançar para a frente e para trás, indiferente a qualquer outra coisa neste vasto mundo que não fosse a própria desdita.

Por isso, a senhora Valente, depois de esperar um pouco, continuou, com a voz cheia de alegria e prazer: - Bem, você jamais adivinhará, portanto, vou contar. Lembra que muitas pessoas, quando sua sobrinha manca, Grande-Medrosa, deixou o vale, disseram que o Pastor a levara para os Lugares Altos? Bem, era mesmo verdade. E sabe o que aconteceu, Agourenta? Ela acaba de retomar ao vale para fazer uma visita, e não é mais manca! O pé defeituoso ficou totalmente curado, e também sua boca torta! Ela está tão forte e ereta que você mal irá reconhecê-la. Além disso, ela mudou de nome. Não se chama mais Grande-Medrosa, agora é Graça e Glória. Belo nome, não? Ela também trouxe duas amigas, mulheres adoráveis, Paz e Alegria. Elas nos contaram que agora Graça e Glória vive no Reino do Amor e, na verdade, pertence a uma família real. Aonde o Rei vai, ela vai com ele. Já pensou, Agourenta? Parece um conto de fadas, só que muito mais adorável, porque é tudo verdade. Tudo isso aconteceu porque ela foi com o Pastor para os Lugares Altos.

Se a senhora Valente queria ter a atenção da infeliz amiga, sem dúvida foi bem-sucedida. A senhora Sombria Agourenta estava sentada com os olhos fixos nela, num silêncio perplexo, aparentemente incapaz de dizer qualquer coisa. Assim, a senhora Valente continuou, animada: - Agora, como já disse, ela está de volta ao vale com duas amigas. Elas estão lá em casa com minha filha Misericórdia, e estamos preparando uma festinha de boas-vindas, apenas para alguns dos antigos amigos e vizinhos dela, e você, tia dela, também tem de estar presente. Venha, querida Agourenta, apenas por pouco tempo. Enxugue as lágrimas, pois você não ajuda em nada seus entes queridos ficando sentada aqui nesta sala sombria, chorando. Coloque seu melhor vestido e venha comigo, compartilhe as coisas boas, as coisas maravilhosas que aconteceram com a pobre e infeliz Grande-Medrosa. A senhora Sombria Agourenta não disse uma palavra, pois estava atônita com a notícia, a temível notícia. Nada do que ela sentia podia ser mais impróprio, mais horrível e mais humilhante que o retorno daquela desditosa moça manca que todos desprezavam e cuja partida tentaram impedir. Agora ela estava ali, curada - ao que parecia -,

rodeada de amigas e coberta de glória e honra, um membro da família do Rei que retomava quase como rainha do vale, o mesmo vale em que fora uma qualquer, infeliz e desprezada. Além disso, ela retomava bem a tempo de ver seus parentes mais próximos na mais humilhante situação possível - sua prima Desanimada (que fizera um bom casamento), agora abandonada pelo marido e sem recursos, vivia de favor na casa da mãe; Rancorosa, casada com um bêbado que quase a matou, vivendo na maior miséria, num sótão minúsculo; seu primo Covardia, com quem ela se recusara a casar (um grande insulto!), agora estava na prisão. Poderia seu retorno ser mais inoportuno? Poderia ela, Sombria Agourenta, imaginar calamidade maior? Meu almanaque sempre diz a verdade, pensou, sentindo aquele baque no coração, algo que raramente sentia. De fato, um dia de calamidade! Eu não poderia sofrer um golpe mais forte. Todavia, não disse uma palavra. Com muito esforço, conseguiu reprimir as amargas lamentações que quase escaparam de seus lábios, pois se deu conta de que não era normal uma tia lamentar o fato de uma sobrinha manca retomar curada e, acima de tudo, como membro da família do Rei. A senhora Agourenta pensou com amargura: Se fosse algum dos nossos parentes que me tivesse contado a novidade, eles entenderiam muito bem meus sentimentos e talvez até pudéssemos lamentar juntos, mas Valente é diferente, ela jamais entenderia isso. Assim, a senhora Agourenta continuou sentada, em gélido silêncio. - Vamos, Agourenta! - disse a senhora Valente de forma persuasiva, depois de esperar em vão uma manifestação de prazer ou de interesse da vizinha. -

Vamos à minha casa, para que você mesma veja a deliciosa realidade que acabo de contar a você.

Venha e dê as boas-vindas a Graça e Glória, desfrute a alegre companhia das outras amigas.

Esqueça a dor por um tempo e regozije-se com os outros. Finalmente, a senhora Agourenta encontrou as palavras. - Obrigada, Valente - disse ela -, mas nada me convencerá a sair de casa hoje,

nem a fazer algo tão insensível quanto buscar alegria pessoal numa festa, enquanto minhas 5

filhas comem o pão da desgraça e meu filho definha na prisão. Quanto a Grande-Medrosa, -

prosseguiu incapaz de esconder a amargura (ela, com certeza, não chamaria a moça por nenhum nome novo que o Rei tivesse escolhido para ela) -, não pode existir sobrinha mais irreverente e ingrata. O fato de ela resolver voltar agora para exultar com o infortúnio de seus parentes é apenas outro exemplo da sua natureza insensível. Eu, da minha parte, não darei a ela nenhuma oportunidade de fazer isso. Valente, imploro que você volte para sua festa e me deixe o consolo da solidão em minha infelicidade. A senhora Valente, pesarosa, percebeu que não faria nenhum bem ficando mais tempo ali e que qualquer inconveniência a mais apenas aumentaria a resistência e o ressentimento da vizinha. Assim, com tristeza, saiu após falhar na missão que ela, na verdade, jamais imaginou bem-sucedida. A senhora Sombria Agourenta, sozinha em casa, continuou a pensar na desastrosa notícia, e quanto mais pensava na novidade pior esta lhe parecia. Que golpe cruel do destino, permitir que a moça retomasse justo agora. Se ela tivesse se casado com Covardia, como deveria, agora estaria tão desgraçada, humilhada e desditosa quanto a sogra e também seria um ótimo bode expiatório, alguém em quem a família pudesse descarregar sua desgraça. Contudo, em vez disso, ressurge gloriosamente livre e provida de um nome novo e nobre. - Isso é escandaloso -

soluçou a senhora Agourenta. - Como a vida é injusta! Um golpe do destino! A calamidade das calamidades! Ela jazia ali sentada, acalentando sua amargura, havia mais de meia hora quando ouviu uma leve batida à porta. Com um repugnante sentimento de presságio, perguntou rispidamente: - Quem é? - Sou eu, sua sobrinha, querida tia! Posso entrar? - e com isso a porta se abriu. Graça e Glória entrou na melancólica sala. A senhora Sombria Agourenta, a despeito de si mesma, olhou com ávida curiosidade

para a moça que um dia fora ‘Grande-Medrosa’. Viu que era quase verdade o que Valente lhe contara: a moça havia mudado muito. Estava tão ereta e caminhava com tanto desembaraço e equilíbrio que dava a impressão de estar bem mais alta que antes. Agora que a boca deformada endireitara podia encarar os outros sem constrangimento.

Estava, de fato, muito diferente da feia criatura dos tempos antigos. A senhora Sombria Agourenta pensou: Contudo, não deixa de ser uma pessoa comum. No meio de uma multidão, ela não se destacaria, a não ser talvez pela expressão de calma e serena felicidade em sua face e por essa luz em seus olhos.

Graça e Glória hesitou um momento à porta e, como a tia não lhe dirigiu nenhuma palavra de cumprimento, caminhou calmamente em direção à figura cinzenta e tensa encurvada na cadeira de balanço ao lado da estufa. Inclinando-se, beijou gentilmente a face da tia. A senhora Sombria Agourenta recuou como se um réptil tivesse se aproximado dela e empurrou a sobrinha. - Não há necessidade de falsas demonstrações de afeto, Grande-Medrosa - disse ela com frieza. - Dispenso seu beijo. A sobrinha olhou-a com compaixão, mas respondeu com ternura: - Posso entender como se sente, querida tia.

Sei que, infelizmente, sempre fui insensível e nada atenciosa, pouco me importando com seus desejos. Contudo, soube que você teve muitas tristezas desde a última vez em que nos vimos, e meu coração sofre por você. Gostaria de poder ajudá-la de alguma maneira ou de, pelo menos, ser solidária com sua dor. - Ela parou por um momento e, em seguida, acrescentou timidamente: - Você sabe que mudei, pois desde que fui embora aprendi a amar. Agora, tenho um novo nome e, espero, uma nova natureza. - Foi o que ouvi da senhora Valente - retrucou a tia com frieza. - Mas, com certeza, não a chamarei por outro nome que não seu nome verdadeiro. Posso lhe garantir que será necessário mais que apenas um novo nome para que eu me esqueça de como você era. Para mim, você sempre será Grande-Medrosa.

- Bem, também posso entender isso - disse Graça e Glória. - Se lhe agrada, pode me chamar pelo meu antigo nome, mas - acrescentou com um sorriso - Graça é um nome mais curto e mais fácil de dizer e expressa exatamente como alcancei a felicidade, a paz e a cura. Querida tia Agourenta, quem me dera poder convencê-la a deixar sua dor e voltar-se para aquele que me ajudou de forma tão bondosa e maravilhosa! Um rubor de raiva apareceu na face da tia.

- Entendo que você se refere ao... - ela titubeou antes de proferir o nome tão odiado - ao Pastor, Grande-Medrosa - Sim - respondeu a sobrinha, muito séria. - Imploro... Não! Proíbo você de mencionar esse nome de novo para mim - quase gritou

a senhora Sombria Agourenta, com a voz trêmula de raiva. - Você sabe muito bem o que todos nós pensamos do seu comportamento vergonhoso: abandonar os parentes, mostrando-se tão insensível!

Sabe o que aconteceu depois?

6

Sabia que foi esse... Esse seu Pastor quem acusou falsamente meu infeliz filho Covardia que essa mentira o levou à prisão? Meu filho, meu único filho, tratado e condenado a seis meses de prisão, como um criminoso comum!

Graça e Glória, que viera ao chalé com o coração transbordando de amor e compaixão e ansiava ajudar a tia a sair daquela tristeza que ela mesma já conhecera, não conseguiu pensar em nada para dizer. Ela tinha lembranças pessoais do horripilante Covardia e sabia muito bem que algumas vítimas desafortunadas haviam ficado felizes pelo Pastor havê-las livrado das garras dele. Além disso, talvez um período na prisão fosse uma lição salutar, embora amarga. Não achava, porém, que fosse o melhor momento para dizer isso à mãe dele. Assim, ficou sem saber o que dizer. Graça e Glória pensava consigo mesma que o incrível contraste com tudo o que ela imaginara encontrar tornava tudo indescritivelmente difícil. Como as coisas pareciam diferentes, vistas lá dos Lugares Altos, no

Reino do Amor, onde todo pensamento é de amor e onde suas companheiras, Alegria e Paz, estavam sempre com ela! Lembrou-se de como, havia pouco tempo, estivera sentada ao lado do Rei nos jardins reais e de como olharam para o vale ali embaixo, sentindo o coração doer e palpitar com o desejo de ajudar os parentes dela. Nada parecia muito difícil para o amor alcançar, bastava salvá-

los e libertá-los das coisas que os atormentavam e às quais estavam escravizados. No entanto, ali, face a face com a realidade, como tudo parecia diferente, quase insuportavelmente diferente! Ali estava sua tia, encarcerada no próprio sofrimento, sem conseguir pensar em mais nada nem se interessar por mais nada, pois todos os seus pensamentos eram prisioneiros de sua desdita. Ali, fora do Reino do Amor, era como viver num mundo de "trevas", em que não existia o amor. Graça e Glória pensava, desesperada: Como descer à masmorra da minha tia e tirar-lhe as algemas das quais ela, na verdade, parece gostar e não querer se libertar? Como recomendar-lhe o único Libertador, se ela acreditava ser ele a causa de toda a sua infelicidade? Sim, na verdade, era bem diferente sentir o anseio compassivo de ajudar e salvar lá no alto, na glória e na luz do Reino do Amor. Mas como fazer isso ao imergir na verdadeira realidade? Como alcançar o coração encarcerado numa prisão inexpugnável, ou pelo menos despertar um fugaz desejo de libertação?

Graça e Glória lembrava-se de todas as conversas que tiveram nos Lugares Altos e de todos haverem concordado em que aquele era o melhor momento para ajudar a senhora Sombria Agourenta e sua família, pois as adversidades que caíram sobre eles por certo fariam com que desejassem a ajuda do Pastor, mas agora constatava que não era assim. Vinham-lhe à mente as palavras do Rei: "Preciso de alguém que fale por mim, pois eles não virão a mim por si mesmos".

Lembrava-se também de haver gritado de alegria e de exultação por ser escolhida porta-voz dele, bem como do tom de voz que ele usara ao perguntar: "Graça e Glória, você acha que eles a ouvirão?". O que ela respondeu? "Diga-me o que devo falar, e falarei pelo Senhor". De repente, pensou: Sim, essa é a resposta.

Ele me dirá o que falar. Ele tem de me ensinar. Não posso dizer nada agora, mas vou procurá-lo. Conto-lhe tudo e peço que me ensine o que fazer e como chegar à prisão da minha tia. Contudo, ela fez uma última tentativa de abrandar o antagonismo da tia para com ela: - Queridíssima tia, espero que você me deixe vir aqui de vez em quando para vê-la e fazer o que puder para ajudá-la. Quem sabe da próxima vez você me deixa contar como fui libertada de todos os meus medos e mágoas.

- Obrigada, Grande-Medrosa - falou a tia com voz fria. - Mas não estou interessada em ouvir. Já sei tudo o que você vai dizer, e nada disso me interessa. Graça e Glória, sentindo-se como alguém que tentava derrubar uma fortaleza inexpugnável com um frágil cristal, levantou-se e preparou-se para sair. Passou os braços em volta da tia e beijou-lhe a face fria e impassível, dizendo com suavidade: -

Apenas me deixe amá-la, tia Agourenta.

Deixe-me reparar de alguma forma meu desamor do passado. Deixe-me vir aqui visitar você e minha prima Desanimada e ajudá-las como puder. Entretanto, a única resposta que recebeu foi esta: -

Grande-Medrosa, você escolheu seu caminho, e esse não é o meu caminho. Não hesito em dizer que, embora a desdita tenha se abatido sobre mim e a boa sorte tenha sorrido para você, não desejo de forma alguma que você sinta pena de mim nem que me trate com condescendência. Posso estar prostrada, desolada e desamparada, mas não serei tratada com condescendência. Não precisa se incomodar em me visitar outra vez. Graça e Glória deixou o chalé muito triste, a se perguntar se a realidade poderia estar mais distante de seus sonhos radiantes e altruístas. Por alguns momentos, sentiu-se quase vencida. No entanto, chegar ao chalé em que ela e Misericórdia haviam morado e encontrar a amiga e a senhora Valente alvoroçadas e alegres com os preparativos da festa, para a qual o próprio Pastor-Chefe havia sido convidado, ver Alegria e Paz (que ela deixara no chalé, pois, se levasse as duas criadas para visitar a tia infeliz, esta com certeza pensaria que

estava querendo se mostrar) e receber a amorosa saudação delas foi um bálsamo para seu coração.

Então disse consigo mesma: Da próxima vez que visitar tia Agourenta, levarei Alegria e Paz comigo.

Antes da chegada dos convidados, a alvoroçada senhora Valente só teve tempo de puxá-la de lado e sussurrar: - Então, minha querida, como você se saiu e que tipo de recepção recebeu da pobre Agourenta? - Ela me disse que era para eu nunca mais visitá-la - respondeu Graça e Glória com pesar. - Seria uma pena se ela falou sério. - Você não imagina a quantidade de vezes que ela me disse a mesma coisa! - replicou a senhora Valente, animada. - Ela protestaria de imediato se eu a levasse ao pé da letra. Nunca preste atenção às coisas que a pobre Agourenta diz minha querida.

Ela está faminta de amor, mas não faz a menor idéia de que é disso que precisa. Apenas continue a amá-la, pois o amor sempre vence. A senhora Valente, como se pode imaginar, também esteve com o Pastor nos Lugares Altos e usa no coração a florida planta do amor, que a torna cidadã daquele reino. Naquele momento, ouviram passos do lado de fora e o som de vozes alegres e risonhas. O

Pastor-Chefe entrou no chalé rodeado de amigos, e a festa começou. A chaleira cantava sobre o piso da lareira, os convidados conversavam e riam alegremente, o gato amarelo ronronava deitado sobre os joelhos do Pastor-Chefe e o gato branco e preto estava enrolado no colo de Graça e Glória.

Os cães pastores estavam deitados à porta, balançando o rabo. A senhora Valente estava ocupada, enchendo sem parar as xícaras de chá. O chalé era, sem dúvida, o lugar mais alegre de toda a vila -

como se um pedacinho do Reino do Amor tivesse sido transplantado para o vale. O que, obviamente, era o caso. - Se a pobre Agourenta estivesse aqui! - suspirou a senhora Valente. Em seguida, olhou para o Pastor e viu que os olhos dele estavam fixos nela, como se pudesse ler os pensamentos dela.

A senhora Valente deu um sorrisinho satisfeito e disse para si mesma: Vai dar tudo certo. Ele, mais que qualquer um de nós, quer que isso aconteça. A pobre Agourenta e sua família podem querer escapar do amor dele, mas isso não será fácil.

Então, continuou a andar pela sala, enchendo xícaras e atendendo a todos e, sem perceber, ficou ao lado do Pastor-Chefe, a pessoa mais alegre e agradável da sala.

CAPÍTULO 2

A MONTANHA DAS ROMÃS

(AMOR)

A LEİ DO AMOR

Ao fim do dia, o Pastor chamou Graça e Glória e suas duas companheiras, e começaram a caminhada de volta para casa, aos Lugares Altos. No caminho, enquanto pulavam e saltavam na encosta da montanha, em direção ao pico, já brilhando com a luz vermelha e rosada do sol poente, Graça e Glória pensava na visita que fizera à tia Agourenta. Meditava consigo mesma que precisava conversar com o Pastor-Rei e pedir-lhe que explicasse as coisas que a estavam confundindo antes de retomar ao vale, pois precisava saber que mensagem poderia demover sua tia enclausurada naquela sombria masmorra. Elas tinham "pés de corça", por isso saltavam na encosta da montanha e alcançaram o topo bem depressa. Assim que chegaram ao jardim do Rei, onde estavam hospedadas, Graça e Glória contou-lhe que precisava de ajuda. Ele lhe garantiu que no dia seguinte, bem cedinho, iriam juntos à montanha das Romãs e lá conversariam sobre o assunto.

Graça e Glória encheu-se de alegria e de muitas expectativas. Nunca estivera na montanha das Romãs e amava conhecer os recantos dos Lugares Altos e admirar a gloriosa cadeia de montanhas de novos ângulos. As primeiras horas da manhã, que ela passava com o Pastor-Rei, antes de iniciar o trabalho do dia, eram

sempre as mais felizes de sua vida. Muitas vezes, ele a chamava muito antes de o sol nascer, e conversavam por duas ou três horas antes que alguém aparecesse.

Na manhã seguinte, no momento em que o primeiro brilho rosado de um alvorecer de verão surgiu no pico da montanha, do lado oposto do vale, e a estrela da manhã ainda brilhava no céu, Graça e Glória ouviu a voz do Rei a chamá-la. Ela saltou e seguiu-o depressa. Antes, pararam um pouco para admirar a beleza dos picos brancos de neve que pareciam se erguer em direção ao céu sem nuvens, como que tentando alcançar o primeiro raio de sol, por cujo nascimento ansiavam. O silêncio era de tirar o fôlego. Quando o primeiro raio de sol surgiu sobre a montanha ao longe e o declive branco tingiu-se de um tom rosa profundo, Graça e Glória olhou para o Rei e disse-lhe: *"Espero pelo Senhor mais do que as sentinelas pela manhã; sim, mais do que as sentinelas esperam pela manhã!"*

(Salmos 130:6).

Ele pegou a mão de Graça e Glória, e subiram pulando e saltando em direção à montanha das Romãs.

Enquanto caminhavam, ela entoou um cântico:

8

O pico da montanha na alvorada

Como no início da manhã

O pico nevado da montanha

Procura saudar a alvorada

Também meu coração anseia e busca Tua face

E brilha com graça.

Como os picos ao nascer do sol Elevo minha mente a ti.

Veste-me com glória

Faze-me arder em louvor

Em vestes de amor

De chamas flamejantes.

Em mantos brancos como a neve Eles saúdam seu senhor, o sol.

Também espero teu esplendor, Corro com pés alados,

Agora que nos encontramos, Concede-me doce comunhão.

Assim, cantando e saltando lado a lado, chegaram a uma parte da cadeia de montanhas desconhecida de Graça e Glória. Árvores frutíferas de todas as espécies cresciam em belos pomares, porém havia mais romãzeiras que árvores de outras espécies. Ela já percebera que o Rei gostava mais das romãs que das outras frutas e naquela manhã entendeu a razão de ele as achar tão encantadoras. A romãzeira produzia flores e frutos ao mesmo tempo, ambos vermelho-claro, belíssimos. O fundo das pétalas era pincelado de uma cor que lembrava a alfazema. Assim, com as folhas, de um verde vivo, as flores e os frutos vermelho-claros formavam um quadro admirável contra o fundo azul-turquesa do céu. A emoção deixou-a sem fôlego. As árvores forneciam sombra fresca, e, quando se sentaram ao chão debaixo de uma das maiores romãzeiras, parecia que estavam num pequeno caramanchão, de frente para outra cadeia de montanhas, as mais altas que já vira. - Dize-me, Senhor - disse ela, após um breve momento de quietude, em que descansara ao lado dele, deliciando-se

com aquela presença e aquietando seu coração e sua mente para poder ouvi-lo e aprender tudo o que ele lhe quisesse ensinar -, por que (assim me parece) amas a romãzeira mais que as outras árvores e por que esta montanha é coberta de romãzeiras? -

Estamos nas montanhas das Especiarias - falou o Rei -, uma cadeia de nove montanhas em que crescem meus frutos e especiarias prediletos. Essas romãzeiras são a melhor imagem do primeiro do fruto nônuplo do Espírito, o amor. A romãzeira, como você pode ver, é uma árvore perene, e os povos do Oriente dizem que é seguro deitar e descansar embaixo dela porque os espíritos malignos não ousam se aproximar dessa maravilhosa árvore. As flores são lindas, o fruto é delicioso, e fazemos um suco saudável e refrescante com ele.

O fruto também é repleto de belas sementes. Diz-se que pelo menos uma semente de cada fruto vem do Paraíso. Ela é bela, fecunda, perene, saudável e afasta os espíritos malignos. Você ainda pergunta por que as pessoas acham a romãzeira uma das árvores mais fascinantes? - Posso entender muito bem isso - respondeu ela. - Também notei que a encosta da montanha é o lugar mais bonito de todos os que já vi. Daqui, temos uma visão totalmente nova. Contudo, não é ali, bem abaixo de nós, que fica o vale da Humilhação? - Sim - disse ele. - Você está certa. Diga-me, Graça e Glória, o que você acha desta nova vista? Ela ficou muito tempo quieta ao lado dele, contemplando o cenário. Tentava absorver toda aquela maravilha. Alto, muito alto no céu, elevava-se uma cadeia de picos cintilantes, encobertos por uma neblina de luz tão ofuscante que ela teve de cobrir os olhos.

Em primeiro plano, formando um contraste fascinante com a luz, havia uma montanha bem mais baixa, lindamente modelada em forma de pirâmide, porém negra como carvão, do sopé ao topo, como se tivesse sido varrida pelo fogo - uma grande mancha na paisagem perfeita. Na verdade, o contraste era magnífico. A montanha escura parecia uma proscrita solitária, destruída, incapaz de se esconder do extraordinário grupo de espectadores vestidos de branco imaculado, uma criminosa nua, forçada a permanecer na presença de seus juízes.

Graça e Glória sentiu as lágrimas brotarem ao olhar para a montanha escura e devastada, que contrastava de forma tão terrível

com o resto da paisagem. O que mais a comoveu foi ver que a montanha não conseguia esconder a própria vergonha. Permanecia estática, com cada marca terrível de sua ruína exposta ao exame dos picos imaculados.

Ela olhou para a montanha por muito tempo até que a voz do Rei a chamou de volta de seu devaneio. Ele disse:

9

- Graça e Glória, por que está chorando? - Por causa da vista da montanha das Romãs - respondeu ela com a voz abafada. - Por que uma vista como essa no lugar em que crescem as árvores do amor? O que representa aquela montanha desolada, arruinada, bem ali, em destaque? Por que ela é tão diferente das outras montanhas? O que aconteceu com ela? Por que não fazes algo a respeito, meu Rei? Vemos uma beleza perfeita em todo o resto, e aquela ... aquela pobre coisa arruinada quebra a harmonia da paisagem. Ela também deve ter sido bonita. Tenho certeza de que ela já foi bonita, pois tem uma forma linda. Pergunto-me como consegues olhar para ela agora,da forma em que ela se apresenta. O que aconteceu com ela, Senhor? - Vou lhe contar a história da montanha Negra - disse o Rei com muita gentileza. - Então você vai entender. Como vê, ela é bem visível de minha montanha favorita. O amor olha direto para ela, foi por isso que, há muito tempo, resolvi embelezá-la de forma especial e fazer dela uma das partes mais adoráveis do meu reino. Aquela montanha de solo fértil e rico e encostas voltadas para o sol poderia ser muitíssimo produtiva.

Planejei transformá-la na montanha das Videiras, que produziria em abundância o vinho da alegria e do contentamento. Pedi que meus jardineiros e trabalhadores fizessem plataformas em suas encostas, do topo ao sopé, e nelas plantamos uvas selecionadas e outras belas árvores para fornecer sombra e frutos. Fizemos tudo para que ela fosse perfeita e nos deleitávamos com a perspectiva da produção. Ele parou e ficou em silêncio por bastante tempo.

Por fim, Graça e Glória perguntou suavemente: - O que aconteceu, meu Senhor?

- Ela produziu videiras selvagens - disse o Rei calmamente. - Um inimigo semeou videiras amargas e nocivas, que produziram frutos amargos e nocivos. Além disso, as videiras selvagens se rebelaram, cresceram no solo muito fértil e ficaram fortes e encorpadas, sufocando as videiras que plantei.

Também subiram nas árvores e as estrangularam até a morte. Tudo o que restou foram grandes cortinas e grinaldas de videiras selvagens, cobrindo tudo.

- Não poderias ter feito nada? - perguntou pesarosa Graça e Glória. - Não poderias ter arrancado as videiras selvagens e se livrado delas? - Tentamos fazer isso - respondeu o Rei. - Nós as arrancamos e queimamos, mas os brotos corriam pelo subsolo e apareciam em outro lugar com a mesma rapidez com que os arrancávamos. Também tentamos fazer enxertos de videiras reais, que encontramos em outras montanhas, mas não vingaram. As videiras selvagens eram parasitas. Fixaram-se nas videiras reais e em todas as árvores e sugaram toda a vida ali existente ou as estrangularam até que morressem. Por fim, só restou uma coisa a fazer. Pusemos fogo na montanha, de modo a queimar todas as videiras malignas. Só assim aquelas parasitas selvagens podiam ser destruídas. - E o Senhor vai deixar essa montanha ficar desse jeito, arruinada, desolada e morta? - perguntou Graça e Glória com voz baixa e trêmula.

- Oh, não! - respondeu o Rei com uma expressão adorável, a alegria estampada em seu semblante. -

Vamos cultivá-la de novo e torná-la mais produtiva do que seria antes. As cinzas estão deixando o solo ainda mais fértil e preparando-o para a

ressurreição. Um dia, da montanha das Romãs, veremos todos os picos ao redor olhando para a montanha das Videiras, que será a

mais bonita e a mais produtiva do reino.

Após outro longo silêncio, Graça e Glória prosseguiu: - Começo a entender por que me trouxeste aqui, meu Rei. Já sabias sobre o que eu queria falar. Estou inquieta e perplexa. Poderias me orientar? Posso fazer todas as perguntas que me inquietam desde que fui ao vale da Humilhação e lá encontrei minha tia muito angustiada, sem poder fazer nada para ajudá-la? - Pergunte o que quiser

- disse ele com gentileza. - A montanha do Amor, com esta vista linda, é o melhor lugar do mundo para se fazer qualquer pergunta e receber qualquer resposta. - Então - falou vagarosamente Graça e Glória - quero saber sobre o mal e a tristeza que existe lá embaixo no vale e a causa disso. O que provocou tal devastação? Por que todos os habitantes do vale são infelizes, angustiados e sombrios, embora nem sempre percebam a situação em que se encontram? - Isso aconteceu porque eles desobedeceram à lei real do amor - respondeu o Rei. - O amor é a lei fundamental de todo o Universo. Quando essa lei é obedecida, tudo vive em harmonia, em alegria perfeita e em perfeita produtividade. Quando é desobedecida, o resultado imediato é a desarmonia. Depois surgem angústias e infortúnios de todo tipo. A justiça é a condição de tudo o que está em harmonia com a lei do Universo e, por isso, é justa. A injustiça é tudo o que está em desarmonia com a lei do amor e, por isso, é injusta. O amor que não faz mal ao próximo cumpre a lei que é a base do Universo. A santidade, a felicidade e a saúde são resultados da total separação de tudo o que é contrário à lei do amor, e os santos são aqueles separados para o amor. Os pecadores são pobres infelizes que desobedeceram à lei do amor e, assim, atraíram todo tipo de malefícios para si mesmos, como as coisas ruins de que o vale está repleto. Quando os seres humanos amam, eles cumprem a lei de seu 10

ser. Quando desobedecem à lei do amor, interrompem e frustram a lei da vida. Quando amam, são saudáveis, felizes e vivem em harmonia. Quando deixam de amar e começam a ter pensamentos de inveja, ressentimento, amargura, rancor e egoísmo, começam a

destruir a si mesmos, pois todo o seu ser está envenenado por pensamentos de desamor.

- Meu Senhor e Rei, o que é o verdadeiro amor? - quis saber Graça e Glória. - Como o reconhecemos?

- Eu sou o amor - falou com toda clareza o Rei. Se você quiser saber como é o verdadeiro amor, olhe para mim, pois sou a expressão da lei fundamental do Universo. E, como sempre demonstrei a você e aos demais, a característica do amor é a disposição de aceitar os seres humanos exatamente como são, por mais maculados e destruídos pelo pecado que estejam, e reconhecer a unidade com eles no pecado e na necessidade deles.

É também reconhecer que o coração humano precisa amar e ser amado, e repousa a própria cerne da humanidade.

Pois, a menos que vocês, filhos e filhas dos homens sejam amados e também amem os outros mais que a si mesmos, não se tornarão o que estão destinados a ser: filhos e filhas do Deus que é amor.

Ele então parou de falar no momento em que um grupo de servas do Rei chegava à montanha das Romãs a fim de colher os belos frutos. Enquanto trabalhavam numa encosta perto dali, começaram a cantar.

A letra da canção era assim:

Amor é unidade. Oh, como é doce Obedecer a essa lei!

O desamoroso

Precisa muito do nosso amor.

Ó amor, rogamos, faça-nos um

Com a dor e a necessidade dos homens.

Somos um na necessidade de amor (Demonstremos o verdadeiro amor) Apenas o amor do alto aquece

Faz nosso espírito crescer. "Ama-nos!", nosso coração pede, "Deixe-nos amar" - e viver de verdade!

Também somos um Na necessidade de amar ou de morrer. Amar os outros - a verdadeira felicidade, Amar a si mesmo - a verdadeira mentira!

O amor de si mesmo - a luta interior,

O amo voltado para o exterior - a vida verdadeira.

Amemos e sejamos frutuosos,

Amor é o sopro de Deus, Amor gera amor e

Nova vida nasce da morte.

Não há céu mais doce

Que o encontro de espíritos amorosos.

Quando a canção terminou, a Rei apontou a vasta paisagem na direção da montanha Negra e disse:

- Veja como tudo o que o amor cria está claramente presente na lei do Universo e como todas as coisas formadas e modeladas pelas mãos do Criador, quando obedecem à lei do próprio ser, são capazes de dar a si mesmos e reconhecem que estão unidas às necessidades de todos. Observe como essa lei está escrita em tudo à sua volta.

E Graça e Glória observou. Bem abaixo no vale, estavam as verdes pastagens em que os rebanhos pastavam. Ela imaginou a miríade de folhinhas de grama se entregando voluntariamente para alimentar os rebanhos e manadas. Lembrou-se das incontáveis flores silvestres emanando doçura, beleza e perfume até mesmo em

lugares em que não havia ninguém para apreciar essas virtudes, nenhum expectador para admirá-las, prontas a ser pisadas e quebradas e a vicejar por toda a vida sem receber louvor nem recompensa.

Em seguida, contemplou as árvores do amor à volta deles na montanha, viu como estavam carregadas de frutos que outros colheriam e apreciariam e percebeu como elas encontravam o sentido de sua existência naquele ministério de entrega.

Levantou os olhos para o sol que brilhava no alto, espalhando sua luz e calor livremente sobre todos, sobre o mau e o bom, sobre o injusto e o justo, sobre todos com equanimidade! Percebeu que, naquela doação de si mesmo, na entrega de si mesmo e na disposição de participar e se tornar um com todos que se abriam para receber sua luz e calor, repousava o grande símbolo do amor perfeito.

Ela observou os córregos descendo apressados montanha abaixo a fim de se entregar para revigorar todas as coisas ao longo de suas margens. Para todos os lugares que olhava, percebia na natureza a graça exultante de dar e compartilhar para, assim, tornar-se uma com todos. Em seguida, pensou 11

nas muitas criaturas que desobedeciam à essa lei do Universo: os predadores sempre à caça de alimento para si mesmos, sem dar nada a ninguém, a não ser aos seus filhotes; os parasitas e as videiras selvagens que arruinaram a montanha Negra. Percebeu como todas as coisas eram destrutivas quando não se mantinham em harmonia com a lei do amor e da unidade. Percebeu também que, na verdade, aquela lei estava escrita em cada parte de seu ser e pensou: Amar é algo que dá alegria e também é saudável. É uma grande tristeza rejeitar o amor e viver apenas para si mesmo.

Vejo que tudo é exatamente como ele diz. O amor deve se expressar no doar. Ele encontra seu caminho quando se torna um com os outros, assim como encontrou uma forma de entregar sua vida por nós e, desse modo, ser um conosco! Realmente, toda

tristeza que existe no vale é porque seus habitantes estão desobedecendo a essa lei da existência deles, sem nem mesmo perceber que fazem isso. Enquanto ainda estava sentada pensando em todas essas coisas, o Rei começou a cantar, e esta é a letra da canção. que ele ensinou a Graça e Glória lá no alto da montanha das Romãs: Vivemos por uma lei:

"O amor ama doar-se, e doar-se, e doar-se!"

E essa "lei real"

Estrutura o Universo.

A alegria duradoura

Só existe no coração que compartilha.

A vida se entrega mil vezes e mais

Aos praticantes da grande lei do amor.

O amor que ama alguns, mas não todos,

É muito fraco e pequeno.

Se ama a um, ele perece,

Pois esse amor é humano, não divino.

O amor não gosta de descansar

Até abençoar totalmente o amado.

O amor salta para salvar todos os que caem,

E encontra alegria em entregar tudo.

Quando terminou a canção, o Rei levantou-se e disse:

- Está na hora de voltarmos ao adorável trabalho de se doar e compartilhar.

Depois de dizer essas palavras, dirigiu-se para a encosta da montanha. Juntos, saltando e pulando com seus "pés de corça", desceram em direção ao pequeno tapete verde lá embaixo, onde ficava o vale da Humilhação, que precisava muito de seu ministério de amor.

CAPÍTULO 3

DESANIMADA E RANCOROSA

Amargura e sua mulher Murmuração eram os donos da pousada de Grande Apreensão. O prédio da pousada, com arquitetura pitoresca e cheia de arestas, ficava em meio à sombra das árvores num canto do enorme gramado da vila. De um lado da pousada, ficava o campo de críquete; do outro, havia um agradável jardim, ocupado na hora do chá. Ficava à margem do rio, onde havia barcos para alugar. O bar era limpo e aconchegante e fora pintado recentemente - um agradável lugar de encontro dos moradores da vila. Os fazendeiros de todo o vale, nos dias de mercado, reuniam-se na pousada Grande Apreensão. Amargura e sua mulher não só eram prósperos, como também se orgulhavam de dirigir um negócio respeitável, na verdade, um hotel moderno, agradável e freqüentado pelos "mais distintos cidadãos", entre eles o senhor Temor, que costumava se reunir com os amigos numa sala reservada.

Timidez Covarde, cujo apelido era Mal-Humorado, o irmão mais novo da senhora Murmuração, também vivia na pousada e ajudava no trabalho. Casara-se com Rancorosa, filha de senhora Sombria Agourenta, mas o casamento provou ser dos mais infelizes, pois Mal-Humorado tinha a reputação de ter o temperamento mais instável da vila. Irritava-se facilmente com tudo e com todos, enquanto ela, pobre menina, era conhecida por ter a língua mais afiada das redondezas. Mal-Humorado, pouco tempo após o retorno de Graça e Glória à vila, fora condenado a seis meses de prisão por quase haver matado a jovem esposa após uma bebedeira, quando a espancou para valer.

O pior de tudo foi que isso aconteceu justamente no momento em que toda a vila comentava que sir Receio Poltrão abandonara Desanimada, irmã de Rancorosa.

A honorável senhora Receio Poltrão, logo que se casou, não se dignava visitar muitas vezes Rancorosa na pousada, mas desde a tragédia do abandono pelo marido um laço de sofrimento e pesar pareceu formar-se entre as irmãs, e a desdita provocou uma grande mudança na orgulhosa Desanimada. Desde a doença da irmã, ia todos os dias ao sótão, o mais furtivamente possível, para ver em que podia ajudar e confortar Rancorosa. Talvez o resultado visível dessa atitude não fosse de grande valia, já que Desanimada sempre desprezara os afazeres domésticos e não sabia quase nada de limpeza, cozinha ou enfermagem. Também tinha pouco conforto verbal a oferecer. Fazia tudo em silêncio e com tristeza, um ritual mais melancólico que seu nome. Mesmo assim, aquelas visitas diárias eram o único raio de luz - se é que podemos considerá-las de alguma forma reconfortantes - na infeliz existência da irmã. A constatação de que pelo menos uma pessoa no mundo se importava com ela era um conforto para a alma da pobre e desamparada moça.

A senhora Sombria Agourenta estava tão arrasada com as humilhações e desgraças que haviam se abatido sobre sua família que não havia meio de convence-la a sair de casa e encarar os olhares de curiosidade ou de pena dos vizinhos. Apesar disso, preparava e mandava pequenas porções de comida para a filha - sopas, caldos, ovos ou alguma coisa de que pudesse se privar. Desanimada também não queria, como a mãe, enfrentar os olhares dos vizinhos. Assim, todos os dias esperava o horário de menor movimento nas ruas da vila para ir ao sótão, onde passava a maior parte do dia.

Parecia até que ajudando a irmã encontrava algum consolo para o próprio sofrimento, pois esta parecia imersa em dores ainda mais profundas. Elas não conversavam muito. Contudo, às vezes, quando a pobre Rancorosa vencida pela fraqueza e pelo cansaço caía em angustiado choro, Desanimada sentava-se ao seu lado e segurava de forma desajeitada sua mão (os Sombrios Agourentos tinham dificuldade para demonstrar solidariedade e afeto) sem dizer nenhuma palavra.

Era tudo o que ela podia fazer, mas essa atitude confortava e diminuía o sofrimento da irmã muito mais do que Desanimada podia imaginar. Certa manhã, Desanimada, depois de lavar dois pratos, xícaras e pires trincados, varreu o chão, tirou um pouco de pó da mobília e, pegando sua bolsa de costura, sentou-se ao lado da irmã. Em silêncio, começou a ajudá-la com a costura. Havia uma imensa cesta de peças para consertar. A senhora Murmuração exigia que Rancorosa ajudasse o máximo possível durante a convalescença, e, como ela não podia mais ficar limpando a cozinha, seu trabalho agora era consertar as roupas de cama e toalhas do hotel. Elas trabalhavam em silêncio havia algum tempo, quando ouviram uma leve batida à porta. Olharam assustadas e confusas uma para a outra. Quem poderia ser? Rancorosa evitava a todo custo receber visitas dos vizinhos, e Murmuração as desencorajava com veemência. Quanto mais depressa o triste episódio fosse silenciado e esquecido melhor, e se Rancorosa ficasse fora da vista, sem conversar com ninguém, as pessoas esqueceriam mais depressa o assunto.

Bateram de novo à porta, e aparentemente o visitante resolveu entrar sem permissão, já que ninguém respondia. A porta se abriu, e Graça e Glória entrou na sala acompanhada de suas duas belas amigas, Alegria e Paz.

Rancorosa, ao ver a prima, afundou na cadeira e cobriu o rosto com as mãos, como se tentasse se esconder. Desanimada continuou sentada ao lado da irmã, imóvel e em silêncio, fazendo apenas um leve movimento involuntário, como se quisesse se interpor entre a visitante e a irmã. Graça e Glória avançou até elas e olhou para as primas com ar de súplica. Em seguida, ajoelhando-se ao lado de Rancorosa, passou os braços em volta da figura encolhida e, com lágrimas correndo pela face, disse suavemente: - Oh, Rancorosa! Por favor, não me afaste. Deixe-me ficar um pouquinho com você.

Você não imagina como meu coração sofre desde que retornei do vale há alguns dias e soube do seu sofrimento, Oh! Estou tão contente de também encontrar Desanimada aqui! Fazia muito tempo

que eu não via vocês. Diga apenas que está um pouquinho contente de me ver e que me deixará ficar aqui. Nenhuma das irmãs disse nada, mas Rancorosa, de repente, caiu em lágrimas e encostou a cabeça no ombro da prima ajoelhada, como se afinal a amargura do seu coração encontrasse uma válvula de escape. Elas continuaram assim por algum tempo, sem dizer uma palavra, até que os convulsivos soluços cessaram. Graça e Glória pegou um lenço, enxugou a face molhada da prima e a beijou repetidas vezes. Houve uma breve interrupção. As duas moças altas, despercebidas até então, saíram de seu lugar e disseram com doçura: - Por favor, venham se revigorar! Já deixamos tudo arrumado. Desanimada e Rancorosa olharam para cima, surpresas, e se encolheram, como se estivessem com vergonha ou sem graça. A mesinha feia e descascada estava coberta com um pano.

Sobre a mesa, havia um vaso no qual foram arrumadas algumas flores de aroma suavíssimo, brancas como a neve e com uma coroa dourada no centro. Além das flores, havia pratos com morangos silvestres e mirtilos. Outro prato continha damascos, maçãs e romãs. Havia ainda um pão, 13

um pouco de manteiga macia e um favo de mel fresco - quitutes que jamais haviam entrado naquele sótão soturno nem no lúgubre chalé da senhora Sombria Agourenta. Era o suficiente para despertar o mais débil apetite. Paz estava perto do fogão, derramando água fervente no bule de chá, e Alegria segurava uma garrafa de leite fresco num das mãos e um pequeno pote de creme na outra.

Rancorosa olhou para a irmã e, espantada com tantas surpresas, não encontrou palavras para dizer.

Assim, Desanimada falou com uma voz que tentava imitar o antigo tom arrogante: - Não podemos aceitar caridade. Como se... Como se... - E parou, como se não conseguisse terminar de pronunciar o nome da prima, e acrescentou com voz trêmula: - '" fôssemos pedintes, Graça e Glória. - O que, na verdade, nós somos - acrescentou Rancorosa. - Isto não é caridade - disse Graça e Glória com uma risadinha. - Colhemos esses morangos e mirtilos hoje de

manhã nos Lugares Altos, antes de descermos para o vale. As outras frutas são dos jardins do Rei, e o mel, da colméia real. Minhas queridas primas, ninguém pode achar que está aceitando caridade quando o presente é de um Rei!

As irmãs olharam uma pata a outra. Rancorosa, cujo apetite não fora despertado por nada em sua doença e fraqueza, olhou com desejo para as frutas frescas sobre a adorável mesa. Desanimada, percebendo o olhar da irmã, levantou-se e pegando-a pela mão disse simplesmente: - Muito obrigada a vocês. Rancorosa está tão doente e tão fraca que seria um absurdo recusar a oferta. Como ela disse, não temos o direito de ser orgulhosas. As três sentaram-se à mesa, e Alegria e Paz serviram-nas com desembaraço e amabilidade. Como primeiro ato, cortaram o pão em tentadoras e finas fatias. Depois serviram os morangos com creme. Enquanto elas comiam, Alegria preparou as maçãs e as romãs, e Paz, os nutritivos e deliciosos ovos mexidos. Rancorosa, a despeito de estar vivendo naquele sótão miserável, sentia-se como uma rainha lisonjeada com finos quitutes. Um leve colorido surgiu em sua face, e uma pequena luz brilhou em seus olhos.

Graça e Glória, enquanto as irmãs se deliciavam com a comida, descrevia para elas os lugares no topo da montanha em que cresciam os morangos, as encostas cobertas de mirtilos, os pinheiros com pinhas aquecidas ao sol, o adorável aroma de especiarias e o zumbido das abelhas nos campos de flores. Relatou-lhes também alguns detalhes dos jardins do Rei e contou-lhes das romãzeiras sob cuja sombra haviam tomado o desjejum naquela manhã. Falou-lhes a respeito do amor que o Rei sentia pelas romãzeiras e da crença dos povos orientais que viviam do outro lado da montanha, segundo a qual nenhum espírito maligno se aproximava da romãzeira por ser a árvore do Amor.

Desanimada e Rancorosa, aos poucos, começaram a se soltar, de início hesitantes em fazer perguntas. Desanimada queria saber da flor branca com centro dourado e de aroma delicioso, que ela nunca vira antes. Graça e Glória ficou um pouco ruborizada ao responder

que eram as flores do amor que cresciam nos Lugares Altos, mas não revelou que colhera aquele buquê exatamente da árvore que o Pastor plantara em seu coração. As irmãs também indagaram da jornada de Graça e Glória, mas ela não parecia capaz de contar muita coisa a respeito disso. Parecia interessada em falar apenas da bondade do Pastor e de como ele a ajudara. Assim, a cada pergunta, voltava a falar do Pastor. As três primas, ao final do delicioso lanche, conversavam com naturalidade, como velhas amigas. Algo novo brotara no relacionamento delas. Mais estranho ainda foi que, enquanto Alegria e Paz recolhiam os restos da refeição, insistindo em levar a louça para o fundo do aposento, algo aconteceu com Desanimada e Rancorosa. Vacilantes e em voz baixa, começaram a contar as próprias mágoas, mas paravam a todo instante, como se alguma coisa as impedisse de continuar. A pobre Rancorosa não proferiu nenhuma acusação quando os nomes de Receio Poltrão, Mal-Humorado e Covardia passaram pelos seus lábios - ela até murmurou algumas desculpas pelo marido. Desanimada, com um forte rubor a lhe marcar a face, murmurou algo a respeito de sua frieza, atitude orgulhosa e inaptidão para o casamento, pois fora incapaz de conquistar e conservar o amor do marido. Graça e Glória, também com certa hesitação, contou-lhes sua experiência. Falou-lhes da planta em seu coração, que ela supunha fosse o amor, mas descobriu ser o egoísmo, esse amor possessivo que ansiava por ser amado, e toda a angústia que ele lhe causara até que, lá no alto da montanha, a planta fora arrancada de seu coração. Contou-lhes também como suas duas companheiras, Tristeza e Sofrimento, transformaram-se em Alegria e Paz nos Lugares Altos. As duas criadas, ao ser mencionadas, sorriram radiantes.

Parecia que, de maneira milagrosa, à medida que ela falava, o sótão abafado e triste se expandira e se transformara. Era como se estivessem sentadas na encosta da montanha, ao abrigo dos pinheiros, com o ar fresco da montanha soprando sobre elas, os picos cobertos de neve brilhando lá em cima e a grande queda d'água entoando uma canção aos seus ouvidos enquanto descia

para o vale. Graça e Glória cantou outro cântico que aprendera na montanha das Romãs.

Ó amor santo!

14

Ò chama ardente!

Por que ainda devo perambular?

Afastei-me do coração de Deus

E anseio voltar para casa.

Emite tua verdade, ó Luz brilhante,

Para que eu possa seguir-te até,

Por fim, antes de a noite cair,

Chegar ao topo de tua santa colina.

Minha alma anseia por habitar lá

No Lugar Santo,

E, quando o véu for desvelado, Ver a face de meu Pai.

Ó tu de quem meu espírito procede

E vagueia nessa selva,

Vê, carrego teu santo nome,

Leva para casa tua filha errante.

Quando ela acabou de cantar, ouviu-se outra batida à porta - um som baixo, porém muito claro.

Desanimada e Rancorosa, mais uma vez, assustaram-se e olharam intrigadas uma para a outra.

Depois olharam para Graça e Glória. Uma cor adorável afluíra à face desta, e seus olhos brilhavam como estrelas. Ela soube no mesmo instante de quem era a mão que batera à porta daquele sótão sombrio. Enquanto as duas primas a fixavam atônitas, novas batidas soaram, agora um pouco mais altas e mais insistentes.

- Oh! exclamou Graça e Glória. - Rancorosa e Desanimada, estávamos falando dele. É o Pastor!Abra a porta e diga para ele entrar. Parecia que cada gota de sangue desaparecera da face já muito pálida de Rancorosa. Ela encolheu-se, lançando um olhar assustado em torno do miserável cômodo e também para sua roupa esfarrapada, que mal cobria as feridas de seu corpo. Ela encolheu-se e cobriu o rosto com as mãos. Por um momento, um silêncio mortal invadiu a sala. Parecia ser possível ouvir a batida do coração de cada uma das mulheres que estavam ali. Então, em meio ao silêncio, bateram à porta pela terceira vez, e uma voz grave e gentil de homem perguntou: - Posso entrar?

Desanimada levantou-se. Tremia da cabeça aos pés, mas tocou o braço da irmã e, sem dizer nenhuma palavra e com ar de súplica, apontou para a porta. Rancorosa, a infeliz e desamparada dona daquele sótão sombrio, atravessou a sala aos tropeços e abriu a porta.

O Pastor, alto, poderoso e de aparência real, mas com um ar de infinita compaixão no semblante, entrou no pequeno cômodo. Rancorosa olhou-o apenas uma vez e jogou-se aos pés dele, pedindo: -

Senhor tenha piedade de mim! Ele estendeu a mão para levantá-la do chão, porém antes que pudesse fazer isso ou dizer alguma palavra, Desanimada, a outrora orgulhosa nora do velho senhor Temor, ajoelhou-se aos pés dele, ao lado da irmã, sussurrando com lábios trêmulos: - Tenha misericórdia de mim também, Senhor... Não me deixe fora da sua graça.

A fisionomia do Pastor, enquanto erguia as duas irmãs e lhes dirigia palavras de amor e compaixão, era de alguém que realizara o desejo de seu coração - do Salvador convicto de que agora podia dar início à obra sobrenatural da salvação. Graça e Glória, com Alegria e Paz de pé atrás dela, observava a cena, dizendo em seu coração: Não, nem mesmo nos Lugares Altos conhecemos uma alegria como esta.

Esse sótão "não é outro, senão a casa de Deus; esta é a porta dos céus" (Gênesis 28.17).

CAPÍTULO 4

A MONTANHA DA CÂNFORA

(ALEGRİA)

A VİTÓRİA DO AMOR

Poucos dias após a experiência relatada no capítulo anterior, o Rei chamou Graça e Glória, mais uma vez, e comunicou-lhe que gostaria de levá-la a outro local dos Lugares Altos. Assim, atravessou com ela a montanha das Romãs em direção à outra parte da mesma cadeia de montanhas. O céu, lá em cima, nos Lugares Altos, acima das nuvens e da névoa do vale, era sempre maravilhoso e sem nuvens, e a luz era tão clara e brilhante que era impossível ter uma visão ampla, enxergar a longa distância. Naquele início de manhã em particular (os momentos de companheirismo e comunhão solitários com o Rei ocorriam, em geral, bem cedinho, antes de se iniciarem os labores do dia), Graça e Glória reparou que, embora lá no alto da montanha tudo estivesse calmo e o céu continuasse limpo, os vales estavam encobertos com vaga1hões de nuvens muito encrespadas. Na 15

verdade, parecia estarem olhando para um mar de águas revoltas, e, de tempos em tempos, das profundezas abaixo deles, ouvia-se o barulho de trovões. Depois de atravessar a montanha das Romãs, chegaram àquela que o Rei disse chamar-se montanha da Cânfora,

pois ela fora especialmente reservada para o cultivo dessa especiaria.

A cânfora, que é o arbusto da hena, crescia ali e produzia o mais agradável dos perfumes e uma tintura muito valiosa.

Graça e Glória olhou em volta com grande deleite. As encostas ali estavam cobertas não de romãzeiras, mas com pequenos arbustos perfumosos, carregados de cachos de pequenas flores brancas que exalavam um doce aroma. Esses arbustos forneciam a especiaria que chamamos

"alegria". O bosque perfumado parecia exercer uma atração especial sobre os pássaros. Graça e Glória nunca vira tantos deles reunidos num só local. Os arbustos ondulavam com o movimento de pouso e partida das aves, que voavam em grandes bandos, tecendo belas formas com sua plumagem brilhando contra o céu. O movimento das asas agitava o ar à medida que mergulhavam no céu ou investiam para o alto, e os adejos pareciam rajadas de vento soprando na encosta da montanha. Todos os pássaros gorjeavam juntos, de forma melodiosa e diversa, como uma orquestra.

O lugar inteiro respirava vida com o bater das asas, as rajadas de vento e os gorjeios. O doce e penetrante perfume de cânfora dos arbustos dominava a paisagem. Tudo era tão agradável que Graça e Glória não pôde se conter: ria alto, banhada em alegria, e batia palmas. À medida que caminhavam ao longo da encosta da montanha, o Rei contou-lhe um pouco a respeito da natureza dos arbustos de canfora, que produzem o fruto da alegria. Explicou-lhe que antes de produzirem o óleo perfumado é preciso que a terra em volta da raiz seja adubada com uma substância amarga.

Essa substância, extraída pela raiz, é transformada no óleo do contentamento. Em certas estações do ano, logo antes das pesadas chuvas de inverno e de a neve começar a cair, antes de os arbustos desbotarem e as folhas caírem ao chão, deixando os ramos totalmente desnudos, os trabalhadores do Rei tratam o solo dessa maneira. O Rei, enquanto contava essas coisas, olhou para sua

companheira e disse com um belo sorriso: - Essa estação é chamada "a noite do pesar", o período em que os arbustos ficam desnudos e derramam a substância amarga no solo para ser lavada pelas chuvas que caem do céu. Já a estação atual é "a manhã da alegria", o período em que os arbustos estão carregados de flores e o óleo está pronto para ser extraído deles, o momento em que todo pesar e todas as experiências amargas são transformados em contentamento. Graça e Glória, escute o gorjeio dos pássaros e veja se entende o cântico deles.

Eles ficaram em silêncio alguns momentos até que, de repente, o gorjeio dos pássaros tornou-se compreensível, um belo cântico que ela podia ouvir claramente.

Era assim:

Ouça os triunfantes chamados de amor!

"A alegria nasce da dor,

A alegria é o pesar às avessas, A dor refeita de novo.

Corações partidos levantam os olhos e vêem

Que essa é a vitória do amor".

Aqui, coisas destruídas se tornam novas, A mácula é limpa,

Há mantos para você, não trapos, E alegria onde havia lágrima.

Onde o pecado é temível, encontramos poder, Agora, a graça é muito mais abundante.

Ouça! Esses cânticos de júbilo! Todas as criaturas cantam,

Magnífica a alegria de toda nação, O amor é o Rei dos reis.

Vejam, cegos! Gritem mudos!

A alegria é a superação da mágoa.

Enquanto escutava o cântico, Graça e Glória relembrava sua longa, amarga e difícil jornada até os Lugares Altos, à época em que Tristeza e Sofrimento eram suas companheiras, quando parecia que a longa "noite do pesar" não teria fim. Enquanto relembrava sua jornada, pensou que nunca ouvira uma canção tão bonita nem entendera tão bem a maravilhosa verdade de que a alegria é a superação da mágoa, quando esta é totalmente transformada.

Então disse para si mesma: Se outras "noites do pesar" me alcançarem, não vou ter medo delas, pois sei que são apenas a estação em que os arbustos reais da cânfora se preparam para produzir o óleo do contentamento. Oh! Como ele tem pensamentos e planos maravilhosos! Como ele é benevolente e bondoso! Seus caminhos de graça precisam ser descobertos! Que eu sempre reaja à mágoa de forma que ela se transforme na alegria dele. Ali e nas encostas cresciam muitas árvores, e eles se sentaram à sombra de uma delas e começaram a conversar.

16

Da montanha da Cânfora, eles avistavam, despontando acima das nuvens e da névoa, os brilhantes os tranqüilos picos cobertos de neve dos Lugares Altos e o topo da montanha Negra. Graça e Glória, mais uma vez, sentiu uma dor quase insuportável diante do contraste entre a alegria e beleza daquela encosta e a desolação da montanha Negra. Ela ouviu a voz do Rei, como que respondendo aos seus pensamentos: - Graça e Glória, você já pensou na alegria que sinto em ser o Salvador?

Pegar algo desfigurado, destruído e arruinado pelo mal e transformá-lo em algo encantador, bom e permanente, algo que não pode ser destruído de novo? Nada pode ser mais compensador que alcançar esse triunfo. O preço pago é compensado pelo amor com exultação e "alegria indizível e gloriosa". Enquanto falava, ele observava o topo da montanha Negra, enegrecido pelo fogo, que despontava acima das nuvens de névoa encaracolada, o semblante

iluminado com amor e alegria indescritíveis. Começou então a entoar outra canção das montanhas, e Graça e Glória ficou deslumbrada com a combinação de mágoa e alegria que compunham a letra e a música.

O clamor de todas as coisas corrompidas:

"Por que nos fizestes assim? Carregar a angústia da vida; Por que não amais a nós?"

Tão destruídas que Deus chora - Boas apenas para refugo.

O clamor de cada coração partido:

"Por que nascemos para isso? A nós coube apenas o mal,

Nenhuma bênção da terra. Por que fizestes que nascêssemos

Se não conhecemos nenhum amor sobre a terra?”

O clamor de cada mente desesperançada ascende diante do trono do amor:

"Olhai-nos, Deus! Ou estais cego?

A culpa é só nossa?

Se estais aí, respondei-nos,

Por que nos fizestes? Ou por que nos fizestes assim?"

E a voz do amor responde da cruz:

"Carrego tudo contigo; Compartilho todas as tuas perdas, Transformarei todas as coisas em novas.

Ninguém sofre sozinho em seu pecado, Eu fiz - eu carrego - eu expio".

Houve um longo silêncio após a canção, depois, o Rei disse: - Graça e Glória, você sabe que "basta ao discípulo ser como o seu mestre" para também aprender a vencer o mal com o bem. Não existe absolutamente nenhuma experiência em sua vida terrena, por mais terrível, sofrida, injusta, cruel ou maligna, que a possa ferir se você permitir que eu a ensine a aceitar a adversidade com alegria e a reagir a ela com júbilo, como eu fiz, com amor, perdão e disposição para carregar o resultado dos erros cometidos pelos outros. Cada provação, cada teste, cada dificuldade, cada experiência aparentemente injusta pela qual você passa é apenas uma oportunidade que lhe é oferecida para subjugar uma coisa ruim e extrair dela algo para o louvor e a glória de Deus. Vocês, filhos e filhas de Adão, são os seres mais abençoados que existem por vivenciar o sofrimento e a mágoa, pois o sofrimento os aperfeiçoa, e o poder de Deus para vencer o mal com o bem os transforma em filhos e filhas dele. Se entender seu destino, você se regozijará com cada experiência de provação, tribulação e até mesmo perseguição que atravesse seu caminho. Você passará a considerar tudo

"motivo de grande alegria". Por causa de Cristo, você sentirá prazer na incerteza, na reprovação, na necessidade, na perseguição e no infortúnio, pois "da fraqueza você tira força". Medite sobre as coisas que lhe contei aqui, na montanha da Alegria, enquanto descemos para o vale. Ali você encontrará as coisas malignas e cruéis que atormentam seus parentes e, isso mesmo, a reação desafeiçoada deles ao seu desejo de compartilhar a alegria que sente. Lembre-se da lição que aprendeu aqui, na montanha, e considere tudo "motivo de grande alegria, pois essa é uma oportunidade gloriosa para aprender a vencer o mal com o bem e compartilhar a vitória do amor.

Assim, seguiram seu caminho, saltando pela encosta da montanha em direção ao vale. Graça e Glória sentia uma nova alegria em seu coração, agora que alcançara uma nova compreensão do propósito do trabalho deles lá embaixo, nos lugares de dor e infortúnio.

CAPÍTULO 5

AMARGURA E MURMURAÇÃO

Alguns dias após os eventos relatados no capítulo anterior, Amargura e sua mulher, Murmuração, estavam sentados na saleta íntima, no fundo da pousada, fazendo a refeição do meio-dia. Parecia que algo inquietava os dois, mas nenhum deles mencionou nada. Amargura comia em total silêncio, e sua mulher estava atarefada com os três filhos, o caçula, - Resmungo, filho e herdeiro, e as 17

gêmeas, as pequenas Soluços e Choramingas, que, com o babador amarrado em volta do pescoço, batiam a colher no tampo da cadeirinha, exigindo atenção. Murmuração vestia os filhos com capricho e tinha motivo para se sentir orgulhosa da aparência e beleza deles. No entanto, as três crianças, apesar da tenra idade, reclamavam de forma ruidosa quando a vontade delas não era satisfeita na mesma hora. Murmuração não conseguia mais se manter calada, virou-se para o marido e perguntou-lhe com raiva: - Bem, Amargura, o que você me diz dessas visitas constantes do Pastor ao sótão, para ver Rancorosa e a irmã dela? Amargura não respondeu e continuou a comer em taciturno silêncio. - Bem! - vociferou a mulher de novo. - Você ouviu o que eu disse? Ou ficou surdo de repente? (Era fácil perceber de quem as queridas Soluços e Choramingas herdaram a determinação de conseguir atenção!) Por fim, Amargura falou. -Acho que não há nenhum mal nessas visitas - foi seu curto comentário. - Oh! Você acha? - retrucou a mulher, enfurecida. - Bem, deixe-me dizer que, se a notícia das visitas do Pastor à pousada se espalhar pela vila, nossa clientela irá se afastar, pois sempre existe a possibilidade de se encontrarem com ele. Isso vai arruinar nosso negócio. Todos o odeiam. -Não existe a mínima possibilidade de ninguém encontrá-lo aqui - disse Amargura. - Ele não impõe sua presença às pessoas. - As pessoas vão começar a falar de nós -

retrucou Murmuração. - Vão achar que estamos sob a influência dele. Não gosto disso. Já tivemos muitos problemas. Pense apenas na forma em que ele convenceu sua prima Grande-Medrosa a

abandonar tudo e ir para as montanhas, e como todos os nossos conhecidos ficaram desgostosos com isso! Não podemos nos dar ao luxo de deixar que suspeitem de nós.

Amargura parou por um instante antes de responder. Depois, falou em voz baixa: - Não sei como alguém pode negar que a melhor coisa que aconteceu à minha prima foi ir com o Pastor. Admito que ela pode até despertar inveja pelo que aconteceu a ela! - Verdade! - exclamou a esposa com as faces cada vez mais enrubescidas de raiva. - Acho que me lembro de você e outros irem atrás da afortunada prima para tentar trazê-la de volta. Acho também que ela estava enfeitiçada o bastante para apedrejá-la. Além do mais, essa tentativa também deixou Orgulho, primo dela, aleijado para sempre! Um leve rubor também cobriu as faces do marido, mas não houve mudança no tom de voz quando de respondeu calmamente- Isso é verdade, mas tentávamos raptá-la à força, e essa foi a única forma que ela encontrou para se defender. Quando penso na atual situação dela e no que teria acontecido se tivéssemos conseguido trazê-la de volta, forçando-a a se casar com Covardia Covarde, não posso deixar de achá-la a pessoa mais afortunada do mundo. - Fez uma breve pausa e, a seguir, levantando um pouco a voz, prosseguiu: - Se o Pastor puder fazer a mesma coisa por aquela pobre infeliz que vive no sótão, realmente não vou tentar impedi-lo. A mulher encarou-o com raiva, mas não como se estivesse surpresa de ele pensar assim. - O que aconteceu com você? -

Interpelou ela, após uma pausa. - Você nunca mais foi o mesmo depois de sua tentativa fracassada de trazer Grande-Medrosa de volta, quando a perseguiu até aquela montanha. O marido continuou a comer com os olhos fixos no prato e depois respondeu, em tom ainda mais amoroso: - Você está certa. Não sou mais o mesmo.

Murmuração olhou-o estarrecida e um pouco aturdida. No entanto, recuperou-se logo do choque e voltou ao ponto principal. -Bem, digo a você, Amargura... E escreva minhas palavras, pois, com certeza, elas serão confirmadas! Se você deixar o Pastor continuar a visitar Rancorosa aqui nesta casa, nosso negócio será arruinado,

totalmente arruinado. O marido levantou a cabeça pela primeira vez e lançou-lhe um olhar profundo. Murmuração percebeu que os olhos dele estavam sombrios de amargura e transmitiam outra emoção que não conseguiu identificar. - Às vezes - disse ele devagar, a voz denotando um leve tom sofrido, acho que não me importaria se o negócio viesse a falir desde que pudéssemos nos livrar de todas as coisas detestáveis que nos rodeiam.

Murmuração ofegou, pois o susto a deixou com dificuldade para respirar, mas logo se recuperou e perguntou, num tom de voz que misturava raiva e acusação: - Você tem conversado com o Pastor, Amargura? Sem falar nada, ele assentiu, balançando a cabeça. - Você tem ido furtivamente ao sótão! - explodiu a mulher. - Como pode fazer uma coisa dessas? Como pode deixar que aquele homem o influencie? Como pode permitir que ele o convença a fazer o que ele quer, a fazer com que você queira tirar o alimento da boca dos nossos pobres filhinhos! Você, sentado aí - continuou cada vez mais exaltada -, vem me dizer que não se importa se nosso negócio falir. Nosso hotel! A pousada mais próspera e bem administrada de todo o vale! Não me admira você ter engolido as palavras! - Escute Murmuração - disse o marido como se, de repente, resolvesse falar tudo com franqueza. - Escute o que tenho a dizer. Que tipo de negócio é este afinal? Pergunte a si mesma com honestidade. Você diz que ele é respeitável e lucrativo. Acredita mesmo nisso? Veja os frutos do negócio, Murmuração. Veja o que aconteceu com seu pobre e desmoralizado irmão Mal-Humorado.

Não fosse nosso "respeitável bar", ele estaria na prisão por quase matar a esposa? Pense naquela pobre menina lá em cima. Ela não só perdeu o filho, mas provavelmente também foi privada da alegria de poder ser mãe. Olhe para nossos filhos e ponha-se no lugar dela.

Ele continuou sem esperar resposta, a emoção e a dor fazendo sua voz tremer: -Veja meu primo Covardia Covarde, pobre coitado. Também está preso por atacar uma pessoa e perturbar a ordem

enquanto estava sob a influência da bebida... Bebida que ele também conseguiu em nosso

"respeitável bar". - Covardia Covarde sempre foi briguento e metido a valentão - interrompeu Murmuração. - Não foi a primeira vez que ele se comportou dessa maneira. Ele apenas conseguiu o que merecia há muito tempo. - Exatamente - concordou o marido, em tom grave. - Só que as explosões de valentia dele sempre aconteceram depois de ele beber, e ele bebe no seu "respeitável bar" desde que deixou a escola. Aliás, como você sabe muito bem, ele bebia escondido muito antes disso. A esposa ficou em silêncio. - E pense no efeito de tudo isso sobre nossos filhos - continuou Amargura com voz embargada pela emoção. - Estremeço só de pensar na possibilidade de esse destino chegar ainda mais perto de casa. Já imaginou se nossos filhos seguirem o mesmo caminho e ficarem sob o domínio da mesma maldição? Você ainda se espanta de eu achar que seria um alívio nos desfazermos deste negócio? Parecia que as palavras dele apenas aumentavam a fúria dela. -

Tudo isso é coisa do Pastor - exclamou ela quase sufocando de raiva. - Foi o Pastor quem pôs esses pensamentos na sua cabeça. O que mais ele lhe falou? Vamos, fale! - Ele disse - respondeu lentamente o marido - que jamais conheceremos a verdadeira paz e felicidade, nem mesmo a verdadeira prosperidade, se não nos desfizermos deste negócio. - Eu sabia! - gritou ela, furiosa. - É

exatamente o que ele diria! Desistir de tudo pelo que lutamos, de tudo o que conseguimos com o trabalho duro de uma vida inteira! Desistir do dinheiro que ganhamos com trabalho honesto, justamente quando estamos ficando ricos? Justo agora que o negócio é o mais próspero do vale? O

que você vai fazer? Orar? O que ele oferece em troca? - Ele nos levará para trabalhar para ele -

respondeu o marido em voz baixa. - Vamos ser pastores! Pastores! - A senhora Murmuração ficou tão agitada que quase sufocou ao falar. - Ele vai nos dar um chalé de quatro cômodos, um gato, um

cachorro e algumas galinhas! Ora, bolas! Enquanto falava, ela olhava através da janela e examinava a propriedade que governava de forma tão competente e com indiscutível controle. Ela contemplou o jardim cheio de flores, a cerca viva aparada do verdejante campo de críquete e o rio com os botes de cores alegres. Através da porta entreaberta, podia ouvir o tilintar de copos no bar e o som de vozes e risadas ocasionais. Conseguia distinguir a voz do novo barman, um homem competente e experiente, de nome Afiado. Felizmente, ele era bem diferente do fraquinho Mal-Humorado. Ela podia ouvir as moças rindo na cozinha enquanto faziam sua refeição antes de começar o movimentado horário do almoço e visualizou a área de estacionamento cheia de carros e motocicletas. Eles haviam conseguido tudo aquilo com trabalho duro e competência (pois, ponderava Murmuração com complacência, ninguém podia negar que eles formavam um casal esperto e competente) e, nos poucos anos de casados, haviam transformado o velho bar caindo aos pedaços, que Amargura herdara do pai, naquele atraente, moderno e muito bem freqüentado hotel. Agora, o marido, enlouquecido pela influência daquele insuportável Pastor, sugeria que nunca teriam paz, alegria e prosperidade se não desistissem de tudo! Loucura! Insensatez abominável! Ela olhou para o marido, fitou seu rosto triste e infeliz, vislumbrando aquela emoção nova e estranha de dor e inquietação que não abandonava os olhos dele, e seu coração estremeceu por um momento diante da terrível possibilidade de perder seu reino. Então reuniu suas forças e determinou consigo mesma que não abriria mão de nada. Lembrou-se de que era a mais forte dos dois e que estava em suas mãos impedir aquela catástrofe. Assim, forçou uma risada como se, de repente, achasse tudo muito engraçado e decidiu levar as palavras do marido na brincadeira. - Pobre Pastor! - disse ela. - Com certeza, é excêntrico e fanático, mas vai descobrir que essas idéias esquisitas não vão encontrar solo fértil aqui. Temo que, se ele tentar forçar a entrada, terá a mesma recepção que teve hoje cedo no chalé da senhora Agourenta. O marido não disse nada, por isso ela continuou, rindo com prazer enquanto falava: - Hoje, enquanto andava pela vila, vi a bondosa senhora Valente, com o Pastor a reboque, abrir o portão do chalé da senhora Agourenta e bater à porta. Fiquei um pouco

curiosa e esperei para ver o que aconteceria, e o que você acha que aconteceu? A senhora Agourenta, enrolada no xale mais feio e velho que já vi, abriu uma fresta da porta. A senhora Valente, sem perceber a perturbação da senhora Agourenta, disse com aquela voz irritantemente animada: "Aqui está ele, querida Agourenta!", e tentou entrar. A pobre senhora Agourenta emitiu um som que parecia um grasnado e desandou a falar: "Você não vê que não estou vestida para receber ninguém?", e bateu-lhe a porta na cara. Acho que ele não vai querer voltar tão cedo à casa dela!

19

Pensei que ia passar mal de tanto rir! A lembrança do incidente parecia ter o mesmo efeito perigoso sobre ela, pois quase engasgou de tanto rir. Enquanto ainda ria e enxugava as lágrimas, uma voz suave falou através da porta semi-aberta atrás dela. - Posso entrar? Gostaria de falar com você. - E, sem esperar resposta, o Pastor entrou na sala. Bem, uma coisa era zombar do Pastor pelas costas, e outra bem diferente era enfrentá-lo cara a cara. Havia algo tão régio e imponente na atitude dele que sua presença chegava a dar medo. Num instante, Amargura pulou da cadeira e puxou a melhor poltrona para o Pastor, e seus modos, apesar da fisionomia sombria e abatida, demonstravam uma vivacidade contida, como se a visita não fosse de modo algum indesejável. Murmuração parou de rir, e a expressão de desdém em seu semblante, como que por encanto, sumiu, e ela se ouviu dizendo ao visitante que acabara de rotular de excêntrico e fanático e a quem ameaçara bater a porta na cara: - Por favor, sente-se. O Senhor aceita um refresco? Ele sacudiu a cabeça, sentou-se na poltrona e disse calmamente para Amargura: - Meu amigo, você pensou sobre o que lhe disse da última vez em que nos encontramos? - Sim - disse Amargura baixinho, num tom estranho, muito diferente do vozeirão áspero habitual. - Sim, minha esposa e eu discutíamos justamente a respeito do que o Senhor disse. O coração da senhora Murmuração sofreu um baque ao ouvir o marido, mas estava determinada a resistir à influência do Pastor sobre ele e a não permitir que ele a fizesse perder o reino em que seu coração residia. Não disse nada, mas reuniu toda a sua força de

vontade e todas as suas energias com o propósito de resistir ao Pastor. Contudo, contra a própria vontade, levantou os olhos e o encarou. Viu que ele a olhava como se pudesse ler seus pensamentos, porém havia no semblante dele um ar de terna compaixão que a surpreendeu, e ela sentiu, com algum temor, que talvez ele pudesse derrubar suas defesas. Ainda sem dizer nada, concentrou com mais determinação em sua capacidade para resistir. - É difícil para um rico entrar no Reino do Amor -

disse o Pastor, dirigindo-se a ela. - Por quê? - perguntou a senhora Murmuração, apertando obstinadamente os lábios. - Por que ninguém pode amar a Deus e também ao dinheiro - disse o Pastor. - Isso não é possível.

- Se o Senhor me desculpar - disse a senhora Murmuração com voz fria -, gostaria de dizer que não posso ser acusada de não amar a Deus. Vou regularmente à igreja (sempre que o hotel permite), contribuímos com mais generosidade que a maioria das pessoas para as obras de caridade, as que achamos que merecem nosso apoio, e todos os meus filhos foram batizados. Quanto a amar o próximo - como a mim mesma (suponho que essa é a próxima coisa que vai mencionar), tenho certeza de que ninguém pode me acusar de ser injusta, mesquinha ou insensível com alguém. Não há uma coisa sequer pela qual o Criador possa me condenar. Na verdade, o fato de meu marido e eu termos um negócio próspero nos permite agora contribuir com mais dinheiro para as obras de caridade. Acredito que o Senhor está errado quando diz que a pessoa não pode amar o Criador, o próximo e as posses ao mesmo tempo. - Você ama essa pobre moça que mora no sótão?

- perguntou o Pastor com muita calma e gentileza. Um rubor de raiva aflorou às faces da senhora Murmuração. - O que ela andou dizendo de mim? - perguntou ela através dos lábios comprimidos. -

Nada - disse o Pastor ainda com muita calma, mas enquanto ele falava seus olhos passeavam pela sala confortável e arejada em que estavam sentados e pousaram na mesa servida com fartura. - Não posso deixar de imaginar que, se você a amasse como a si

mesma, ela não estaria deitada naquele sótão abafado, fraca e doente como está, nem estaria sobrevivendo a pão e chá e alguma coisinha extra, quando alguma alma bondosa traz algo para ela. O rubor na face da senhora Murmuração ficou ainda mais visível quando ela respondeu: - Ela está deitada há meses e não pode fazer seu trabalho. Contudo, não a expulsei da minha casa nem exigi que pagasse aluguel. O Senhor espera que eu a alimente como uma princesa enquanto ela fica deitada à toa e, ainda por cima, que eu arque com a despesa de contratar outra pessoa para fazer o trabalho do desavergonhado do marido dela, esse homem que trouxe a desgraça para nossa casa? - Você sabe a resposta a essas perguntas - disse o Pastor, e, dessa vez, sua voz era firme, intimidante, mas ele suavizou o tom quando acrescentou: - Repito: é difícil um rico conhecer o verdadeiro amor. - Por isso - gritou Murmuração, tomada pela cólera - o Senhor vem aqui exigindo que abramos mão de tudo o que conseguimos com nosso trabalho, de tudo o que conseguimos com nosso esforço e labuta! - Sim -

disse o Pastor, levantando-se. - Sim, Murmuração, abra mão de tudo. A riqueza está prejudicando você. Está endurecendo seu coração. Ela a envenena. Abra mão dela. De que adianta você ganhar o mundo todo e perder sua alma? - Não abrirei mão de nada - disse Murmuração, perdendo o controle de repente e batendo o pé. - Não abrirei mão de nada, e digo mais: nada sobre a terra permitirá que o Senhor tire de nós o que nos pertence por direito. Nada! - repetiu ela com fúria. - Tudo isto me pertence, e o Senhor jamais vai tirá-lo de mim! A piedade e a compaixão no semblante dele e a 20

furiosa obstinação no rosto dela contrastavam de forma notável. - Antes de ir, tenho de dizer uma coisa a você, Murmuração - retrucou o Pastor em tom calmo e compassivo. - Se você não aprender agora como o apego às riquezas terrenas é fútil e nocivo, terá de aprender do jeito mais difícil. - Em voz baixa, acrescentou: - Como é possível que você se deixe aprisionar como uma escrava desamparada e infeliz ao seu dinheiro e às suas posses, se foi criada para a liberdade e para a alegria do Amor? Depois disso, o Pastor olhou

através da sala para Amargura. Este permanecera em silêncio durante toda a conversa entre a mulher e o visitante. Agora, ali de pé, com os olhos apreensivos e suplicantes fixos no semblante do Pastor, ouviu quando foi chamado: - Amargura venha comigo. Ele virou-se e saiu da sala. Amargura deu um passo atrás dele, porém sua mulher o agarrou, chorando convulsivamente, prendendo-o com toda a sua força. - Não vá! - gritou ela. -

Pense em nossos filhos! Pense em mim! Você vai perder tudo. Ele exige tudo. O marido permaneceu sereno, encostou a cabeça contra a parede e soltou um gemido de agonia. - É muito difícil -

murmurou, sem esperança, o pobre homem rico. - É tão difícil que é impossível dar esse passo. Pela porta entreaberta, chegou a voz clara e gentil, mas desafiante, do Pastor:

- Para os homens é impossível, mas para Deus tudo é possível. Ouviu-se em seguida o som de passos se afastando e de uma porta se fechando. Na rua da vila, a senhora Valente viu quando o Pastor saiu da pousada e correu ansiosa ao encontro dele. - Oh! - exclamou ela. - Aí está o Senhor!

Por favor, por favor, venha comigo! A pobre senhora Agourenta está como louca desde que, esta manhã, fechou a porta para o Senhor. Ela tem medo de que o Senhor nunca mais se aproxime dela.

Ela perdeu toda a esperança de obter sua ajuda e acha que depois dessa rejeição o Senhor a deixará à mercê da sua infelicidade. Por favor, venha agora! Ele desceu a rua silenciosa ao lado dela, e adentraram o jardim tristonho e tomado por ervas daninhas do chalé da senhora Sombria Agourenta. O Pastor levantou a mão e bateu na porta fechada. A porta abriu-se um pouco, e o rosto pálido e triste da senhora Agourenta espreitou furtivamente. Ao ver o Pastor, ela encolheu-se toda, como se esperasse levar um golpe. Ele esperou, sem dizer nada, apenas olhando para ela. Por fim, a dona do chalé, tremendo da cabeça aos pés, abriu a porta um pouco mais, e o Pastor entrou.

Vendo-o que acontecera, a jovial e maternal senhora Valente fez meia-volta e correu em direção à rua como se tivesse enlouquecido.

Ela atravessou correndo a porta da pousada subiu a escada dos fundos e, sem bater, irrompeu sótão adentro. Ali, Desanimada e Rancorosa trabalhavam juntas ao lado da grande cesta de roupas para consertar.

Elas levantaram os olhos, atônitas, quando ouviram o ruído da porta se abrindo e viram a senhora Valente de pé diante delas, rindo e chorando enquanto tentava recuperar o fôlego. - Sua mãe... -

disse ela ofegante, e por um momento não conseguiu dizer mais nada. Depois, numa explosão de alegria e lágrimas, soltou sua maravilhosa novidade: - Sua mãe acaba de receber o Pastor em seu chalé!

CAPÍTULO 6

A MONTANHA DO NARDO

(PAZ)

A EXPİAÇÃO FEİTA POR AMOR

O Rei levou Graça e Glória à montanha do Nardo, ou da Paz, a parada seguinte na cadeia de montanhas das Especiarias. Na encosta dessa montanha, crescia uma variedade de arbustos que precisavam de terras altas, pois era necessário que ficassem bem acima das nuvens e da névoa que muitas vezes encobriam as encostas das montanhas mais baixas. O nardo real não podia ser produzido em nenhum outro lugar do mundo, mas crescia em abundância nos Lugares Altos. Era dessa encantadora planta medicinal que o Rei produzia o famoso bálsamo da paz, um grande conforto para toda inquietação, dor ou febre. Era extraído da raiz do arbusto na forma de óleo aromático. Todos os habitantes dos Lugares Altos carregavam consigo urna porção desse óleo, em especial nas visitas ao vale lá embaixo, e também se ungiam todos os dias com o óleo. Por essa razão, Graça e Glória deliciava-se em contemplar os arbustos, dos quais era extraído o óleo, os quais cresciam com tanta abundância que a encosta da montanha estava revesti da com a planta.

Ela também descobriu inúmeras correntes de água e córregos que desciam a montanha, levando o alimento do qual a raiz dos arbustos extraía e armazenava a propriedade curativa da paz. A montanha do Nardo era uma verdadeira "fonte de jardim, um poço de águas vivas, que descem do Líbano" (Cântico dos Cânticos 4.15). As raízes dos arbustos, ávidas e sedentas, procuravam a água ao longo das margens, aceitando e bebendo tudo o que as correntes de água traziam para elas. Não 21

rejeitavam nada, aceitavam tudo com alegria e depois transformavam os nutrientes num maravilhoso e aromático bálsamo

curador. Enquanto caminhavam entre os arbustos, o Rei explicava a Graça e Glória a verdadeira natureza da paz, a qual só alcançamos ao aceitar com alegria tudo o que Deus permite que venha a nós ao longo da jornada da vida, e a natureza dos córregos do prazer, que descem cantando dos Lugares Altos: "Tenho grande alegria em fazer a tua vontade, ó meu Deus".

Assim, as correntes de água e os riachos regam o solo para que ele alimente os arbustos da paz.

Depois, ensinou outro cântico das montanhas para ela:

Na aceitação, repousa a paz,

Ó meu coração, aquieta-te;

Deixa cessar tuas inquietações

E aceita a vontade dele.

Pois este teste não é tua escolha,

Mas dele - por isso, regozija-te.

No plano dele não há nada

Para te entristecer:

Se essa é a escolha dele para ti,

Aceita-a e sê feliz.

Faça disso algo adorável Para a glória de teu Rei.

Basta de suspiros e murmúrios,

Canta a adorável graça dele, Pois isso que te aflige representa teu futuro Num lugar de abundância.

De teus temores ele te libertará

Na aceitação, repousa a paz.

No meio do pomar de arbustos, a água das piscinas e os lagos formados pelas incontáveis correntes de água curativa fluíam até desaguar num grande reservatório de água azul, semelhante à safira.

Nessas piscinas e lagos, nadavam peixes de cores brilhantes, como maravilhosas jóias vivas, saltando no meio do tapete de vitórias-régias. A paisagem era de uma beleza encantadora, porém talvez a coisa mais deliciosa e reconfortante fosse o agradável silêncio e a calma que a tudo afagavam, pois a montanha situava-se um pouco atrás das outras montanhas, que a protegiam dos ventos e das tempestades. Era tão silencioso lá no alto que só aos poucos se tornavam audíveis o murmúrio das correntes de água, o suave zunido das abelhas, alguma nota ocasional emitida por um pássaro e o arrulho dos pombos que faziam seus ninhos nos arbustos da paz. O Rei e sua companheira, ao chegar ao grande reservatório, sentaram-se no declive acima dele. Lá, do topo da montanha, podiam ver bem lá embaixo o vale da Humilhação. Aliás, o Rei explicou que o caminho mais curto dos Lugares Altos para o vale era através da encosta da montanha do Nardo, mas acrescentou que as chuvas e tempestades, tão comuns nas partes mais baixas das montanhas, em geral eram mais fortes e violentas exatamente na encosta em que estavam sentados. Às vezes, podia-se até ouvir com bastante clareza os trovões e relâmpagos rasgando as nuvens abaixo do local em que estavam. Contudo, a quietude do vale da Paz, no Lugar Alto da montanha, não era perturbada nem mesmo por um sopro de qualquer tempestade que caísse. Os dois ficaram sentados algum tempo, em absoluto silêncio. Graça e Glória não podia deixar de comparar a profunda tranqüilidade e paz daquele lugar com as cenas de angústia e agitação que vivenciara antes de subir para os Lugares Altos, nem com a vida inquieta e tensa dos habitantes do vale lá embaixo. Ela pensava nos muitos parentes cuja vida interior era tumultuada e atormentada por medos,

amargura, raiva, inveja, avareza, rivalidade e maldades de toda espécie. Pensou também nas tristezas e angústias que os habitantes da cidade da Destruição, situada no litoral do grande mar, não muito longe do vale da humilhação, carregavam no coração. Recentemente, visitara a cidade com o Rei, e algumas coisas que vira e ouvira por lá ficaram gravadas em sua memória. Lembrava-se da piedade e compaixão que os trabalhadores do Rei daquela grande cidade sentiam pelos habitantes e também de como sentiam ser um com todos os degradados, miseráveis e desamparados, no meio dos quais trabalhavam. Às vezes, ficavam desesperados com o sofrimento que viam à sua volta, em especial por causa da piedade e da angústia que lhes despertavam as crianças inocentes nascidas naquele ambiente de maldade e degradação. Elas não tinham escapatória: estavam condenadas a ser corrompidas e a enfrentar sofrimento e infortúnio ainda mais profundos. Graça e Glória, enquanto pensava nessas coisas, deu um pequeno suspiro. Tinha a impressão de que toda a paz, beleza e encanto dos Lugares Altos fora eclipsado e obscurecido, como se fosse errado estar sentada ali,

"nas regiões celestiais", enquanto a vida no vale lá embaixo era tão cruel e assustadoramente 22

diferente. Que direito tinha ela de desfrutar tantas coisas belas e boas enquanto muitos outros jamais teriam a menor oportunidade de experimentar aquelas alegrias. Na verdade, talvez nem mesmo soubessem da existência do Rei do Amor, ao lado de quem ela estava sentada. Então ouviu a voz dele dizendo: - Graça e Glória, é correto e é uma bênção que você comece a sentir a angústia do sofrimento do mundo e a entender sua unidade com todas as vidas maculadas e corrompidas; que comece a compreender o que isso representa para o coração do Amor e a perceber que o amor não pode descansar enquanto o mal não for vencido e consumido. No alto desta montanha, queria que você aprendesse a verdade de que o amor não pode descansar até que a verdadeira paz reine, até que a paz, a harmonia perfeita com a lei do amor, esteja no coração de todos os homens. Esse é o estímulo propulsor e o motivo de todo

testemunho e do ministério de amor em que você está sendo treinada. Pois o amor deve compartilhar com os outros, senão ele morre.

Tenho de dar aos outros tudo o que recebi, ou ele deixará de ser amor. O amor só pode viver em seu coração à medida que se propaga por meio do compartilhamento. O amor é a força motriz que condiciona os que me amam a enfrentar tudo, até a morte, a fim de levar as boas-novas do amor de Deus àqueles que nunca as ouviram.

Isso é amor pelo Cordeiro de Deus, que carrega o pecado do mundo e ainda deve carregá-lo e sofrer com os pecadores até que toda criatura maculada pelo pecado, por fim, se afaste de seu pecado e busque o poder libertador dele.

Pois o Amor, enquanto o pecado persistir, corromper e arruinar suas criaturas, não poderá descer da cruz nem deixar de carregar o pecado do mundo.

Quando ele terminou de falar, um pesado silêncio se apoderou da montanha do Nardo, como se todas as coisas vivas se curvassem em adoração. O Rei quebrou o silêncio quando começou a entoar um cântico.

Estas são as palavras do cântico que Graça e Glória ouviu, mas nenhuma palavra pode expressar seu sentido pleno:

O Senhor é o Amor, ele ouve todo clamor,

Sua bondade transborda,

Nenhum coração ferido é ignorado por ele

Nem deixado sem conforto.

Ele, em seu amor, inclina-se para estar

Em cada sofrimento nosso.

O Senhor é o Amor.

O Amor expulsa o medo!

Ele quebra todas as cadeias do pecado;

O gemido do coração doente de pecado ele ouve

E sente toda a sua dor.

Não há erro que o homem cometa

Que o Cordeiro de Deus também não sofra.

Ó, entenda se puder!

(É o Amor quem suplica)

Sempre que você fere um filho do homem

O Filho de Deus também sangra.

E o coração de Deus só pode parar de doer

Quando todo pecado estiver morto.

CAPÍTULO 7

O RESGATE DE AUTOPIEDADE

A senhora Valente, num alvoroço de felicidade e energia, estava ocupada com as tarefas matinais do chalé. Através da porta aberta da cozinha, ela podia ver, no jardim, a galinha marrom que ensinava a nova ninhada de pintainhos amarelos a achar minhocas e petiscos. Os patinhos chapinhavam no riacho, e o gato amarelo pestanejava ao sol enquanto as abelhas zuniam por todo o jardim. No chalé ao lado, Misericórdia cantava enquanto fazia seu trabalho. Que dia maravilhoso! Disse para si mesma a senhora Valente. O tipo de dia em que alguma coisa especial pode acontecer. Espero que o horrível almanaque da pobre Agourenta não preveja calamidade para hoje. Será que devo ir vê-ia?

Queria tanto saber o que aconteceu depois que o Pastor entrou em seu chalé! No momento em que 23

pensava assim, ouviu o portão se abrindo. Olhou para fora e viu uma mulher alta, com um belíssimo xale estilo oriental bordado com cores vibrantes, cujos desenhos eram feitos com fios dourados e prateados que cintilavam à luz do sol, tornando a peça de uma beleza quase ofuscante.

A atenção da senhora Valente foi arrebatada pelo xale de cores vibrantes. Estava tão atônita e tão absorta com o fato de uma mulher trajada de forma tão deslumbrante entrar em seu jardim e caminhar em direção à porta da cozinha que, por um momento, não reconheceu a recém-chegada.

Assim que reconheceu aquela mulher, perdeu o fôlego, maravilhada. Seus olhos ficaram enevoados pelas lágrimas de alegria, e tudo ficou indistinto. - Agourenta, minha querida! Mal acredito em meus olhos! - exclamou ela, quando conseguiu controlar a voz. – É você mesmo? Estava pensando em você, se devia ir vê-la. Mas isto é mil vezes melhor! Sente-se aqui no alpendre e deixe-me olhá-la. É:

realmente você, não é Agourenta? A senhora Sombria Agourenta avançou, um pouco hesitante, aproximou-se da amiga de longa data e fez algo que nunca fizera desde que eram meninas: pôs os braços em torno dela e beijou-a. - Sim, sou eu mesma - disse com uma risadinha tímida.. - Acho que você, Valente, deve estar se perguntando o que estou fazendo, andando por aí com um xale desses.

- É lindo! - disse a senhora Valente, extasiada. - Nunca vi nada mais encantador, e fica maravilhoso em você, Agourenta querida! Você é tão alta e cheia de dignidade... Exceto quando fica ensimesmada e não abre mão de seu traje sem graça de viúva. Fico feliz em ver que você o deixou de lado. Mas, diga-me, onde conseguiu esse xale extravagante? - O Pastor me deu de presente -

respondeu a senhora Agourenta. - Disse que queria que eu o usasse todos os dias. Caso contrário, minha querida Valente, minha tendência natural seria embrulhar este lindo xale em papel de seda e guardá-lo como uma herança inestimável, algo para ser usado, se tivesse coragem, apenas em dias de festa e em ocasiões muito especiais. Mas a voz do Pastor soou tão firme quando declarou que sua vontade era que eu usasse este xale todos os dias (por mais inapropriado que seja para uma pobre viúva) que não quero desrespeitar o pedido dele. Veja, Valente, ele fez tanto por mim que não posso me recusar a fazer o que ele pede. Ele escolheu-me, velha e triste como sou, para servir a ele, e falou de forma tão reconfortante com a pobre Desanimada e comigo que, realmente, passamos a nos sentir como novas pessoas, que estão voltando a viver. Ele me disse que este xale se chama

"manto de louvor". Deu um quase igual para Desanimada e disse que nos daria "uma bela coroa em vez de cinzas, o óleo da alegria em vez de pranto, e um manto de louvor em vez de espírito deprimido" (Isaías 61.3). Com certeza, Valente querida, quando coloquei este lindo e brilhante xale sobre os ombros, meu antigo e triste vestido cinza ficou feio demais. Por isso, como você vê, deixei de lado minhas roupas de viúva e vesti um dos vestidos alegres e

bonitos que achava ter deixado de lado para sempre. Acho que ainda estou um pouco constrangida - acrescentou, com uma risadinha de acanhamento -, mas vou me acostumar e passarei ausá-lo com mais naturalidade e graça, para glória daquele que o deu a mim. Ela parou um instante, como se tivesse dificuldade para falar, e colocou a mão trêmula sobre o ombro da amiga. - Foi você quem o levou ao chalé, Valente disse ela com suavidade. - Não sei nem como começar a agradecer a você. Todos esses anos você foi uma amiga paciente e fiel e agüentou firme meu triste egoísmo e minha indelicadeza. Se não fosse você, Valente, nada disso teria acontecido. A senhora Valente sentou-se no alpendre ensolarado, segurou as mãos de Agourenta nas suas, com o semblante radiante como o próprio sol e, sem nenhum pudor, deixou as lágrimas de alegria rolarem pela face. Contudo, o discurso nunca fora seu ponto forte, e ela sempre se expressava de maneira mais fluente pelos gestos alvoroçados e amorosos.

Assim, quando conseguiu recuperar a voz, disse apenas: - Agourenta, minha querida, este é o dia mais feliz da minha vida! Vou pôr a chaleira no fogo, e, depois que a água ferver, vamos tomar uma boa xícara de chá. Espere aqui no alpendre enquanto a água ferve. Vou até o chalé ao lado chamar Misericórdia para se juntar a nós. Logo chegou ao chalé da filha. Lá, descobriu com grande alegria que Graça e Glória acabara de chegar e conversava com Misericórdia. Contudo, as duas pararam de falar na mesma hora e olharam para a atônita senhora Valente, que ainda estava com o rosto molhado de lágrimas e exibia um radiante sorriso. - Graça e Glória, como estou contente de também encontrar você aqui! - exclamou. - Isso é perfeito! Sua tia Agourenta está no meu chalé, e vocês duas têm de ir tomar uma xícara de chá conosco. - Tia Agourenta! - exclamaram as duas juntas. -

Oh! Conte o que aconteceu! Há meses ela não sai do chalé.

- Venham e vejam! - convidou animadíssima, a senhora Valente. - Apenas vejam o que o Pastor fez por ela! Vocês duas vão para lá agora, e você, querida Misericórdia, faça o chá. Vou até a rua ver se

tem mais alguém com quem possamos compartilhar nossa alegria! Dito isso, ela saiu rua afora e encontrou-se com ninguém menos que Desanimada, filha da senhora Agourenta, parada ao portão, indecisa de devia entrar ou não. - Senhora Valente! - exclamou Desanimada, sem graça (na época 24

em que estava casada com o filho do senhor Temor, ela fingia não conhecer a antiga amiga da mãe, a pastora). - Por acaso viu minha mãe? Acho que ela estava planejando visitar a senhora. A senhora Valente tomou-a calorosamente pelo braço como se fossem amigas íntimas - como se nunca tivesse sido desprezada nem ignorada pela jovem que agora, com a fisionomia envergonhada, estava diante dela - e declarou com sinceridade: - Sim, ela está sentada no alpendre do meu chalé, e vamos tomar uma xícara de chá. Venha e junte-se a nós, minha querida! Desanimada afastou-se um pouco, com um leve rubor na face. Depois de desprezar e tratar as pessoas com superioridade até sua condição mudar totalmente, sentia-se agora desprezível e envergonhada na frente das pessoas que tratara mal. A senhora Valente, sem perceber coisa alguma, continuou a falar com alegria: - Misericórdia e sua prima, Graça e Glória, já estão lá. Venha querida! Sua presença nos deixará tão felizes! - Graça e Glória também está lá? – perguntou Desanimada com um tom de voz bem diferente. - Obrigada, senhora Valente! Ficarei contente em ir. Assim, entraram no chalé, e que cena encontraram! No alpendre, à sombra das madressilvas, a mesa estava coberta com uma toalha branca, sobre ela as xícaras e pires azuis, o antigo bule de chá marrom e um dos famosos bolos da senhora Valente, tão fresquinho e de aroma delicioso, de dar água na boca. Lá se reuniram, portanto, a senhora Agourenta e sua filha Desanimada, cada uma com seu belo xale, e também a senhora Valente, com o semblante a brilhar como uma manhã ensolarada. Misericórdia sentou-se ao lado da senhora Agourenta, e Graça e Glória, ao lado de sua prima. Alegria e Paz também estavam presentes. Outros membros de ambas as famílias também se juntaram à festa, pois todos os bichos domésticos compareceram. O gato branco e preto atravessou o chalé, andou calmamente até a porta e sentou-se perto do gato amarelo. Os dois bichanos, de

forma ostensiva, lambiam o focinho, antecipando as guloseimas que estavam sobre a mesa, as quais vigiavam atentamente. A galinha marrom, cacarejando alto, apressou-se em se aproximar com sua ninhada, pronta para receber as migalhas, e os patinhos saíram do rio e vieram gingando pelo caminho. Um ou dois cachorros dos vizinhos vagueavam pelo jardim, aparentando desinteresse, como se tivessem entrado ali por acaso. Todos estavam com excelente espírito. Para a senhora Agourenta e para Desanimada, aquilo era muito estranho, como se tivessem sido transportadas para um novo mundo. Como todas tagarelavam!

Compartilhavam as novidades umas com as outras e fizeram as duas convidadas contarem diversas vezes o que havia acontecido com elas, quando o Pastor foi ao chalé. Elas falavam do Pastor com alegria na face e na voz. Quando já estavam esvaziando o terceiro bule de chá, a senhora Tagarela, uma vizinha, juntou-se a elas, louca para contar as novidades. Disse que passava ali apenas para contar que Autopiedade ("Seu primo, você o conhece, Grande-Medrosa!") estava muito doente, e a mulher dele, Desesperança, não sabia mais o que fazer. O médico dissera que era um caso sério de pneumonia dupla e que o paciente devia ser mantido em absoluto repouso, além de ter uma enfermeira dia e noite. - Todas nós sabemos como a pobre Desesperança fica toda atrapalhada com qualquer emergência - atacou a senhora Tagarela, acrescentando com lamentável satisfação: -

Parece que Autopiedade está tão apavorado que, para manter-se quieto, só se morrer.

Receio que estejam passando por um momento terrível. O filho mais novo deles, o pequeno Abatimento, rola pela casa toda sem ninguém para tomar conta dele. Fica no caminho de todo mundo, cai perto do fogo... Assim, vai acabar morrendo queimado ou escaldado. É um terrorzinho!

Ninguém consegue fazer nada com ele. Não, obrigada, senhora Valente, uma xícara de chá é mais que suficiente. Foi muito revigorante. Preciso ir muito obrigada. A senhora Tagarela dirigiu um

olhar de curiosidade à senhora Agourenta e sua filha, mas na verdade estivera observando disfarçadamente as duas o tempo todo, enquanto despejava sua história. Partiu para o outro chalé, toda animada para contar as novidades, mas agora com mais um petisco no cardápio... podia contar também que a senhora Agourenta e a filha Desanimada deviam ter herdado uma fortuna em dinheiro, pois estavam enfeitadas, e o estilo de vestir era o mais extravagante que ela já vira. Talvez tivessem forçado sir Receio Poltrão a pagar alguma compensação financeira à esposa abandonada, e agora ela e a mãe andavam na moda! O grupo no alpendre ficou silencioso. Uma a uma trocaram olhares. A senhora Agourenta suspirou e disse: - Meu pobre sobrinho Autopiedade! Sua esposa, Desesperança, é a pior dona de casa que já conheci e não sabe absolutamente nada de enfermagem. - Pneumonia dupla! - exclamou Desanimada, com compaixão. - E sem ninguém para cuidar dele, a não ser sua desajeitada esposa! - A casa está virada do avesso, e aquela infeliz criança sem ninguém para fazer nada por ela - disse a senhora Valente. - Isso é terrível! -

Autopiedade está apavorado - acrescentou Graça e Glória. - Sei como isso é terrível, e não há ninguém lá para lhe dizer uma palavra de conforto.

25

- A enfermeira da vila mora no fim do vale - informou Desanimada num tom de quem contribui para uma montanha de inquietações. - Encontrei-a esta manhã. Ela estava de bicicleta e disse que só voltaria à noite. A senhora Valente levantou-se rápido, com aquele seu jeito de quem está pronta para assumir o comando e organizar uma missão de salvamento. Ela sempre se sentia em casa quando havia alguma emergência. - Temos de fazer alguma coisa por eles agora mesmo - disse, com toda disposição. - Eles precisam de nós, isso é evidente! Essa é a oportunidade que estávamos esperando há muito tempo... Agora podemos entrar no chalé deles. - Sou enfermeira formada - falou Misericórdia com alegria. - Vou agora mesmo me oferecer para ser enfermeira deles enquanto precisarem.

Talvez o médico o envie para o hospital da cidade da Destruição, mas fica tão longe que duvido que se arrisquem a deslocá-lo no estado em que se encontra. - Vou com você! - gritou a senhora Valente. - Vou tentar pôr o chalé em ordem e fazer uma refeição para a pobre Desesperança e seus filhos. Vou tentar convencê-la a me deixar trazer Abatimento comigo. Assim, posso tomar conta dele aqui. - Aviso-a de que será uma função de tempo integral- disse a senhora Sombria Agourenta com melancolia. - Ele é a criança mais indisciplinada, obstinada, barulhenta e destrutiva que conheço. Quebra tudo o que consegue alcançar. Você não vai ter um minuto de sossego, Valente. A senhora Agourenta, como se pode perceber, embora já estivesse usando o

"manto de louvor", acabara de entrar para o serviço do Pastor e ainda não conhecia a linguagem dos Lugares Altos. - Se você se oferecer para ajudar Desesperança - falou Desanimada num tom que fazia jus ao seu nome -, ela vai jogar todo o trabalho e toda responsabilidade sobre você. Ela não levantará um dedo, deixando tudo para você. - Oh, isso não tem importância- exclamaram juntas a senhora Valente e sua filha, Misericórdia, sorrindo uma para a outra, sem o menor desânimo. - Tudo bem. Queremos entrar naquela casa há muito tempo e agora temos uma oportunidade. - Virando-se para Graça e Glória a senhora Valente perguntou, de forma persuasiva: - Você vem conosco, Graça e Glória? Posso pôr a casa em ordem e preparar a refeição, mas não sou boa com as palavras, não tenho muito tato. - Enquanto falava, sorriu com pesar para a senhora Agourenta, lembrando-se de seus desajeitados incentivos, que muitas vezes surtiam o efeito oposto do desejado. - Mas você, Graça e Glória, sabe como ajudar o pobre Autopiedade e o que dizer para ele. Você já foi uma Temor e entende o que ele precisa. - Claro, vou com vocês - disse Graça e Glória. - Não sou enfermeira, nem cozinheira, nem sei nada sobre tomar conta de criancinhas, mas posso me sentar ao lado de Autopiedade e tentar afastar seus medos. Conheço tudo sobre a triste experiência de ter pavor da morte, e talvez agora ele me escute e se sinta confortado. Assim, as três partiram acompanhadas das amáveis criadas Alegria e Paz, todas com a fisionomia radiante, como se fossem visitar o

palácio do Rei. Estavam felizes de poder ajudar a pobre família de Autopiedade. As senhoras Sombria Agourenta e Desanimada, com uma expressão de inveja tristonha, assistiram à alegre e alvoroçada partida delas. De repente, Desanimada exclamou: - Oh, mamãe! Como gostaria que nós duas pudéssemos ir aos Lugares Altos e receber novos nomes... Daí seríamos capazes de ajudar os outros com todo esse amor! - Também queria - concordou a senhora Sombria Agourenta com tristeza. - Só que tenho medo de estar muito velha, minha querida, e de, infelizmente, ter evitado por muito tempo me aproximar do Pastor. Mas acho que, se pedirmos, ele pode levar você. Você ainda é jovem, meu amor, e pode subir montanhas. - Não iria sem você, mãe - replicou Desanimada com firmeza. - Talvez não sejamos dignas desse maravilhoso privilégio. Tenho certeza de que não sou. - Vamos ver o Pastor - decidiu a senhora Agourenta após uma pequena pausa. - Acredito que ele pode levar você, Desanimada. Podemos, pelo menos, perguntar e ver o que ele diz. Ainda é meio-dia, ele e o rebanho devem estar descansando em algum lugar das pastagens. Talvez ele não esteja muito longe daqui. Vamos procurá-lo. Assim, seguiram o caminho percorrido tantas vezes por Grande-Medrosa em direção às grandes pastagens e lá, com grande alegria, encontraram o Pastor repousando à sombra de algumas grandes árvores. Ele as recebeu com tanta graça que mãe e filha recobraram o ânimo. Elas contaram de onde vinham e como a senhora Valente, Misericórdia e Graça e Glória tinham ido à casa de Autopiedade, que estava muito doente, a fim de ver como podiam ajudar. - Ah! - disse o Pastor pensativamente. - Então elas foram tentar ajudar Autopiedade, não é? -

Sim, e pareciam tão felizes por fazer isso! - disse Desanimada com timidez. - Estavam felizes como quando vão para os Lugares Altos com o Senhor, Pastor. É mesmo? - disse ele com um leve sorriso.

- O que você sabe dos Lugares Altos, Desanimada? - Nada - respondeu ela pesarosa -, apenas que é o lugar para onde o Senhor levou minha prima Grande- Medrosa e deu a ela "pés de corça" e

um novo nome. - Ela acrescentou, com veemência: - Oh! Se minha mãe e eu também pudéssemos ir lá!

- Claro que vocês podem ir lá - respondeu de imediato o Pastor. - Vocês precisam apenas pedir que eu as leve. Elas O olharam com alegria, mal acreditando no que tinham acabado de ouvir. Então a 26

senhora Sombria Agourenta perguntou: - O Senhor fala sério? Mas acabamos de entrar para o seu serviço, Pastor, e Grande-Medrosa trabalhou anos para o Senhor antes que a levasse lá! - Vocês demoraram muito mais para entrar para o meu serviço que Grande-Medrosa, mas não precisam esperar tanto tempo quanto ela para pedir que eu as leve aos Lugares Altos. Se vocês realmente (querem ir, posso levá-las agora. As duas se aproximaram, pegaram a mão dele e disseram: - Nós queremos! Queremos isso mais que qualquer outra coisa no mundo. Por favor, leve-nos aos lugares Altos! Assim, poderemos receber um novo nome e ser totalmente transformadas. - Tem uma condição - disse ele, e também dissera isso a Grande-Medrosa.

- Tenho de semear a semente do Amor no coração de vocês, ou não poderão entrar no Reino do Amor do qual os Lugares Altos fazem parte. Ele mostrou a elas as sementes que pareciam espinhos afiados, uma das quais ele plantara no coração de Grande-Medrosa quando ela, trêmula, decidira segui-lo até as montanhas. As senhoras Sombria Agourenta e Desanimada, no mesmo instante, desnudaram o peito para que ele pudesse plantar a semente no coração delas, e ele fez isso com as próprias mãos, marcadas por cicatrizes. Em seguida, ordenou que elas voltassem para casa a fim de se preparar para a jornada, de modo que, quando as chamasse, estivessem prontas para partir. Ele voltou com elas para a vila, e quem eles encontram descendo a rua assim que entram no povoado?

Uma senhora Valente esbaforida de calor, quase sem fôlego, segurando pela mão o pequeno Abatimento Autopiedade. Ela praticamente o arrastava pela calçada. Ele era um menino pequeno,

mas decidido, e naquele momento se mostrava muitíssimo desagradável. Plantara os pés no chão e, com o corpo inclinado para trás, resistia com todas as suas forças, de forma que as veias de seu rosto miúdo de bebê estavam saltadas, e gritava a plenos pulmões:

- Não quero ir! Deixa-me ir embora, velha feia! Não quero ir com você, não quero! Não quero! Não quero! Não quero! Mamãe! Mamãe! -Oh, querida! Pobre e gentil senhora Valente! - gemeu a senhora Sombria Agourenta, voltando na mesma hora ao seu antigo estado de espírito. - Tentei avisá-la que seria difícil ficar com ele. Parece que a criança vai ter um ataque ou alguma veia vai estourar! Será que alguém pode imaginar uma criaturinha desse tamanhinho com um temperamento tão ruim? Oh, querida! Acho realmente que ele vai gritar até sufocar. O Pastor andou mais depressa.

- Alô, meu homenzinho! - disse ele com carinho. - Diga-me, o que está deixando você tão infeliz? O

pequeno Abatimento parou um pouco de berrar, abriu os olhos e olhou para cima. Ele pareceu hesitar... Não sabia se continuava a berrar ou não. Então colocou o dedo na boca e ficou olhando em silêncio aquela figura alta, muito acima dele, e o semblante gentil sorriu lá de cima para ele. - Qual é seu nome? - disse a voz jovial. - Abatimento - ciciou o membro mais novo da família Autopiedade. - E

o seu? - Sou o Pastor - disse ele. - Agora, vou colocá-lo nos meus ombros, como se você fosse uma das minhas ovelhas sendo salvas de um leão. Aqui! - disse ele, enquanto virava o menino no alto para que se sentasse de cavalinho sobre seus ombros. - Segure firme, e vou mostrar a você que nem o maior e mais bravo leão consegue saltar tão longe como eu... E nenhum leão vai conseguir pegá-lo enquanto eu o estiver segurando. Dito isso, deu um grande salto e desceu a rua em direção ao chalé da senhora Valente com o pequeno Abatimento, feliz, sobre os ombros, rindo a valer, batendo os pés no peito do Pastor e gritando o mais alto que podia: - Mais depressa! Mais depressa!

O leão horrível está vindo. Oh, que pulo! Faz de novo, Pastor, faz de novo! A senhora Valente ria com entusiasmo, mas as senhoras Agourenta e Desanimada observavam a cena perplexas, como se não acreditassem nos próprios olhos. Chegaram juntos ao portão do chalé, porque o Pastor fizera um caminho mais longo. Assim, quando o pequeno Abatimento foi posto no chão, estava saltitante como um grilo. Tão logo entraram no jardim, o gato amarelo, ansioso para encontrar seu amigo especial, arqueou as costas, esfregou-se contra as pernas do Pastor e ronronou alto, como a perguntar onde ele estivera todo aquele tempo. O pequeno Abatimento estendeu a mão para segurar o gato pela cauda, como sempre fazia com qualquer animal desavisado que caía em suas garras. -

Assim não, Abatimento - disse com jovialidade o Pastor. - Nunca o pegue pela cauda. Isso sempre acaba em arranhões doloridos. Tente passar a mão na cabeça dele e, sempre com gentileza, coce embaixo do queixo, atrás das orelhas e de novo no topo da cabeça. Veja como ele ronrona alto.

Escute só! Parece um filhote de leão. Lá ficou o pequeno Abatimento, realmente feliz, sentado no jardim ensolarado, enquanto as abelhas zuniam em volta das flores, e os patinhos gingavam na direção dele. Com o rostinho radiante, estava absorvido em seus pensamentos, pois tentava descobrir o mecanismo do gato amarelo que o fazia ronronar mais alto... Se era fazer cócegas embaixo do queixo, ou atrás das orelhas, ou no alto da cabeça. Como bem disse depois a senhora Agourenta, nem parecia fazer parte da família Autopiedade. O Pastor saiu do jardim e caminhou a passos largos em direção ao chalé do senhor Autopiedade, pai do garotinho. As senhoras Agourenta 27

e Desanimada ficaram olhando para ele até que sumisse de vista. Em seguida, olharam uma para a outra e disseram: - Ele logo virá nos chamar para ir aos Lugares Altos, vamos para casa nos aprontar. De repente, enquanto falavam, sentiram sementes em

forma de espinhos agudos plantadas no coração delas palpitarem, e uma doçura suave cálida pareceu envolvê-las da cabeça aos pés.

Mãe e filha beijaram-se com amor e doçura, como nunca haviam feito antes. A tristonha e egoísta senhora Sombria Agourenta e a orgulhosa e obstinada Desanimada eram criaturas do passado. No lugar delas surgiam novas e belas criaturas. Quanto ao Pastor, seguiu a passos largos pela rua da vila até a solitária casa de fazenda em que Autopiedade jazia, tossindo e se revirando em sua cama de doente, agoniado de medo, e pedindo que alguém chamasse o Pastor para ajudá-lo.

CAPÍTULO 8

A MONTANHA DO AÇAFRÃO

(PACİÊNCİA)

O SOFRİMENTO DO AMOR

O Rei, dessa vez, levou Graça e Glória à montanha do Açafrão, o quarto pico da cadeia de montanhas das Especiarias. Essa montanha, onde cresciam as flores da paciência, era muito mais visível, pois, de alguma forma, sobressaía às outras montanhas. Ficava tão exposta aos elementos e às intensas tempestades que suas encostas, em comparação com as dos outros picos, eram quase nuas: não possuíam árvores frutíferas nem arbustos floridos. Na verdade, a não ser por alguns esparsos pinheiros, não havia árvores ali. Entretanto, o pico elevava-se num formato de beleza peculiar, e boa parte dele ficava sempre coberto de neve. O que crescia em suas encostas era um tapete de açafrão, de coloração bela e delicada. Esse tapete, mesmo nas áreas em que a neve, quase derretida, ainda perdurava, estendia-se através da cobertura branca para saudar a luz, formando delicados rendados cor de malva e de alfazema, de azul profundo, amarelo, laranja, púrpura e rosa pálido. A montanha inteira estava vestida ou com o branco imaculado da neve ou com o manto colorido de flores. No centro de cada flor de açafrão havia um ramalhete de estames dourados, e os

estigmas das flores, depois de secos e prensados, forneciam uma especiaria usada como tempero e também um doce perfume. A montanha recebeu esse nome por causa de seu belo tapete de açafrão. Os habitantes dos Lugares Altos costumavam colher e secar o açafrão da paciência e depois compartilhar com os amigos e parentes do vale e com os outros moradores dos Lugares Altos. O sabor dessa especiaria, que só podia ser cultivada nos Lugares Altos (o açafrão obtido nas encostas mais baixas era de qualidade muito inferior), era delicioso, uma iguaria tão extraordinária que até mesmo os inimigos do Rei ficavam contentes em poder temperar seus alimentos com ela, apesar de dependerem dos servos do Rei para obtê-la! Graça e Glória já vira o açafrão crescer em outros locais dos Lugares Altos, mas não com a gloriosa abundância com que crescia naquela montanha. Era impossível caminhar sem pisar nas delicadas e coloridas flores...

Formavam um verdadeiro tapete.Todavia, ela percebeu que logo que tiravam o pé as intrépidas e vistosas florzinhas se aprumavam de novo, viçosas e bonitas, como se não tivessem sido pisadas.

Quando ela comentou sua descoberta, o Rei explicou, esboçando um sorriso alegre, que essa era a característica da verdadeira paciência. Ela agüenta com alegria tudo o que é feito contra ela, não se ressente por ser pisada e reage ao mal que lhe fazem como se nenhum mal tivesse sido cometido ou como se tivesse esquecido tudo! Pois a paciência é a graciosa qualidade de perdoar e carregar com satisfação e alegria o resultado dos erros e das más ações alheias. O Rei, depois de explicar a paciência, ensinou outro cântico das montanhas para Graça e Glória.

O Amor suporta e perdoa.

O Amor é paciente,

Não busca seus próprios interesses,

Triunfa sobre o erro.

Nada destrói o verdadeiro amor,

Ele sofre tudo com alegria.

O amor evita o ressentimento

Quando os homens odeiam, ele abençoa,

Ele aprende a graça semelhante à do Cordeiro,

De amar mais - não menos.

Apenas se tudo suportar pode gerar

Força para perdoar e esquecer.

28

O amor deve doar, e doar, e doar,

O amor deve morrer ou compartilhar,

Apenas assim o verdadeiro amor pode viver

Frutuoso em qualquer solo,

Ele carrega a cruz da Dor

E ressuscita, e vive, e reina.

O pico da montanha em que o Rei e sua companheira estavam era tão alto que quase alcançavam a linha do céu. Sentaram-se embaixo de um dos pinheiros sobre uma almofada de musgo e líquen.

A pungente fragrância das agulhas e pinhas aquecidas pelo sol se espalhava pelo ar, e da encosta arborizada da montanha vizinha chegava o claro e incessante chamado de um cuco. O céu era de um azul tão maravilhoso que parecia estarem sentados sob um

telhado de safira. O Rei e Graça e Glória, naquele cenário encantador, continuaram a conversa iniciada na montanha do Nardo. A paisagem era tão bonita que a mente de Graça e Glória foi tomada pelo pensamento de que, embora estivessem rodeados de tanta maravilha e cada coisa viva parecesse um cálice transbordante de alegria, estavam na verdade sentados na montanha do Amor Sofredor.

Foi esse estranho paradoxo que, por fim, levou Graça e Glória a romper o silêncio dedicado à meditação em que estiveram imersos. - Meu Senhor - disse ela. - Esta é a montanha da Paciência.

O amor não tem poder para salvar e ajudar os outros sem o sofrimento? Por que o amor tem de sofrer?

E, acima de tudo, por que o amor tem de ser paciente?- Isso acontece por que a verdadeira essência do amor é a unidade - respondeu o Rei. - Por isso, o amor deve sofrer. Se as amadas criaturas que o Criador trouxe à existência por causa do amor devem sofrer, então o amor, por causa de sua unidade com elas, não pode deixar que elas sofram algo que ele não esteja disposto a sofrer junto com elas. Como toda a humanidade sofre por causa da terrível doença do pecado e suas temíveis conseqüências, eu, que sou um com a humanidade, devo sofrer com ela.

O amor de Deus, desde o primeiro pecado, está, por assim dizer, na cruz do sofrimento. Você entende que quando me tornei homem tornei-me também a Cabeça de todo o corpo sofredor da humanidade? Você sabe que é a cabeça que sente a soma de todo o sofrimento vivenciado pelos membros individuais do corpo.

O mistério do amor é tão grande que o homem só consegue apreender pequenos fragmentos dele Contudo, um dia, o ser humano enfim entenderá este mistério: a incrível revelação de que o "Filho de Deus" feito "Filho do homem" foi crucificado pelo pecado dos homens, carregando todos os pecados, sentindo-os e subjugando-os todos, e que, ao fazer isso, venceu a doença do pecado que aflige os homens sofredores.

Pense no que representa poder salvar e curar. Poder extrair de algo destruído e enfermo uma coisa gloriosa, o que não seria possível sem esse amor sofredor.

Ele ficou em silêncio algum tempo, e Graça e Glória, dominada pelo mistério da agonia e do amor, também não conseguia dizer nada. Contudo, tornou a ouvir a voz branda do Amor Sofredor. Na verdade, ele sussurrava tão baixinho que ela mal conseguia distinguir as palavras, mas foram estas as palavras que ela acredita haver escutado:

O amor foi feito homem.

Ó Filho de Deus!

Carne da nossa carne, sangue do nosso sangue.

Somos seu corpo - deixa-nos ajoelhar;

Ele é nossa Cabeça, sente tudo o que sentimos.

Esse é o Amor de Deus Filho,

Feito um com a humanidade caída.

Ó mistério da raça de Adão!

Esse corpo doente pelo pecado com a face de Cristo!

Contemple nosso Deus e Salvador!

Nós o amamos - pois ele nos amou primeiro.

E ele foi crucificado. Ó perda!

Em nós, o Filho de Deus está pendurado em sua cruz.

Erguido lá, no corpo da humanidade,

Ferido pelo pecado, aviltado e trespassado.

Ele é nossa vida, nosso sopro de vida,

29

Embora no corpo da nossa morte.

Toda dor temível da doença do pecado

É sofrida pela Cabeça coroada de espinhos.

Contemple nosso Deus e Salvador!

Ame-o - pois ele nos ama tanto.

Ele desceu ao inferno.

O abismo das profundezas o Amor de Deus conhece bem;

Ele é um conosco, não abandonará

Nem mesmo do coração mais obstinado.

Onde nos esconderemos de ti?

A resposta do amor ainda é:

"Se eu fizer a minha cama na sepultura, também lá estás".

Contemple nosso Deus e Salvador!

Ame-o - pois ele nos ama muito.

No terceiro dia, ele ressuscitou.

A longa noite de sofrimento e dor na terra

Passou como um sonho! A morte já foi vencida;

A coroa da vitória está sobre a fronte do Amor.

O corpo que o pecado não pôde destruir.

Agora curado e ressuscitado para a vida e a alegria.

Por meio de Adão, veio todo pecado e dor,

Em Cristo, todos os homens vivem de novo.

Contemple nosso Deus e Salvador!

Contemple o que seu Amor faz por nós.

CAPÍTULO 9

MORTE DO VELHO SENHOR TEMOR

O idoso senhor Temor, patriarca do clã Temor, estava doente, e a previsão era que não se recuperaria. A notícia espalhou-se pelo vale da Humilhação e houve muita conversa e conjecturas.

Ressalte-se que, de início, a notícia não causou muito pesar. O velho sempre fora um tirano com a família e com os empregados, um déspota com seus muitos locatários, um proprietário de terras mesquinho e avarento. Era desumano e não tinha clemência pelos que sofriam algum infortúnio ou não podiam pagar o aluguel. Ninguém duvidava de que ele era muito rico. Também era evidente que ninguém jamais recebera algum benefício ou alegria proveniente de sua fortuna, e nada indicava que ele mesmo usufruíra de seus muitos bens. Ele ficara viúvo havia vários anos. Todos os seus filhos, logo que puderam, deixaram a casa paterna e o controle tirânico exercido pelo pai. As filhas, com ansiosa diligência, também se casaram e partiram. Assim, ele vivia na antiga casa da família, meio solar, meio castelo, e dependia de uma governanta e de um exército de empregados carrancudos que cuidavam de seu conforto. Ninguém imaginava que o velho, após uma vida de inquebrantável auto-indulgência e tirania em relação aos outros, agora que chegara a hora de partir deste mundo e de deixar seu castelo e sua riqueza para trás, enfrentasse o inevitável com calma e coragem, de forma bem pacífica. Desde o momento em que percebeu estar chegando a hora a qual ele temera a vida toda - estar deitado em seu leito de morte no grande e sombrio aposento e só deixá-lo em seu caixão -, tornou-se presa dos mais excruciantes e torturantes temores. Entre os empregados contratados, não havia um único coração para ministrar a ele com amor e compaixão ou para apaziguar e confortar seus medos. É verdade que os dois filhos mais velhos e as filhas casadas, quando informados de que ele estava doente e que não se esperava recuperação, vieram para o castelo, mas não a fim de cercá-lo de atenção amorosa. Queriam, respeitosamente, participar das

cerimônias fúnebres e acompanhá-lo até o túmulo. Quanto ao filho mais velho, o motivo era assumir o lugar do pai com dignidade. O velho estava bem consciente desses fatos, e isso aumentava sua agonia. Um dos filhos, o mais moço, estava ausente, pois fugira anos antes de se tornar filho pródigo, em algum país distante, e tivera medo de retomar à casa paterna, já que fora expulso e repudiado pelo pai. O senhor Temor chegara a proibir que o nome dele fosse pronunciado em sua presença e rasgara, sem abrir, as poucas cartas que o rapaz lhe escreveu. Corriam rumores de que o jovem se arrependera, procurara as pessoas com quem agira mal e estava tentando restituir tudo o que devia, dentro de suas possibilidades. Contudo, ninguém se deu ao trabalho de apurar os fatos, e, 30

como todas as cartas que escrevera foram destruídas, pois o pai se negava peremptoriamente a perdoá-lo, era impossível saber seu endereço ou em que terra longínqua ele vivia. O filho mais moço, portanto, não recebeu nenhuma notícia sobre a doença do pai.

O velho senhor Temor estava deitado em sua cama. A expectativa da morte causava-lhe agonia indescritível, e ele ficava rodeado, dia e noite, de enfermeiras e dos mais habilidosos médicos que o dinheiro podia conseguir. Ele sentia tanto medo que, certa vez, os médicos sugeriram que talvez fosse prudente chamar um ministro, que lhe pudesse dar conforto espiritual, ou um sacerdote, para que pudesse apaziguar a consciência com a confissão dos pecados. Contudo, o senhor Temor era descrente havia tantos anos que a mera sugestão de pedir ajuda espiritual provocou um acesso de raiva tão grande que ninguém mais ousou tocar no assunto outra vez. Os dias de tormento e as noites ainda mais terríveis se arrastavam devagar, e o velho ficava cada vez mais fraco. Ele se recusava terminantemente a receber visitas. Sabia muito bem que seus amigos desprezariam seus medos e não saberiam o que dizer a ele. Além disso, ver a saúde, a força e a preocupação deles com as coisas deste mundo, que ele logo deixaria, o enlouqueceria e faria com que seu terrível destino parecesse ainda pior. Ah! Com certeza ainda zombariam de seus temores! Os amigos do Pastor

fizeram várias tentativas para vê-lo. A senhora Valente, que antes de casar fora babá no castelo, também fazia parte desse grupo. Misericórdia, que ficaria contente em apenas ajudar na enfermagem, também tentou se aproximar dele. O jovem amigo do Pastor, Confiante Destemido, irmão de leite do filho mais novo do senhor Temor, também demonstrou o desejo de se aproximar do moribundo. Tudo em vão. O velho estava inflexível pois tinha medo e temia que os outros descobrissem seu medo. No entanto, certa tarde, a enfermeira foi chamada fora do quarto do doente e retornou para dizer ao senhor Temor que uma jovem pedira de forma muito especial que ele permitisse uma visita. Ela teve a impressão de que a visitante era da família e informou o doente de que a jovem se apresentara como Grande-Medrosa, nome de quando sua senhoria a conhecera. Ao que parecia, ela mudara de nome e agora não era mais uma Temor. Estivera ausente do vale algum tempo, mas retomara havia pouco e parecia especialmente ansiosa por ver sua senhoria mais uma vez. - Grande-Medrosa! - balbuciou o idoso homem, agitando-se na cama. O nome parecia despertar um eco distante em sua memória. – Grande-Medrosa! - Após um breve silêncio, murmurou: - Esse era o nome daquela menina que se recusou a casar com o vagabundo do Covardia Covarde, irmão da minha nora Desanimada. Deixe-me ver... Ela não partiu numa espécie de jornada fantástica? Sim, foi isso! Ela foi para as montanhas com aquele louco fanático que chamam Pastor. E Orgulho, aquele jovem tolo, foi atrás dela para tentar trazê-la de volta. Dizem que o Pastor o atirou no mar. Outros também tentaram resgatá-la, mas fracassaram. Então, afinal ela chegou à montanha, não é mesmo?

Quero saber o que aconteceu com ela! Sua curiosidade foi despertada, e ele, depois de resmungar durante um minuto ou dois, perguntou à enfermeira: - Então, ela está de volta?

- Sim, meu senhor. - E diz que não é mais uma Temor! Ela lhe disse o nome que usa agora? - Graça e Glória, meu senhor.

- Não é mais uma Temor! - gemeu o velho. - Graça e Glória. Estou curioso para saber o que aconteceu com ela! O que o Pastor fez com ela? Um último surto de curiosidade dominou-o. Ele precisava ver por si mesmo como estava aquela que antes fora Grande-Medrosa Temor, que conseguira escapar de toda a gangue que fora atrás dela e não era mais uma Temor. - Diga à jovem que ela pode entrar - rosnou, por fim, o velho. Pouco depois, Graça e Glória entrou no quarto acompanhada de suas duas criadas, Alegria e Paz. - Quem são essas, hein? - rosnou outra vez o moribundo, em tom de impaciência. - Concordei em ver apenas uma pessoa. Qual de vocês é minha parenta Grande-Medrosa, ou Graça e Glória, seja qual for seu nome agora? - Sou eu - disse Graça e Glória sorridente. - Estas são minhas duas criadas, Alegria e Paz. Elas sempre me acompanham. Ela caminhou silenciosamente e parou ao lado da cama do moribundo. O velho e a jovem que estivera nos Lugares Altos olharam-se em silêncio. - O que é isso? - explodiu ele, inquieto com aquele olhar inquiridor. - Da última vez que a vi, você era deformada e tinha um horrível estrabismo, ou coisa parecida. O que aconteceu com você? - Banhei-me numa das correntes de água curadora dos Lugares Altos, e todas as minhas deformidades sumiram - respondeu calmamente Graça e Glória. -

Então aquele camarada, afinal, levou você para os Lugares Altos? - perguntou o velho num tom incrédulo, olhando ainda para ela. - A julgar pelo efeito que teve em você, deve ter acontecido um milagre ou foi o efeito de uma espécie de riacho mágico. - Sim, as correntes de água lá de cima têm qualidades curadoras - disse ela. - Todos que se banham nelas ficam totalmente curados e nunca conhecerão a morte. - Nunca conhecerão a morte! - repetiu ele com sarcasmo, porém havia em sua voz uma nota de ansiedade.

- Que tipo de água é essa, hein? - O mesmo tipo que curou meu pé deformado e minha boca torta -

disse ela, ainda olhando calma e gentilmente para ele. - É a Água da Vida. - Hum! - disse ele, com uma risadinha que pretendia fosse

irônica, mas que soou como um soluço. - Se soubesse que existiam correntes de água como essa, não estaria deitado nesta cama que esses médicos tolos pensam que é meu leito de morte! - Não - disse Graça e Glória. - O senhor já teria passado pela morte e estaria vivo para sempre. O idoso homem olhou-a com uma expressão estranha, um misto de sofreguidão e suspeita. - Onde você aprendeu essa linguagem? - perguntou ele. - E como você sabe que nunca vai morrer? - Sabe, moro no Reino do Amor - disse ela. - Morri para a antiga vida sem amor, pois esse tipo de vida é a morte. E o Amor foi plantado e vive em meu coração. O Amor é eterno. A vida em Amor não morre nunca. É a vida eterna. O velho não tirava os olhos dela. Por fim, perguntou, ainda em tom irônico: - Como você pode ter certeza de que essa vida eterna, ou seja o que for, foi plantada em você? Um colorido admirável cobriu o semblante de Graça e Glória. - O

Pastor, o Senhor da vida e do amor, plantou a em meu coração. É a vida dele plantada em mim. Ao mencionar o nome do Pastor, seu semblante brilhou com uma beleza que impressionou o velho, pois nunca vira beleza igual. - O Pastor! - exclamou ele em tom de impaciência. - O que ele tem que ver com isso? - O senhor sabe que foi ele quem me levou para os Lugares Altos, onde tudo isso aconteceu comigo. - O Pastor... - resmungou o moribundo. - Ele é apenas um homem, como todos os outros... Aquele louco! Como ele pode dar vida? Que conto de fadas mais ensandecido! - Ele é o Senhor do amor - disse ela com suavidade. - É Senhor e Doador da vida. Por isso, o senhor está deitado nesta cama morrendo, sir Temor. - Ela olhou-o com a expressão mais estranha e compassiva que ele já vira. - O senhor não percebe que está morrendo por que não sabe nada sobre o amor, a lei da vida? - O amor é a lei da vida? - murmurou ele. - Que linguagem é essa? Estou morrendo porque meu corpo está velho, cansado e não vai funcionar ou existir por muito mais tempo.

- A despeito de sua determinação em se mostrar forte, soltou um gemido agoniado enquanto falava e levantou-se bruscamente na cama, tremendo de medo. - Oh, não - disse Graça e Glória

repousando a mão sobre a mão dele, e esse ato pareceu transmitir um pouco da paz da moça ao idoso homem, apaziguando, por alguns momentos, o acesso de medo. - Oh! Não é seu corpo que teme a morte. É

o senhor mesmo, o inquilino do corpo, que está muito assustado e com medo. Sua parte imaterial ainda existirá quando seu corpo, um recurso para sua expressão e contato com este mundo material e familiar, não for mais uma moradia temporária para o senhor. Ele tremeu da cabeça aos pés e murmurou: - Não vou ouvir mais nenhuma fábula fantástica sobre o Pastor. - O senhor sabe que em algum momento terá de se encontrar com ele - insistiu Graça e Glória com gentileza. - Nunca! - gritou o velho numa repentina explosão de energia. - Nunca! Jamais me encontrarei com esse dito Pastor que desprezei durante toda a minha vida! - Quis dizer encontrá-lo após a morte - disse Graça e Glória. - Aqui, no vale, o senhor pode fugir dele a vida toda, mas não depois da morte. Sabe, ele é o Juiz. - Juiz?! - gritou o senhor Temor, emitindo um som que parecia uma mistura de guincho e gemido. - Juiz de quê? - Juiz de toda a sua vida, de como o senhor viveu e de como usou esse corpo, que foi emprestado ao senhor, e as coisas que possuiu aqui na terra. Ele também julga como o senhor obedeceu à lei do amor, se realmente a obedeceu. - Como o Pastor vai saber tudo isso? -

zombou o velho. - Nunca nos encontramos. Ele não sabe nada a meu respeito. Ele vai me julgar pelos boatos? - Ao dizer isso, uma expressão de terror estampou-se em seu semblante, pois pensou nas coisas que os outros diriam a respeito dele. - Não - disse ela com calma. - Tudo isso está escrito em seu ser, e foi escrito pelo senhor mesmo, de forma muito clara. Ele apenas irá ler sua vida. É

semelhante ao que acontece com as árvores antigas: quando são cortadas, podemos ler a história da vida delas nos anéis que são formados a cada ano de vida no tronco e ficam visíveis no toco.

Quem sabe ler os anéis da árvore num relance conhecerá a história dela: saberá se foi atingida por uma grande tempestade, se teve crescimento incomum, os anos em que esteve doente e os períodos

em que se desenvolveu sem impedimentos. Saberá também se o coração dela foi devorado aos poucos por carunchos e larvas, pois isso ficará evidente se a árvore cair e estiver oca e morta. O

senhor escreve sua vida interior em si mesmo, de tal forma que será fácil interpretá-la, e justamente aquele que o senhor despreza e rejeita o Senhor da vida e do amor, julgará o que está escrito no senhor e dará a sentença sobre o que é digno e indigno. O velho gemeu: - Não fique aí me dizendo essas coisas horríveis - ofegou ele. - Qual o benefício de me contar tudo isso agora que estou no fim da vida? - Qual o benefício, senhor Temor?! - exclamou ela com determinação e dando um passo à frente. - Se o senhor pedir, ele pode plantar a semente da nova vida e do amor em seu coração agora mesmo, e ela irá crescer e frutificar no outro mundo. Esse seu corpo, então, não terá nenhuma importância. Vamos receber um novo corpo, que não pode morrer. Ouça!

32

- Ela entoou este cântico:

Cada alma é um altar vazio

Em que o Amor eterno

Coloca uma brasa viva inextinguível

Do seu coração de amor;

Para que queime e anele voltar para casa

Para que se una às chamas a que pertence.

Sim, cada alma é um templo

Em que o amor planeja habitar,

E cada alma deve escolher

Ser céu ou inferno.

Se deixada vazia, o inferno é sua sina;

Mas é o céu, quando Deus e o homem estão unidos.

Cristo é a Chama viva e purificadora Você é o altar;

Do amor de Deus ele vem

A procura do seu coração vazio.

Receba esse Senhor do céu

Para que ele viva, em você, a vida de amor.

- A vida de amor! - escarneceu o velho, e acrescentou: - Por que você continua a insistir no amor? -O

amor é a lei do Universo - disse ela. - É lei da existência. Tudo que ama vive para sempre. Tudo o mais perece.

- O que é o amor? - resmungou ele. - Sei muito pouco a respeito dele. - O senhor não sabe nada a respeito do amor - disse ela de forma compassiva. - Amar é se doar, abrir mão de si mesmo, entregar-se aos outros da mesma maneira em que a grama se entrega ao rebanho, a água mata a sede da terra e o sol entrega sua luz e calor livremente, tanto para o bom como para o mau. - Isso não soa bem - disse o pobre e atormentado ancião. - Uma existência de entrega sem fim de si mesmo. Não agüentaria isso. - Enquanto falava, toda a sua vida passou como um lampejo por sua mente: um longo processo de manipulação calculada para tirar o que podia dos outros, uma vida em que o tempo todo tirou o máximo e deu o mínimo possível. - Se sua vida eterna representa isso, não a quero. É melhor morrer e deixar de existir. - Então por que o senhor tem tanto medo de morrer? -

replicou ela, prontamente. - Você não sabe nada a respeito disso! - falou ele, já bem ofegante. - É o horror de pensar em deixar de

existir, de se transformar em nada, de perder tudo, e para sempre. -

Seu rosto ficou coberto de suor. - Ajude-me! - ofegou ele, fora de si. - Não me deixe morrer! Segure-me! Segure-me! Não me atormente desse jeito! Ela segurou a mão trêmula e tateante dele nas suas e disse com brandura: - Vou lhe contar por que o senhor está com medo de morrer, pois já fui a Grande-Medrosa. O senhor está com medo porque, lá no fundo, sabe que desobedeceu à lei da vida, que é o amor, e que não será perdoado pelo Juiz, pois o senhor, durante toda a sua vida, sempre se negou a perdoar os outros, até mesmo seu filho. Não é da extinção que o senhor tem realmente medo (apesar de isso ser também algo difícil de encarar). Seu medo maior é que a morte não seja a extinção, que o senhor continue a existir em circunstâncias diferentes, sem a proteção que hoje desfruta aqui na terra e que o senhor tanto valoriza. O senhor está com medo porque o Juiz, a quem afinal o senhor conhecerá, é a pessoa que o senhor desdenhou e rejeitou a vida toda. Deixe-me trazer o Pastor aqui, agora! - implorou ela. - Tudo, sim, tudo, pode ser mudado antes que seja tarde. -

Não, não, não! - gritou o velho, emitindo um som agudo. - Não irei vê-lo. Nunca! Ele se agitou na cama, gritando de terror e de ódio. As portas foram abertas, e as enfermeiras entraram correndo no exato momento em que o velho caiu inconsciente sobre a cama. Naquela noite, a Morte foi até o senhor Temor e, enquanto ele jazia em sua grande cama no castelo, tocou-o com seu sopro gelado, sussurrando: "Insensato! Esta mesma noite a sua vida lhe será exigida".

CAPÍTULO 10

A MONTANHA DO CÁLAMO

(AMABİLİDADE) O TERROR DO AMOR

Uma leve brisa soprava nas montanhas enquanto, bem cedinho, pouco antes da aurora, o Rei e Graça e Glória se dirigiam à

montanha do Cálamo, onde era cultivada a especiaria da amabilidade.

Enquanto se aproximavam da montanha, já podiam ouvir uma música suave como o murmúrio de mares longínquos. A música ficava mais audível à medida que chegavam mais perto e conseguiam 33

distinguir uma cadência, como se uma orquestra executasse a suave e encantadora música com primorosa harmonia. Graça e Glória permaneceu em estado de emocionado deleite, mesmo depois de alcançar as encostas da montanha, pois diante dela se estendiam campos de delgados juncos que oscilavam ao sabor da brisa, balançando num movimento suave e rítmico como o das leves ondulações do mar. Nesse mar, a crista das ondas era florida, e cada inflorescência se abria numa teia de renda branca em volta do estame marrom. A brisa que bailava nesse mar de delicados juncos ondulantes produzia a música murmurante que tanto a encantara. Contudo, quando pararam na extremidade da encosta ouviram também notas semelhantes à da flauta e avistaram um grupo de pastores reais reunido ali. Antes de descer para o vale lá embaixo, cortaram alguns juncos e fizeram flautas de pastores para si também. Graça e Glória muito ouvira falar do som suave das flautas que alguns pastores tocavam enquanto conduziam os rebanhos às pastagens do vale da Humilhação, mas só agora percebia que os instrumentos que emitiam aquelas harmonias singularmente doces eram feitos dos juncos ocos da amabilidade que cresciam ali, na montanha do Cálamo. Enquanto admiravam a plácida cena que se estendia diante deles, alguns pastores começaram a cantar, enquanto outros os acompanhavam com as flautas. A letra da canção era assim: Tua amabilidade me fez nobre,

E manso.

Teu amor, não o destino, planeja minha ventura,

Senhor, ensina-me essa graça.

Quando ventos e tempestades teu amor envia

Que eu, mansamente, possa me curvar com alegria.

Teus servos não devem resistir nem lutar,

Mas ser como seu Mestre,

Tua amabilidade, não a força nem o poder, vence,

Senhor, ensina-me essa graça.

Mesmo que resistam ao meu amor,

Que eu possa ser gentil como uma pomba.

Depois que os pastores seguiram seu caminho, o Pastor começou a falar à sua companheira sobre os juncos da amabilidade. Explicou-lhe que o principal produto deles é um delicioso perfume extraído da raiz do junco. O perfume permanece o dia todo na pessoa e continua fresco, aromático e suave.

Explicou também que era a maleabilidade e o movimento perpétuo dos juncos que desenvolviam a especiaria de que era feito o perfume. Mencionou a singular, graciosa, admirável e submissa amabilidade com que os juncos se curvavam, às vezes até o chão, diante do vento, e como, tão logo o vento passava, e levantavam de novo sem nenhum esforço. Essa submissão caracterizava o movimento deles, porém, ao mesmo tempo, havia um toque de realeza na cadência deles e no controle perfeito que tinham no bailado. Neles, não havia nenhuma fraqueza, apenas o mais perfeito controle. Eles sabem como se humilhar e como ser exaltados, pensou Graça e Glória com a súbita compreensão de que a encantadora fragrância extraída deles, que os homens chamavam

"entendimento manso, solidário e amoroso", se desenvolvia a partir da prática diária de se curvar às duras e difíceis experiências da vida, sem amargura, sem ressentimento, sem resistência, sem

autocomiseração. Percebeu, com bastante clareza, que nenhuma ventania nem tempestade alguma conseguiria danificar ou quebrar os juncos, pois eles aprenderam a se curvar com facilidade ao mais leve sopro do vento, sem oferecer resistência. Era esse manso movimento de submissão, combinado com a perfeita harmonia e o gracioso bailado, que produzia as cadências musicais que se espalhavam por toda a montanha, pois o vento transformava cada junco num instrumento capaz de produzir harmonias celestiais. Graça e Glória, em silêncio, acompanhou o Rei enquanto ele caminhava ao longo da estreita passagem entre os juncos. Ela percebeu que os movimentos dele possuíam a mesma cadência, graça e flexibilidade dos juncos, a mesma e admirável boa vontade em parar e se curvar, a mesma forma leve e nobre de se reerguer ileso da inclinação. Enquanto o observava, ela lembrava a longa jornada até os Lugares Altos e como, desde o início, a graciosa amabilidade dele para com ela e a perfeita compreensão que tinha das fraquezas e medos dela, como se sofresse com ela, a persuadiram a segui-lo, até mesmo à sepultura no enevoado desfiladeiro nas montanhas. Então sussurrou para si mesma, com muita gratidão: "Pela tua brandura, me vieste a engrandecer", e pensou: Como anseio ungir os outros com a mesma amabilidade! Ela seguiu-o pelo caminho e descobriu que ele a guiava a um espaço aberto, bem ao lado de um grande lago que terminava num íngreme rochedo de granito. O Rei saltava, escalando o rochedo, e Graça e Glória, com seus "pés de corça", saltava atrás dele, ágil e leve como uma corça 34

das montanhas. Sentaram-se no pináculo do rochedo, que parecia um trono alto, e de lá contemplaram o lago e os campos de ondulantes juncos. Tudo que se estendia diante deles parecia bailar ao sabor do vento. Havia grandes ondulações nas águas do lago, e longas ondulações nos leitos de juncos, mas eles estavam sentados sobre imóveis rochas de granito, tão obstinadas quanto os juncos abaixo eram submissos. Esse contraste tornou-se muito vívido para Graça e Glória ali, sentada no trono de rocha ao lado do Rei do Amor. De um lado, via o terror e a grandeza da íngreme rocha; de outro, a graça e a amabilidade dos juncos que vestiam as encostas

da montanha. "O terror e a beleza do amor." As palavras vieram com tanta força e clareza à sua mente que ela se voltou para ver se fora o Rei quem as dissera. - O que foi? - perguntou ele em resposta ao olhar questionador dela. - Meu Senhor! - disse ela. - Tenho outra pergunta a fazer. Trouxeste-me até a montanha do Cálamo, onde crescem os juncos da amabilidade, e, na minha experiência pessoal, aprendi muito sobre a amabilidade do teu amor. Mas o amor tem outro lado? O amor pode ser terrível e manso? O amor é realmente um fogo consumidor do qual não se pode aproximar sem temer e tremer? O amor pode até mesmo parecer cruel e terrível? Antes de responder, ele ficou em silêncio um instante, como se remoesse a pergunta. Depois voltou-se para ela com o semblante sério e, ao mesmo tempo, singularmente belo.

- Sim - disse ele. - O amor é um fogo consumidor. É uma paixão ardente, inextinguível, que busca a bem-aventurança, a felicidade e, acima de tudo, a perfeição do ente amado. Quanto maior o amor, menos ele pode suportar a presença de algo que fira o ente amado, e menos ele pode tolerar no ente amado algo que seja indigno ou menos que o melhor. Ele não suporta nada que prejudique o ente amado. Portanto, é totalmente verdade que o amor, a mais bela e mais gentil paixão do Universo, pode e deve ser, ao mesmo tempo, a mais terrível emoção. Ele é terrível no que está disposto a sofrer a fim de assegurar a bênção, a felicidade e a perfeição do ente amado e também (0 terrível ao permitir que o ente amado sofra, se essa for a única forma de assegurar a perfeição, a restauração do ente amado. Ao terminar de falar, ele começou a entoar outro cântico das montanhas: Pode o amor ser terrível, meu Senhor?

Pode a amabilidade ser dura?

Ó, sim! - intenso é o desejo do amor

De purificar seu amado - teu fogo,

Fogo santo a queimar.

Ele tem de te aperfeiçoar totalmente

Até que, em tua imagem, todos possam ver

A beleza de teu Senhor.

Pode o santo amor ser ciumento, Senhor?

Sim, ciumento até o túmulo;

Até todo ídolo prejudicial ser

Arrancado e tirado de ti

O amor é duro para salvar;

Não te poupará nenhuma dor

Até estares livre e puro de novo

E perfeito como teu Senhor.

Pode o amor parecer cruel, ó meu Senhor?

Sim, a cura como uma espada;

Ele não te poupará, alma doente,

Até te curar,

Até teu coração purificar.

Pois, ó! Ele te ama demais

Para te deixar no inferno que criaste para ti

O Salvador é teu Senhor!

Graça e Glória, sentada ao lado do Rei, no grande trono de rocha, olhava para baixo e, ainda mais para baixo, para o vale. Pensava nas pessoas que viviam lá embaixo, tão longe do Reino do Amor,

mas de modo especial lembrava o triste e aterrorizado senhor Temor, ao lado de cujo leito de morte estivera recentemente, e nas muitas outras pessoas que viviam como se o Senhor do amor não existisse. Sentiu seu coração tomado pelo terror do amor e, contudo, também confortado pelo amor.

Depois, contemplou o semblante do Rei, e o que viu nele deixou-a em total silêncio, mas com a mente iluminada por um pensamento: Ele nos fez. Ele sabia o que estava fazendo. Só o amor pode 35

explicar toda a agonia e tormento que os homens trazem para si mesmos e para os outros, pois entendo que esse é o único meio que a vontade inexorável dele usa para nos salvar e nos aperfeiçoar, a fim de que seu amor possa ser totalmente satisfeito. Vejo a beleza e o terror do amor de Deus!

CAPÍTULO 11

OFENSA E RESSENTIMENTO

Misericórdia, filha da senhora Valente, após conversar com o Pastor, resolveu visitar uma amiga que não via desde muito tempo. Sempre que ia à casa dessa amiga, as empregadas diziam que a patroa não estava em casa. O nome da amiga era Ofensa. Ofensa sempre fora uma menina radiante e atraente, admirada e querida por todos os que não a conheciam muito bem. Toda a família dela trabalhava para o Pastor, e a própria Ofensa entrara para o serviço dele tão logo saíra da escola. Na época em que toda a vila estava alvoroçada com a partida de Grande-Medrosa para os Lugares Altos e com as tentativas dos parentes em trazê-la de volta, Ofensa pensou em pedir ao Pastor que também a levasse para as montanhas. Ela sabia que Misericórdia, sua ex-colega de escola, e a bondosa senhora Valente também haviam estado nas montanhas e invejava o novo nome das duas, como também a graça e a alegria que caracterizavam todos os serviços delas; e agora a pobre e feia Grande-Medrosa também empreendia a jornada para os Lugares Altos! Ofensa ficou com inveja de Grande-Medrosa, e o desejo de ela mesma fazer a jornada aumentou, porém uma coisa a impedia de partir para os Lugares Altos.

Ofensa não só era muitíssimo capaz e eficiente em tudo o que empreendia, mas também era bonita e estava acostumada a receber a admiração e o respeito dos pastores mais jovens da vila Grande Apreensão, bem como de outras pessoas da vila que não estavam a serviço do Pastor. De todo modo, ela entregara seu coração ao mais alto, forte e bonito dos pastores, Confiante, uma das pessoas que o Pastor amava de forma especial e em quem muito confiava. Ele era amigo íntimo e vizinho da família dela, e ele e Ofensa foram colegas de escola. Ofensa, desde que percebera que era bonita e atraente, nunca duvidara de que realizaria o desejo de seu coração: tornar-se esposa dele. Na verdade, por um tempo, a íntima amizade entre os dois fora notável, mas Confiante, por alguma razão, foi se afastando gradualmente dela. Apesar de

continuar amigo dela e de sempre visitá-la em sua casa, não demonstrava mais vontade de ser o amor da vida de Ofensa.

Ofensa, de início com impaciência e depois com temor, começou a se preocupar com aquela inesperada mudança de atitude dele em relação a ela. Contudo, a verdadeira razão para o afastamento dele era a última coisa que ela estava disposta a aceitar, a saber, que à medida que crescia e se desenvolvia ficava bastante evidente que seu nome descrevia com exatidão a natureza de sua pessoa. Ela era doce, graciosa e delicada como uma flor sob a cálida luz da admiração, quando conseguia o que queria. Entretanto, quando seu desejo era negado ou ela não era admirada, ficava tão mal-humorada, difícil, indelicada e desagradável que todos à sua volta se sentiam infelizes e desconfortáveis.

Confiante, bondoso e fraternal, tentara diversas vezes conscientizar Ofensa dessa falha desagradável. Ele até caçoava dela por causa disso, mas ela não conseguiu aceitar a verdade, nem mesmo partindo dele, e sempre que ele tentava ajudá-la nesse sentido, ela o tratava de maneira rude. Caía num silêncio tão mal-humorado que ele desistiu de tentar ajudá-la a superar essa falha e também nunca mais acalentou o pensamento de se casar com ela. Ofensa, incapaz de enfrentar o fato de que seu pecado era o motivo de o desejo de seu coração não se realizar, continuou alimentando esperanças, relutante em partir para os Lugares Altos enquanto o assunto com Confiante não estivesse resolvido. Certo dia, ela sofreu um terrível choque ao descobrir que Confiante superara totalmente qualquer sentimento por ela e agora estava comprometido com sua irmã mais nova, Gentileza. Foi como se um raio a tivesse atingido. Gentileza, embora não tivesse os talentos nem a beleza da irmã, fora abençoada com o temperamento suave e abnegado, algo que faltava à pobre Ofensa. Abalada, Ofensa lançou mão de todo o seu orgulho a fim de esconder a dor de seu coração. Em vez de enfrentar a verdade de que ela mesma fora a causa de seu coração partido, culpou Confiante, e o amargo ciúme da irmã tomou conta de sua alma. Assim, a pobre Ofensa, enquanto os culpava, acalentava o que considerava uma falta cruel cometida contra ela e ansiava por

um bálsamo para seu orgulho ferido. Ficou muito vulnerável à tentação e começou a aceitar a atenção de Ressentimento, um antigo admirador, rico e jovem administrador do banco Ramo, em Grande Apreensão. O pensamento de que o amado da irmã, embora fosse o mais excelente pastor do vale, era, do ponto de vista mundano, inferior a Ressentimento em aparência, 36

riqueza e posição social dava certo consolo ao seu coração ferido. Ofensa, que conhecia Ressentimento desde criança, sabia muito bem que ele era de temperamento esquentado, impetuoso e teimoso. Todavia, ela preferiu pensar que agora ele era homem e sabia dominar seus impulsos e que o amor dele era tão grande que, pelo menos, não sofreria por não ser amada.

Ofensa, para tristeza e inquietação da família e preocupação de todos os amigos e companheiros de trabalho, anunciou seu noivado com Ressentimento - também conhecido como um dos principais inimigos do Pastor. Sem muita demora, eles se casaram.

Depois do casamento, os amigos e antigos companheiros dela quase não a viram mais. Ela garantia, no entanto, que o casamento não afetaria o relacionamento deles e que ela continuaria a se dedicar o mais que pudesse ao serviço do Pastor, pois tinha muita esperança de conseguir dobrar os sentimentos do marido e ser o instrumento para torná-lo amigo do Pastor. Todavia, como todos previam, uma vez casados o rancor implacável que o marido sentia pelo Pastor só fez aumentar com o insucesso dele em impedir a jornada de Grande-Medrosa aos Lugares Altos. A pobre Ofensa, com sua sincera devoção ao Pastor, seu inextinguível desejo de ir aos Lugares Altos e seu coração e orgulho feridos, logo se viu obrigada a romper a ligação com todos os amigos e companheiros de trabalho. É verdade que, de início, ela quase se sentiu agradecida por ter de fazer isso, por escapar à secreta condenação de todos por haver escolhido se casar com um inimigo do Pastor e também por poder evitar a visão da felicidade quase perfeita da irmã com Confiante. Todas essas coisas lhe pareciam insuportáveis, e a satisfação do novo status de proprietária de uma das maiores casas

de Grande Apreensão era tão atraente que ela achou bem fácil concordar com a vontade do marido de se afastar de todos os antigos contatos e começar a vida com um círculo totalmente novo de amigos e conhecidos.

Ofensa logo descobriu que isso não era tão simples. Ela sempre vivera numa casa em que a presença e o amor do Pastor eram as influências predominantes, e, embora ela fosse muitas vezes desagradável e egoísta, os outros sempre reagiram a seus destemperos com amor e a perdoavam.

Entretanto, ela agora vivia num ambiente que desconhecia a graça, o verdadeiro amor e o perdão.

Além disso, ela não demorou a descobrir que não era de forma alguma a dona da casa de seu marido - estava bem longe disso. A velha senhora Taciturna, sua sogra viúva, veio morar com eles e continuava a exercer forte influência sobre o filho. Ela administrava a casa, e, em pouco tempo, o relacionamento entre a egoísta e obstinada senhora Taciturna e sua enérgica e mimada nora tornou-se o pior possível. A sogra passava dias sem dirigir a palavra à nora e se mantinha fechada no quarto, onde o filho a visitava e passava longas horas ouvindo suas queixas contra Ofensa. Verdade seja dita que Ressentimento, quando estava em companhia da esposa, também ouvia queixas quase tão amargas contra a mãe. Por isso, havia momentos em que ele, no meio da guerra das duas mulheres, pensava que teria sido melhor permanecer solteiro, que o casamento estava longe de ser algo idílico. Não demorou muito para que Ofensa também passasse a ter a mesma opinião. Bem no fundo do coração, ela sempre soubera que estava cometendo um erro ao se casar. Nunca esqueceria o dia em que o próprio Pastor também lhe dissera isso. Contemplando-a com o semblante muito sério, mas compassivo, ele lhe dissera exatamente a razão pela qual ela estava se casando - porque insistia em fugir da verdade acerca de si mesma, em vez de enfrentar os fatos. O

Pastor pusera diante dela as opções: romper o noivado com Ressentimento e ir para os Lugares Altos com ele ou prosseguir

com os planos de casamento apenas para descobrir que rompera o relacionamento com ele e que ela mesma não fora absolutamente transformada. Ofensa caíra aos pés dele e dissera que precisava se casar com Ressentimento, que não podia viver sem amor, que fora tão injustiçada e ferida que nada mais a realizaria. Disse também que, naquele momento, estava tão ferida e fraca que não podia pensar nos Lugares Altos, que precisava de amor, solidariedade, bondade, proteção e de uma casa sua, em que pudesse esquecer o tratamento cruel que recebera.

Contudo, seria sempre sua seguidora, sempre. Desde aquele dia, Ofensa não viu mais o Pastor pessoalmente nem ouviu a voz dele. Vira-o algumas vezes de longe, passando pela rua, liderando seu rebanho ou conversando com algum de seus pastores. Entretanto, desde o dia em que se casara com Ressentimento, com plena consciência de que jamais poderia convidar o Pastor-Chefe para vir à sua casa, nunca mais tivera contato pessoal com o Pastor. A pobre Ofensa vivenciou a angústia dos que tiveram contato com ele e o perderam. "As almas que levantaram os olhos para seu Senhor uma vez, devem morrer ou contemplá-lo de novo". Certo dia, em que o marido, como sempre, estava no banco e Taciturna num de seus acessos de mau humor, Ofensa, depois de ficar trancada em seu quarto melancólica, triste e quase em desespero, isolou-se com a filhinha de três anos num lugar escondido do jardim a fim de fugir aos olhares curiosos dos empregados. Estes, 37

como ela sabia, espionavam-na o tempo todo por ordem da sogra, relatando-lhe tudo o que a nora fazia. A filhinha era seu único conforto, aquela coisinha doce que Taciturna sempre tentava atrair para seu quarto a fim de mimá-la. Pequena Represália (Ressentimento insistira em dar à filha o nome de solteira da mãe), embora seu apelido fosse Desforra, já entendia que, quando a mãe a proibia de fazer alguma coisa, ela tinha apenas de ir com passinhos incertos até a vovó para conseguir o que queria. Assim, além de ganhar um beijo de compaixão também ganhava um doce ("Pois a vovó sabe do que as menininhas gostam, mesmo que a mamãe não saiba!"). Ofensa, sentindo um frio no coração, começou

a perceber que sua sogra não era uma rival implacável apenas no afeto do marido, mas também começava a usar todos os meios disponíveis para se interpor entre ela e a filha. Essa terrível constatação levou-a ao desespero. Enquanto estava sentada sozinha no jardim pranteando a dor de seu coração, ouviu o barulho do portão de ferro sendo aberto.

Espiou através da cerca viva de louro, a fim de ver se alguém se aproximava, sentindo que não agüentaria uma visita naquele momento. Para sua surpresa, viu Misericórdia, a pastora. Sabia muito bem que o marido e a sogra haviam dado ordens para que as empregadas mandassem embora qualquer antigo conhecido dela que trabalhasse para o Pastor. A visão do semblante bonito, gentil e pacífico de Misericórdia trouxe-lhe de volta à memória tudo de que ela abrira mão de livre e espontânea vontade e perdera - sua felicidade, seu adorável trabalho, seus amigos e sua casa... E

essa lembrança inundou seu coração de tristeza. Ela ansiava por amizade, pelo toque de uma mão realmente amorosa, pelo som de uma voz amigável. Acima de tudo, desejava falar com alguém que conhecesse o Pastor, e seus anseios mostraram-se irresistíveis. Se Misericórdia tivesse batido à porta, teria sido despachada com a polida afirmação de que a patroa não estava em casa. Ela tinha de impedir que a pastora batesse à porta.

Por isso, oculta pela cerca viva, chamou em voz baixa e em tom de súplica: - Misericórdia, Misericórdia! É mesmo você?

Venha aqui. Misericórdia ouviu a voz trêmula e respondeu de imediato: - Querida Ofensa, é você que está aí? Ó, como estou feliz por finalmente encontrar você! - Ela deu a volta na cerca viva e veio em direção à amiga com uma expressão de tal bondade e amor que Ofensa se levantou e lançou os braços em volta de Misericórdia. Depois encostou a cabeça nos ombros da amiga e irrompeu num choro de partir o coração. Elas ficaram abraçadas em silêncio alguns momentos, -

enquanto a pequena Desforra observava, maravilhada, o semblante da recém-chegada. Por fim, a pobre Ofensa, compelida por sua mágoa e sua tristeza, desabafou com a solidária amiga toda a trágica história de seu infeliz casamento. - Não agüento mais esta situação! - exclamou, deixando escapar um soluço. - Tenho de deixar esta casa. Não posso mais viver com Ressentimento e Taciturna. Não posso, não posso! Só que se eu deixar meu marido eles vão reivindicar o direito de ficar com minha filha! Se eu escolher ir embora, eles têm o direito de ficar com a pequena Desforra, e não consigo viver sem ela. Deus tenha piedade de mim! O que vou fazer? As vezes, acho que a única solução é acabar com minha vida. Misericórdia, com os braços amorosos em volta da sofredora amiga, sussurrou com voz gentil: - Ofensa, você esquece que existe uma solução bem diferente para seu problema, e sabe qual é. Conte ao Pastor o que me disse e pergunte a ele o que fazer. Então, "faça tudo o que ele lhe mandar". - O Pastor! - choramingou Ofensa com voz desolada.

- Ele nunca mais vai querer falar comigo. Dei as costas para ele e lhe desobedeci. Ele não vai me ajudar agora, Misericórdia, pois me avisou que aconteceria exatamente isto, e endureci meu coração.

Não o escutei, insultei "o Espírito da graça" e o reneguei. O Pastor vai dizer que não pode fazer nada por mim, pois tudo o que está acontecendo comigo é resultado de minha desobediência. Ah! Se o tivesse escutado! Se pudesse voltar no tempo, para antes do momento em que pequei! - Ele não vai dizer nada desse tipo - afirmou Misericórdia em tom sério. - Saiba que o que está dizendo a respeito dele não é verdade. Ele esperou com todo amor e paciência até chegar o momento de você, enfim, estar pronta para ouvi-lo e pedir a ajuda dele. - Então qual é o sentido daquela terrível passagem das Escrituras? - perguntou com tom de desespero Ofensa. - Aquela que diz: "Quão mais severo castigo merece aquele que pisou aos pés o Filho de Deus e insultou o Espírito da graça?". E aquela: "Se continuarmos a pecar deliberadamente depois que recebemos o conhecimento da verdade, já não resta sacrifício pelos pecados, mas tão somente uma terrível expectativa de juízo e de

fogo intenso que consumirá os inimigos de Deus"? E aquela outra: "Para aqueles que uma vez foram iluminados, provaram o dom celestial e caíram, é impossível que sejam reconduzidos ao arrependimento; pois para si mesmos estão crucificando de novo o Filho de Deus, sujeitando-o à desonra pública'

(Hebreus 10:29,26,27; 6.4-6)?

38

- Querida Ofensa! - disse Misericórdia com ardor. - Entenda que esses versículos não se aplicam ao seu caso, porque você está arrependida. Você não precisou de mim nem de ninguém para se arrepender. A evidência de que a pessoa insultou o Espírito da graça. é que ela perdeu a capacidade de querer se arrepender e ser restaurada. Na verdade, quer continuar a crucificar o Filho de Deus e a rejeitar o Espírito Santo. Mas, você! Você está tão ansiosa para ser restaurada e ter de novo comunhão com o Salvador que não terá descanso nem paz até consegui-lo. Esse é um sinal infalível de que o Espírito dele está operando em você neste momento e que já começou a restaurá-la. - Mas

- insistiu Ofensa, ainda com um tom de desesperança na voz -, e aquele versículo que diz que Esaú, quando quis se arrepender, não pôde fazê-lo:

"Quando quis herdar a bênção, foi rejeitado; e não teve como alterar a sua decisão, embora buscasse a bênção com lágrimas" (Hebreus 12.17)? Veja, era muito tarde para ele ser perdoado, mesmo quando quis se arrepender.

- O versículo não diz nada disso - declarou Misericórdia em tom decidido. - Você entendeu errado, Ofensa. O versículo diz que Esaú vendeu sua primogenitura por um bocado de comida e depois se arrependeu de ter feito isso. Quis recuperar a bênção de filho primogênito, que já pertencia a Jacó.

Embora tenha se arrependido de haver desprezado seus direitos de primogênito, já era muito tarde para tê-los de volta. Isso é bem diferente de dizer que o Pastor não irá perdoá-la, estando você arrependida de lhe haver desobedecido. Querida Ofensa, não entendeu o verdadeiro sentido do versículo? Você, como Esaú, desprezou a oferta do Pastor de ir aos Lugares Altos porque preferiu casar-se com Ressentimento, e não poderá alterar isso. O que foi feito não pode ser desfeito, apesar de você ter derramado na forma de lágrimas a infelicidade de seu coração e seu arrependimento pela escolha errada que fez quando estava amargurada e infeliz. Você está casada com Ressentimento e é a nora da pobre senhora Taciturna: não há como desfazer essa realidade, por mais arrependida que você esteja. Nesse sentido, o que está feito está feito, apesar do seu arrependimento. Mas isso não quer dizer que o Pastor não a ame nem a reconheça mais, tampouco que se recuse a ajudá-la. Isso quer dizer que você precisa da ajuda dele mais do que nunca, agora que se encontra nessa situação difícil e triste. Minha querida Ofensa, será que você vai se dar conta disso tudo e procurar a ajuda dele, sem perda de tempo? Você sabe muito bem que ele pode mudar tudo e conseguir uma vitória nesse cenário de derrota. Aliás, isso é o que ele mais gosta de fazer. -

Ah! Quem dera as coisas fossem assim! - gemeu Ofensa, esfregando as mãos. - Se você pudesse ir até ele, contar-lhe como estou arrependida e implorar o perdão e a ajuda dele! Nada me parecerá ruim demais se eu puder ter comunhão com o Pastor outra vez!

- Estou aqui - disse uma voz forte, mas gentil, logo atrás dela, e as duas ergueram os olhos e viram o Pastor. Ofensa levantou-se na mesma hora. Misericórdia lançou-lhe um olhar amoroso, sorriu-lhe e foi embora. O Pastor colocou as mãos sobre a cabeça inclinada da pobre Ofensa e declarou que a perdoava e abençoava. Em seguida, ergueu-a pela mão, e ambos se sentaram e ficaram conversando muito tempo. Ofensa, sentindo grande alívio, contou-lhe sua triste história e, por fim, reconheceu: - Aconteceu tudo exatamente como disseste. Recusei-me a enxergar a verdade e me coloquei nesta

situação difícil. Minha sogra me odeia meu marido não me ama mais, e os dois estão determinados a afastar minha filha de mim. - Ela soluçou de novo, mas prosseguiu: - Não posso mais ficar com ele. Não o amo. Nunca o amei, ele me proíbe de manter qualquer contato contigo e com teus amigos. Sou uma pobre prisioneira em minha casa e, se sair daqui, perco minha filha. - Sua filha e dele também - corrigiu brandamente o Pastor. - Misericórdia estava certa - continuou em tom pausado e calmo. - Ela disse a você que não há como desfazer o que construiu de livre e espontânea vontade. Você se casou, e, apesar de se arrepender até as lágrimas, não há como voltar atrás. Ela gritou angustiada: - Então o que vou fazer?! Não tenho esperança de sair dessa situação? Tenho de ficar aqui como escrava de Ressentimento e de Taciturna até morrer? - De jeito nenhum - disse o Pastor em tom firme e jovial. - Você não pode mudar o fato de que se casou nem fugir ao casamento, mas pode sair mais que vitoriosa dessa situação e transformar essa derrota em vitória. - Mais que vitoriosa enquanto estou casada com Ressentimento? - suspirou ela, incrédula. -

Meu Senhor, o que isso quer dizer? - Sim, com certeza você pode ser vitoriosa - insistiu ele. -

Lembra-se da última vez que conversamos, quando a convidei para ir aos Lugares Altos? - Sim -

disse ela, olhando para ele, ainda muito confusa. - Bem! - disse ele, dirigindo a ela um sorriso maravilhoso. - Pergunto de novo: quer ir comigo aos Lugares Altos, Ofensa? - Mas acabaste de me dizer que não posso deixar meu marido, apesar de odiá-lo! - retrucou ela, ofegante. - Nada pode ser feito para ajudá-la nessa situação até você aprender a amar seu marido e sua sogra - respondeu o Pastor de forma gentil e séria. - E você só aprenderá a amá-los quando for aos Lugares Altos do 39

amor. Você precisa aprender a amá-los sem reservas e a se entregar a eles sem pedir nada em troca. Ofensa caiu em prantos outra vez. - Mas não consigo! - disse ela com tristeza. - Ninguém

pode ser forçado a amar, meu Senhor. Não sinto amor por eles, apenas ódio. Sim, ódio de verdade. O

tempo todo tenho os piores sentimentos de mágoa e raiva em relação a eles. Não consigo mudar esses sentimentos, são fortes demais! - Não estou falando de você se obrigar a amar seu marido -

respondeu o Pastor em tom suave. - Sei que você não ama nem seu marido nem sua sogra. Sei que sente raiva deles. Mas agora estamos falando de seu amor por mim. Está disposta a ser minha discípula de novo, Ofensa? - Oh! Sim! - exclamou ela. - Desejo isso de todo o coração. - Não há dúvida de que você, minha discípula, está odiando alguém, porém irá amá-los como eu os amo. É

verdade que hoje você os odeia, mas permitirá que eu a leve aos Lugares Altos e plante a semente do amor em seu coração. Então descobrirá que não só é possível amar seu marido e sua sogra com alegria e verdadeiro amor, como também será capaz de ajudar a ambos com o amor que sentirá por eles. - Como isso é possível? - sussurrou ela. - Como poderei ir aos Lugares Altos e ainda ficar aqui, presa nesta casa? Ele sorriu. - Existe um atalho, Ofensa, que vai desta casa cheia de mágoa e sofrimento até os Lugares Altos do amor. Reconheço que é um caminho mais árduo que aquele que percorreria quando a convidei a me seguir da primeira vez. No entanto, esse é um caminho possível e real. Deixe-me contar-lhe um segredo. Se você admitir de maneira honesta e sincera o fato de que foi por sua culpa que Confiante não pôde amar você e preferiu sua irmã; se reconhecer que nem ele nem sua irmã tiveram culpa nesse assunto; se reconhecer com alegria e mansidão que os dois têm todo o direito de se amar e de ser felizes, apesar de sua situação ser diferente, você estará a meio caminho dos Lugares Altos. Você descobrirá que nesta casa e em seu coração estarão crescendo as flores celestiais da "aceitação com alegria" de tudo o que lhe acontece. - Isso será difícil para mim -

disse Ofensa em voz baixa.

- Tem uma coisa ainda mais difícil - disse ele em tom gentil. - Difícil, mas não impossível. Se você suportar com atitude de perdão o antagonismo de seu marido e de sua sogra e usar isso como um meio de conseguir vitória sobre o seu "eu", sem cair na autocomiseração ou ficar presa ao rancor ...

sabe o que acontecerá, Ofensa? - O quê? - perguntou ela. - Você se descobrirá nos Lugares Altos e verá que a flor do amor floresceu em seu coração. Será capaz de amar e se deliciar por amar as duas pessoas que hoje você odeia, e o melhor de tudo é que também poderá ajudá-los. O amor, cedo ou tarde, muda tudo. Sim, você descobrirá que alcançou os Lugares Altos sem nem mesmo sair de casa, porque o amor não entra à força no coração, apenas quando você aceita as pessoas como elas são e as perdoa por tudo o que fizeram e fazem contra você. Isso é perdão. Está disposta a fazer isso? Ofensa olhou para ele através das lágrimas e sussurrou: - Sim, Senhor. Torna isso possível para mim. Nesse momento, sua filhinha, que estivera brincando com uma bola no gramado, correu para se sentar onde estavam a mãe e o Pastor e levantou os bracinhos para que a mãe a pusesse no colo. Ofensa pegou-a com amor e, apertando o rostinho da criança contra o seu, disse com um soluço: - Desforra, sua mãe vai começar uma nova vida. - Sabe - disse o Pastor calmamente, com um sorrisinho brincalhão em seus lábios -, não gosto mesmo desse nome para uma criança. Você não quer chamá-la (claro, apenas entre nós) por outro nome, Ofensa? - Sim -

disse Ofensa, ruborizada. - Que nome, meu Senhor? - Por que não a chama Aceitação com Alegria?

Acho que nem o pai irá se importar de o apelido dela ser Alegria, e para você ela poderá ser a pequena flor da Aceitação com Alegria que cresce em sua casa. - Sim - concordou Ofensa. – É um nome lindo, e quando a chamar assim sempre me lembrarei do que acabas de me dizer. O Pastor, com um maravilhoso sorriso estampado no semblante, disse: - Também não gosto do seu nome.

Não é um nome bom para uma discípula minha. Não gostaria também de mudar seu nome? A mulher que perdera o homem que amava por possuir um caráter muito semelhante ao próprio nome olhou para o Pastor e, com lágrimas nos olhos, sem conseguir pronunciar nenhuma palavra, anuiu com a cabeça. - Então você se chamará Suportando com Amor ou Perdão - decidiu ele em tom gentil. Dito isso, pegou uma das sementes do amor em forma de espinho afiado e, num gesto delicado, mas com mão firme, plantou-a no coração dela e foi embora. Assim que o Pastor se retirou, a mulher que estava prestes a ir aos Lugares Altos sem sair de casa subiu para seu quarto, banhou-se e vestiu o vestido mais bonito. Depois, foi ao apartamento da senhora Taciturna, bateu à porta e, sem esperar resposta, entrou no quarto. A anciã olhou-a com expressão mal-humorada e não disse nenhuma palavra.

- Mãe - disse Perdão gentilmente -, vim lhe dizer que estou arrependida por ter sido uma filha desagradável e insensível e pedir seu perdão. Espero ser diferente no futuro. - Belas palavras, belas palavras! - vociferou a idosa senhora. - Fico feliz de ver que, afinal, você tomou juízo e reconheceu 40

seu comportamento abominável. Contudo, Ofensa, posso garantir que é necessário mais que palavras para me convencer da sua sinceridade. Vamos ver nos próximos dias como você se comportará e se está mesmo disposta a ser a esposa submissa e obediente que meu querido filho merece. Atos, e não belas palavras são o verdadeiro sinal de arrependimento. - Sim, mãe -

concordou brandamente Perdão e, de repente, beijou a anciã pela primeira vez em muitas meses. O

Pastor dissera que, cedo ou tarde, o amor que fora plantado em seu coração mudaria a senhora Taciturna e também seu marido. Ela devia aguardar com confiança, esperança e em paz a mudança que viria. Poucas horas depois, Ressentimento, ao chegar em casa, subiu para seu quarto e evitou a esposa, como agora era seu costume. No entanto, ouviu uma leve batida à porta do quarto e ficou atônito ao ver Perdão diante dele quando abriu a porta. Ela se

aproximou dele e disse com voz trêmula e baixa: - Vim para dizer que preciso muito do seu perdão, pois fracassei como esposa e tenho sido muito egoísta, exigente e insensível. Ele fixou o olhar nela um momento, sem dizer nada, notou-lhe o olhar gentil, humilde e suplicante e então perguntou, com voz estranha: - Você esteve conversando com o Pastor, Ofensa? Ela estremeceu, mas respondeu em tom baixo: - Sim. Ele fez silêncio outra vez. Ela não conseguia adivinhar os pensamentos dele. Não podia imaginar que ele rememorava o momento em que estivera no alto da montanha, com os amigos, tentando convencer Grande-Medrosa a voltar para casa. Viu-se mais uma vez ao lado dos precipícios, embrenhado na grande floresta e na névoa, ouvindo, à medida que eles e seus amigos se aproximavam com ameaças e zombarias, a voz de outra mulher a suplicar, com medo: "Pastor! Pastor! Onde você está? Venha me ajudar!". Logo depois, houve o grande salto do Libertador, em resposta à súplica da mulher, que foi salva da mão deles.

Ressentimento olhou para Ofensa e finalmente declarou: - As coisas correram de forma tão lamentável em nossa vida de casados que, se ainda houver tempo, precisamos fazer algo a respeito.

Se o Pastor puder nos ajudar a começar tudo de novo, estou disposto a deixá-lo fazer isso.

CAPÍTULO 12

A MONTANHA DA CANELA

(BONDADE)

O JULGAMENTO DO AMOR

O Rei levou Graça e Glória à montanha da Canela, a sexta da cadeia de montanhas das Especiarias, e onde cresciam as árvores da bondade, muito belas e majestosas. Suas folhas escuras e brilhantes formavam um lindo pano de fundo para as flores brancas como a neve, pois era o tempo da floração.

O interior da casca da árvore era muito aromático e de uma esplêndida cor marrom dourado. Na estação certa, os moradores dos Lugares Altos retiravam a casca, da qual obtinham a especiaria da bondade, e gostavam de guardá-la na roupa. Essa especiaria não só exalava um aroma doce e refrescante (que distinguia os servos do Rei que viviam nos Lugares Altos dos moradores do vale), como também tinha excepcionais propriedades de cura. O bosque de árvores de canela cobria a encosta da montanha. Graça e Glória e o Rei, tão logo entraram no bosque, ficaram protegidos da luz ofuscante e do calor do ensolarado dia de verão. A montanha da Canela, a exemplo das outras, também era freqüentada por bandos de pássaros de muitas espécies, e o gorjeio melodioso deles ecoava por toda a clareira. Graça e Glória deliciava-se em ouvir mais claramente o gorjeio dos passarinhos, os quais também escutara em sua jornada aos Lugares Altos, em meio à sombra das árvores, na parte mais baixa da encosta. Ali em cima, bandos de aves cantavam juntos e emitiam um delicioso trinado ao fim de cada verso:

Ele venceu, hurra!

Ele venceu, hurra!

Ela sentou-se ao lado do Rei, à sombra de uma das árvores que ficava à beira de uma pequena clareira, por meio da qual contemplavam a composição formada pelas montanhas do outro lado do vale. O sol brilhava sobre os picos cobertos de neve

brilhante que vestiam os Lugares Altos com trajes nupciais. Então, de algum lugar logo abaixo deles, inúmeras vozes começaram a cantar: A bondade é algo adorável!

É o vestido de noiva do Amor

O traje nupcial do nosso Rei

É de impecável justiça;

E os que seguem a "lei real",

Refletem o lírio branco imaculado.

41

Ó felizes e santos! Todos os dias

O cálice deles transborda,

A mesa do Amor se estende para eles,

E eles, como convidados de Deus, festejam com ele.

O semblante alegre de todos ali resplandece de êxtase

Com a alegria que provém dele, e o ser um com ele.

A bondade é a harmonia perfeita, A forma imaculada da graça!

O espelho dourado em que vemos O reflexo do amor.

A bondade é o erro transformado e corrigido,

A treva tragada pela luz.

Quando a canção terminou, os passarinhos irromperam mais uma vez em jubilosos e breves trinados que pareciam risos de alegria. Graça e Glória, enquanto escutava o cântico, começou a lembrar de

forma muito intensa os momentos que passara na companhia do Rei, no lugar da unção, antes de ir para a sepultura sobre as montanhas e para o altar do sacrifício. Voltando-se para o Rei, contemplou com expressão de gratidão e de deslumbramento o semblante dele, lembrando-se da forma peculiar em que a conduzira ao longo do caminho que, muitas vezes, parecera desconcertante e difícil de seguir. O Rei também olhou para ela e, como se respondesse ao olhar de muda admiração expresso no rosto dela, disse-lhe: - Você achou o caminho muito difícil, Graça e Glória? Achou estranho que eu, depois de tratá-la de forma tão carinhosa e amorosa durante todo o caminho, a conduzisse por uma vereda tão sinistra e amarga? Ela não respondeu. Apenas repousou sua mão sobre a mão dele e anuiu com a cabeça. - O que você disse a si mesma quando o caminho a conduziu ao riacho de Mara? - Disse a mim mesma: "O amor dele planejou este caminho para mim. Confio nele e o seguirei aonde quer que ele me conduza". - Sim - disse o Rei com voz forte e alegre. - Sempre é seguro confiar no que o amor planeja, e todos os que amo podem entoar com total certeza: "Sei que a bondade e a fidelidade me acompanharão todos os dias da minha vida, e voltarei à casa do Senhor enquanto eu viver". Isso funciona mesmo quando as circunstâncias da vida parecem indicar o contrário. Pois o Amor é o Juiz que sabe muito bem qual a próxima experiência que suas criaturas precisam conhecer a fim de vivenciar de forma plena o amor e a bondade dele, Isso funciona para os que o seguem e também para os que ainda fogem dele, pois é ele, o Médico supremo, quem prescreve conforme a necessidade e a condição de toda alma que sofre com a doença do pecado ou que convalesce dela. Na verdade, todos os "julgamentos" do amor são prescrições sábias que visam à cura de suas criaturas. As prescrições são estas: a bondade do Amor, pois "ele fere, mas trata do ferido; ele machuca, mas suas mãos também curam". O bosque de caneleiras silenciou enquanto o Rei falava. Nem um sopro de vento se agitava entre os ramos, nem uma folha se movia. A árvore sob a qual estavam sentados permanecia silenciosa como as outras. Uma longa tira da casca da árvore fora tirada por alguém, revelando uma ferida aberta por meio da qual o interior, cor de sangue, exalava um aroma tão doce e intenso no cálido ar de verão

que Graça e Glória teve a impressão de inspirar o elixir da vida. Isso despertou em seu coração um grande desejo de que sua vida também produzisse a verdadeira especiaria da bondade, e que ela, como as árvores à sua volta, pudesse

"ser perfeita", mesmo que para isso tivesse de sofrer como o Rei do Amor, ao lado de quem estava sentada, que "aprendeu a obedecer por meio daquilo que sofreu". O Rei, como se respondesse à oração dela e ao aperto que ela sentiu no coração ao pensar no que representaria ter sua oração atendida, entoou este cântico:

O Amor é o Juiz - que conforta Teu coração contraído,

Tu és feitura dele

E perfeito deves ser.

Ele sabe todas as lições que deves aprender;

Por quanto tempo a chama deve queimar.

Ele não julga os atos exteriores,

O fracasso nem o pecado,

Cada resposta secreta de teu coração

Cada débil tentativa de vencer;

Ele pesa tudo isso sem esquecer

A menor tentação que sofreste.

Ele conhece tuas máculas

E sabe como purificar o refugo, E não prolonga A agonia da tua cruz.

O Amor é o Juiz e conhece

A forma mais segura de te aperfeiçoar.

Não podes perecer, se tua vontade Se volta para a luz,

O Amor sangra contigo em toda a sua culpa

E espera te tornar perfeito.

Amar quer dizer salvar o proscrito pelo pecado,

E cuidar dele seja qual for o preço.

Enquanto se levantavam, preparando-se para deixar a montanha, um bando de passarinhos esvoaçava na clareira à frente deles cantando jubilosamente as notas de celebração da espécie deles:

Ele venceu, hurra!

Ele venceu, hurra!

CAPÍTULO 13

COVARDIA COVARDE E DESANIMADA

Certo dia, bem cedinho, Graça e Glória, enquanto caminhava perto da lagoa e da cachoeira em que se encontrara pela primeira vez com o Pastor, encontrou sua tia, Sombria Agourenta, e a prima, Desanimada. Estavam usando os lindos mantos de louvor, mas a atitude delas era tão estranha e expressava tal ansiedade que Graça e Glória ficou olhando com ar de espanto para as duas mulheres. Sem dúvida, estavam indo se encontrar com o Pastor, exatamente no lugar em que antigamente ela se encontrava com ele. Contudo, a expressão no semblante delas despertou-lhe de súbito uma alegre suspeita, e ela não conseguiu conter a curiosidade. Assim, após cumprimentá-las de forma afetuosa, perguntou: - Aonde vocês vão tão cedinho? Parece que estão iniciando uma longa jornada... As senhoras Sombria Agourenta e Desanimada trocaram um olhar e não disseram nada por um momento, pois a jornada aos Lugares Altos era assunto secreto, algo que não devia ser divulgado. Graça e Glória percebeu a troca de olhares e deu uma risada alegre. - Eu sei -, disse ela.

- Não vou perguntar a respeito disso, pois sei que vão se encontrar com o Pastor, e ele lhes recomendou que não comentassem o assunto com ninguém. Desejo que vocês tenham uma boa jornada e cheguem seguras aos Lugares Altos. Ah! Espero também que cheguem mais rápido do que eu e que, ao longo do caminho, aprendam com alegria todas as lições, sem medo e sem retraimento! A tia olhou-a com expressão amorosa e agradecida, mas ainda era a mesma senhora Sombria Agourenta, pois apenas iniciava a jornada e ainda não tinha direito a um novo nome. Por isso, respondeu: - Obrigada, minha querida! Sim, vamos encontrar o Pastor, apesar de eu ser velha e triste e não esperar ser de muita serventia para ele. Apesar de estar com medo e ser muito velha para desenvolver "pés de corça" e saltitar como você, o Pastor

prometeu me levar para os Lugares Altos e me dar um novo nome. Sei que posso confiar que ele fará o que prometeu. A expressão de amor e de confiança que brilhou nos olhos dela ao dizer essas últimas palavras fez com que Graça e Glória se enchesse de admiração. Desanimada passou os braços em volta do pescoço de Graça e Glória e beijou-a duas vezes sem dizer nada. Depois, pegou a mão da mãe, e as duas se encaminharam para o local do encontro. Graça e Glória apressou-se em direção à vila, pensando em Rancorosa sozinha naquele sótão sombrio. Como se arranjaria sem a alegria da visita diária da mãe e da irmã? Como estaria se sentindo por ter sido deixada para trás? Ela encontrou Rancorosa, que ainda estava fraca e não se havia recuperado totalmente, andando pelo triste sótão enquanto entoava uma cantiga e mostrava em seu semblante uma expressão maravilhosa de paz e contentamento. De início, Graça e Glória não soube o que dizer. - Você encontrou minha mãe e Desanimada no caminho para cá, querida? - Sim - respondeu Graça e Glória. - Perto do lugar de encontro. Rancorosa balançou a cabeça. - Pois é - disse ela em tom alegre. - Elas vão se encontrar com o Pastor. Ele vai levá-las aos Lugares Altos. Isso é tão maravilhoso e fascinante que é difícil expressar em palavras. Graça e Glória olhava para ela, ainda sem saber o que dizer. - Sei o que você está pensando - disse Rancorosa com um sorrisinho gentil e compreensivo. - Você se pergunta como agüento ser deixada para trás, neste sótão. Graça e Glória anuiu, ainda sem dizer nada.

Rancorosa explicou, em tom suave: - Você sabe que eu não poderia ir com elas, pois meu marido sai da prisão dentro de poucos dias e não haverá ninguém para recebê-lo nem para cuidar dele.

Contudo, o Pastor me contou que existe um caminho para os Lugares Altos aqui mesmo neste triste 43

sótão e que, apesar de não poder fazer a jornada com minha mãe e minha irmã, com certeza posso chegar lá por outro caminho. Como vê, não fui deixada para trás! Graça e Glória examinou o melancólico sótão em que a esposa do pobre Mal-Humorado,

Timidez Covarde, esperava seu retorno da prisão. De repente, entendeu. Lembrou-se da pequena flor dourada, aceitação-com-alegria, que encontrara no deserto, e da flor cor de sangue, suportando-com-amor, também chamada

"perdão", que crescia nas rochas do grande precipício. Percebeu que elas também cresciam ali, naquele sótão abafado. O atalho era mais íngreme e doloroso que qualquer coisa que ela tivesse enfrentado, mas levava ao altar e à sepultura, que ficavam nos limites dos Lugares Altos. Ela também entendeu que sua prima Rancorosa (como poderia chamá-la de novo por esse nome?) provavelmente chegaria aos Lugares Altos até mesmo antes da mãe e da irmã. Levantou-se com um sentimento de admiração na alma, abraçou a prima e disse-lhe em tom carinhoso: - Prima, quando o Pastor lhe falou desse atalho para os Lugares Altos, ele comentou alguma coisa a respeito de você receber um novo nome?

A prima corou um pouco e respondeu, um tanto sem jeito: - Ele prometeu que me daria um novo nome enquanto espero meu marido, para que também possa ir aos Lugares Altos, mas disse que o novo nome seria um assunto apenas entre mim e ele. O nome estava escrito numa pedrinha branca que ele me deu quando plantou a semente do amor em meu coração: um nome que ninguém conhece, a não ser quem recebe a pedrinha. - Ninguém conhece! - exclamou Graça e Glória com a voz um pouco trêmula. - Por quê? Isso é muito esquisito, pois ele escreveu o nome na sua fronte para que todos vejam, sabia disso? - Não - respondeu a prima, surpresa. - Ele me deu a pedrinha branca para que eu a carregasse no coração, mas não disse nada a respeito de um nome escrito na minha fronte. Qual é o nome, Graça e Glória? - É um dos nomes dele - disse a prima, com ternura. -

Para você, ele marcou o nome Compaixão. - Que nome adorável! - exultou a moça que fora conhecida como Rancorosa. - Esse nome expressa com exatidão a atitude dele para comigo. Mas não acho que esse seja o meu nome. Acho que é o sinal da compaixão e da bondade dele, um jeito de mostrar que agora pertenço a ele. - Pode

ser disse a prima após uma pequena pausa. - O certo é que não posso mais chamá-la por seu antigo nome, e se o nome escrito na pedrinha branca é um segredo entre vocês dois, só posso imaginar que devo chamá-la pelo nome escrito na sua fronte, esse que está aí para que todos vejam. - Deu uma risadinha e continuou: - Compassiva, vou cantar uma música que tem sentido especial para quem mora num sótão.

Ela então cantou:

Ó recanto aflito, onde foste açoitado por tempestades,

Percorrendo tristes caminhos,

Teu sofrimento não foi em vão, Serás confortado.

Brilharás com as cores mais justas,

E serás adornado com jóias preciosas.

Pedras de brilhantes safiras Cobrirão teu chão,

Tuas janelas de rubi brilharão como fogo,

Tuas portas serão de esmeralda,

E tuas paredes e acabamentos,

De pedras preciosas e de porfio.

Não temas! Tua confiança não é em vão,

Não o desprezarei

Tua cruz tem um propósito,

Não de reprovação e culpa.

Filho da dor, um dia se regozijarás

Com voz exultante e alegre.

Estica as cortinas da tua tenda, Alonga as cordas,

Reforça tuas estacas com grande contentamento,

Irrompe por todos os lados

Tua angústia não é estéril,

Tua semente se espalhará por toda a terra.

(Isaías 54.11,12)

- Que cântico adorável! - exclamou Compassiva com os olhos brilhando como as pedras preciosas da letra. - Onde você o aprendeu, Graça e Glória? - O Pastor me ensinou no caminho para os Lugares Altos, e o escrevi quando cheguei lá.

- Por que ele é dirigido aos que moram em sótãos? - perguntou Compassiva. - Em que outro lugar poderia ser cantado com mais sentido e causar mais impacto? - perguntou a prima, dando uma risada. - Ele tem toda a força e a beleza do contraste e toda a glória da promessa e do cumprimento das promessas. - Cante de novo! - implorou Compassiva. - Cante-o várias vezes, até que eu o decore. Assim, Graça e Glória ensinou o Cântico do Sótão para a prima, assim como Tristeza lhe ensinara o Cântico dos Pés de Corça durante sua jornada em direção às montanhas encobertas pela névoa. Enquanto cantavam, parecia que o sótão passava por uma transformação diante de seus olhos, dando a impressão de refulgir como jóias brilhantes na sala de um palácio: As paredes feias e nuas pareciam ter sumido, restando apenas a vista dos jardins e pomares reais. Depois de cantarem até Compassiva decorar o cântico, Graça e Glória preparou o almoço para ambas enquanto conversavam sobre diversos assuntos. Graça e Glória prometeu

visitar a prima todos os dias, e Compassiva aceitou a oferta com muita gratidão e alegria. Havia um motivo especial para isso. -

Graça e Glória - disse ela devagar e com hesitação na voz -, se você estiver disposta, gostaria que me ajudasse com uma coisa. - Ajudo de todo o coração e da forma que puder - respondeu Graça e Glória em tom alegre. - Não há nada de que eu gostaria mais. - Então vou lhe contar em que venho pensando e o que espero conseguir - continuou Compassiva, com um leve rubor na face. - Você sabe que em poucos dias meu marido vai sair da prisão, e estou aqui para recebê-lo. Por mais pobre e tristonho que seja este sótão e por mais próximo que, infelizmente, ele esteja da tentação para meu marido, é o único refúgio que temos no mundo. Quero estar aqui para fazer tudo o que puder por meu marido. - Enquanto falava, seu semblante resplandecia de amor, e ela parecia não perceber como ainda estava fraca e incapacitada para fazer qualquer trabalho. Ela continuou, olhando para a prima com expressão de súplica: - Acontece que meu irmão Covardia Covarde deve sair da prisão no mesmo dia que meu marido ... e ele não tem para onde ir. Não tenho espaço para ele neste sótão minúsculo, nem a senhora Murmuração irá permitir que ele venha para cá. Eles aceitarão meu pobre marido para mourejar de novo para eles, mas não aceitarão Covarde. Sei quanto você sofreu nas mãos do meu irmão e que nunca o suportou, mas não consigo imaginá-lo saindo da prisão sem ter ninguém para lhe dizer uma palavra gentil e amorosa, sem ter um lugar para onde ir e com a sensação de que ninguém neste vasto mundo deseja tê-lo por perto. Minha mãe e Desanimada não estão aqui para recebê-lo, e o chalé está trancado. O Pastor decidiu levá-las justo neste momento, então isso deve estar certo, e apesar de querer muito me encontrar com ele também não posso sair daqui. Querida, você é a pessoa mais próxima da família. Você ... você seria capaz e estaria disposta a ir buscá-los na prisão? Poderia também arrumar com a senhora Valente ou com algum amigo do Pastor um quarto para o pobre Covarde, até ele encontrar trabalho e se sentir pronto para enfrentar o mundo outra vez?

Ela parou de falar, tremendo e soluçando. Graça e Glória, no mesmo instante, ajoelhou-se diante dela e, com uma expressão radiante na face, disse: - Compassiva, que lembrança adorável a sua!

Você não imagina como anseio fazer alguma coisa pelo pobre Covarde, quase mais que qualquer outra coisa! Já recebi tanto, e ele é tão destituído e infeliz! É claro que vou à prisão e receberei os dois com todo amor! Covarde é seu irmão, meu primo e meu parente mais próximo. Sabe que um pensamento me veio à mente enquanto você falava? É quase sublime demais para ser expresso em palavras. Tenho certeza de que veio direto do Pastor - e ela ria enquanto falava. - Que pensamento foi esse?

- perguntou Compassiva, ansiosa e com um lampejo de esperança no olhar. - Pensei no chalé da sua mãe, vazio e pronto para ser usado. Você não quer que seu marido venha para este sótão, onde vai estar frente a frente com a tentação o tempo todo. Aqui ele não estará a salvo do seu pior inimigo, a bebida, mas veja: eu, Alegria e Paz vamos ao chalé da sua mãe para limpá-lo de alto a baixo e deixar tudo pronto para vocês. Você poderá deixar este sótão no mesmo instante: O cântico começa a se tornar realidade. Você, Mal-Humorado e Covarde poderão viver juntos no chalé da sua mãe.

Prometo ir todos os dias até lá para ajudá-la, e você sabe que também pode contar com os outros amigos do Pastor. Eles irão ajudá-la com as refeições e com o trabalho de casa. Vocês três poderão viver juntos na casa de vocês! Além disso, quanto mais cedo você sair deste sótão abafado, mais cedo irá se recuperar, e seu marido ficará afastado da tentação. O rosto de Compassiva cobriu-se de um belo colorido, e os olhos dela, à simples exposição daquele plano, brilharam como estrelas.

Entretanto, ela hesitou e ficou tristonha. - Graça e Glória, essa idéia soa encantadora quase tanto quanto ir aos Lugares Altos. Pensar em estar em casa de novo e fora deste lugar de tentação! Mas como vamos viver? Precisamos de um meio de subsistência, e esse

trabalho é o único que o pobre Mal-Humorado e eu sabemos fazer. Faço os consertos de roupas para Murmuração, e ele faz o 45

trabalho mais pesado no prédio. - Ela suspirou fundo enquanto falava, e sua face empalideceu de novo: - Murmuração não nos deixará ir embora, a menos que consiga que trabalhemos por quase nada! - Não, não! - exclamou Graça e Glória. - Você não está destinada a ficar aqui, apenas sobrevivendo na penúria e à custa da segurança do pobre Mal-Humorado. Não, nunca! Vamos perguntar ao Pastor e aos amigos dele. Deve haver um meio de vocês se sustentarem e também de Covarde se sustentar sem precisar depender dos inimigos do Pastor. Acho também que Amargura está disposto a ajudá-la a se mudar. Na verdade, acredito que fará qualquer coisa para compensá-la, pois se sente muito infeliz com a pobreza e o sofrimento a que você foi submetida desde que veio viver e trabalhar aqui. Deixe esse assunto comigo! Não diremos nenhuma palavra a Murmuração, mas vou falar com Amargura e pedir a ajuda dele. Nesse meio tempo, a querida senhora Valente e Misericórdia irão me ajudar a preparar o chalé. Na verdade, não vamos perder nem um minuto! Sua mãe deixou a chave do chalé com você? Sim? Ótimo, deixe a chave comigo, e começarei logo o trabalho. Enquanto isso, se você conseguir, comece a empacotar as coisas que precisa levar. Ó, prima! Estou tão feliz! Acho que não vou conseguir me conter de tanta alegria ... vou explodir de alegria! Pense nisto: uma casa para você, seu marido e meu primo Covarde! Vou ajudar a prepará-la, vou buscá-los e levá-los para casa! Existe coisa mais maravilhosa? As duas se beijaram com alegria e gratidão inexprimíveis. Graça e Glória foi à casa da senhora Valente e em seguida foi chamar Misericórdia, indo depois para o chalé desocupado de Sombria Agourenta. As três mulheres e seus amigos realizaram uma transformação inimaginável no chalé e no jardim cheio de ervas daninhas!

Confiante Destemido, um dos pastores que cortejava Misericórdia, e alguns amigos capinaram o jardim, queimaram as ervas daninhas e plantaram vegetais e flores. Eles também pintaram o chalé.

As mulheres esfregaram e limparam os cômodos, costuraram as cortinas, lavaram a roupa de cama e mesa, consertaram e arrumaram a mobília e reabasteceram alegremente, com recursos próprios, os artigos de cama e mesa e a louça que estavam em falta, sem contar os artigos para embelezar os cômodos. Em uma semana, o chalé se transformou na mais limpa, sólida e aconchegante habitação da vila, e os armários estavam cheios de suprimentos - pães, tortas, geléias, frutas, vegetais e vários outros itens. A senhora Valente levou algumas aves, e seu futuro genro construiu um ótimo viveiro e um galinheiro. Compassiva foi levada para o chalé e instalou-se ali com grande alegria. Tudo estava pronto para, no dia seguinte, receber seu marido e irmão. Naquela noite, seus amigos mais íntimos reuniram-se em volta dela. Tomada de grande alegria por sair daquele sótão miserável para uma casa sua, parecia outra mulher. Sentados no alpendre, ela, Graça e Glória, os amigos desta, a senhora Valente, Misericórdia e Confiante Destemido conversavam sobre os planos, esperanças e temores em relação ao dia seguinte - sim, havia alguns temores. Eles conversavam sobre todos os aspectos da situação e tentavam confortar uns aos outros. Perguntavam-se como iriam convencer os dois homens a retomar para a vila em que todos conheciam a vergonha e a desgraça deles? Como se sentiriam rodeados pelos amigos do Pastor? Conseguiriam se manter afastados das velhas companhias? Acima de tudo, livrar-se-iam da terrível escravidão da bebida? Uma coisa era preparar tudo com alegria e amor para o retorno deles, outra era fazê-los aceitar as coisas que o amor preparou para eles. E se agora, que tudo parecia possível, eles se recusassem a vir para o chalé? E

se tivessem feito outros planos enquanto estavam presos? Talvez preferissem esconder-se na cidade da Destruição, onde se perderiam de vez! Compassiva e sua prima estremeciam ao mero pensamento de que algo semelhante pudesse acontecer. Confiante Destemido apertava os lábios e andava de um lado para outro, sem parar, e até mesmo a senhora Valente parecia não ter nada de definitivo a sugerir. Precisavam também decidir quem iria buscá-los na prisão. Se Graça e Glória fosse sozinha, eles podiam

simplesmente ignorá-la e ir embora sem ela. Se o grupo inteiro fosse -

sem esquecer o fato de que eram todos amigos do Pastor, a quem os dois sempre desprezaram e tinham aversão -, isso poderia afugentá-los ou deixá-los mais constrangidos e mais determinados a seguir o próprio caminho. Ah! Se o Pastor estivesse lá para dizer o que deviam fazer!

Em meio a todos esses questionamentos e preocupações, levantaram os olhos, e lá estava o Pastor ao lado deles!

Deram-lhe as boas-vindas com alegria e gratidão inexprimíveis e lhe contaram a situação. O que deviam fazer? Como conquistar aqueles fracos e pobres homens por quem sentiam tanta compaixão? Assim que acabaram de expor suas dúvidas e temores, o Pastor calmamente os orientou: - Graça e Glória deve ir à prisão porque é a que tem parentesco mais próximo com eles. A senhora Valente deve ir com ela, pois é maternal, compreensiva, não é sentimental e não vai chorar nem lamentar por eles. - Fez uma pausa e acrescentou: - Meu amigo Amargura irá levá-las de carro e depois trará todos para o chalé. Houve um silêncio quase entorpecedor, quebrado pela senhora 46

Valente, que disse em tom de incontida satisfação: - Seu amigo Amargura?! Ah! Então, até que enfim o Senhor o conquistou! - Amargura resolveu desistir do negócio da pousada para trabalhar comigo -

informou o Pastor. - Ainda não conseguimos convencer Murmuração a fazer a mesma coisa, por isso ela agora vai administrar a pousada sozinha. Amargura acha que boa parte da culpa pela desgraça e vergonha de Mal-Humorado e Covarde é sua e está ansioso para ajudá-los. A esta altura, acho que ele é a única pessoa capaz de persuadir os dois a virem para a vila. E tudo ficou combinado dessa forma. Na manhã seguinte, bem cedo, Amargura chegou ao chalé com a senhora Valente, Graça e Glória e Misericórdia (que ajudaria Compassiva com seus planos e idéias de boas-vindas aos filhos

pródigos). Os outros, depois de deixá-la no chalé, dirigiram-se à prisão. Quando, por fim, os portões da prisão se abriram, antes que Covardia Covarde e Mal-Humorado se embrenhassem às escondidas pelos labirintos das ruas da cidade, eles encontraram os três escolhidos à espera deles -

a senhora Valente com seu semblante radiante e maternal, Graça e Glória e a figura alta e corpulenta de Amargura, proprietário da pousada de Grande Apreensão. Amargura deu um passo à frente e tomou as mãos de Mal-Humorado nas suas e, em tom brusco de amabilidade e com o semblante corado de vergonha sincera, falou: - Mal-Humorado, meu querido companheiro, estou contente por vê-lo de novo. Culpo-me muito por tudo o que aconteceu com você e imploro que me deixe fazer o que estiver ao meu alcance para ajudá-lo. No mesmo instante, Graça e Glória aproximou-se calmamente de Covardia Covarde, colocou as mãos sobre os ombros dele e beijou-o com ternura em ambas as faces, mas não conseguiu dizer nenhuma palavra. A boa senhora Valente deu um passo adiante e foi simpática e natural, como se dando as boas vindas após uma jornada à qual os dois homens não conseguiram resistir. Antes que percebessem o que estava acontecendo, Mal-Humorado viu-se sentado ao lado de Amargura no banco da frente do carro, e Covardia Covarde, entre a senhora Valente e a prima, no banco de trás. A senhora Valente, essa senhora incrível, logo desandou a falar e a contar aos dois homens as novidades da vila, sem esperar nenhum comentário ou resposta, que ela sabia muito bem que não viria. Assim, chegaram ao chalé e à festinha familiar que Misericórdia preparara para eles. A recepção gentil e amorosa de Compassiva, ao receber o marido e o irmão como se fossem a verdadeira alegria de seu coração, os fez se sentirem aceitos. Sem dúvida, foi a presença de Amargura, antes um homem autoritário, mas agora muito mudado e humilde, que tornou a volta dos dois homens possível e os impediu de fugir do chalé quando terminaram a refeição. Havia algo tão tocante e sincero em seu remorso que seu desejo de consertar as coisas ficou evidente. Ele sentou-se ao lado deles, compartilhando a culpa e a desgraça pela sorte dos dois homens e planejando com eles como os três poderiam começar de

novo. Por fim, os dois não conseguiram resistir e concordaram em ficar, pelo menos, alguns dias, se bem que com mau humor e má vontade evidentes. Se houve mais alguma coisa que influenciou Covardia Covarde, ele não deu a menor demonstração disso, pois apenas permaneceu sentado, sem conversar. Aquele silêncio obstinado não traduzia seu estado de espírito, se estava aborrecido ou envergonhado. Todavia, a todo momento ele erguia furtivamente os olhos e examinava a sala transformada, a expressão de gentileza que brilhava nos olhos da irmã, sentada ao lado do marido, e o semblante bonito e suplicante de Amargura, em que resplandecia o remorso. Observou a suave face de Misericórdia, enquanto ela os servia com esmero. Examinou também diversas vezes, disfarçadamente, o semblante da prima sentada do outro lado da mesa, quase tão silenciosa quanto ele - a moça que fora manca e feia, que ele atormentara tanto desde que ela era criança e que, no fim, fugira para não se casar com ele. Agora ela estava sentada com ele no chalé, este tão transformado que ele quase não o reconhecia como o lugar sombrio em que havia morado ... sua prima também estava muitíssimo diferente. Naquela noite, a única vez em que ela falara foi depois de Amargura contar seus planos sobre começar um novo negócio e implorar para que os dois homens ficassem na vila para trabalhar com ele. Covardia Covarde, olhando furtivamente através da mesa, viu os olhos da prima se encherem de lágrimas e se voltarem para ele e ouviu o sussurro dela:

- Covarde, você vai ficar aqui, não vai? Ele não respondeu, mas continuou sentado com seu corpo grande e desajeitado esparramado na cadeira, com uma expressão no semblante que deixava transparecer a determinação de que ninguém nem nada deste mundo conseguiria tirar uma palavra de sua boca. Contudo, ele ficou. Mais tarde, no quarto que conhecia desde a infância, agora arrumado de forma adorável, contrastando com a cela da prisão em que ficara por tantos meses sem ver ninguém nem ter com quem conversar, aquele homem grande e desajeitado enterrou o rosto na cama e chorou como uma criancinha. Alguns dias depois, o Pastor, enquanto estava sentado à sombra de algumas árvores grandes e no meio de suas ovelhas, viu a figura grande e

desajeitada de Covardia Covarde atravessar o campo na direção dele. Aquele homem nunca se aproximara do 47

Pastor de livre e espontânea vontade, mas agora, embora aparentasse hesitação, parecia determinado a conversar com aquele de quem fugira muitas vezes e que, no fim, fora o motivo de sua prisão. O Pastor ficou sentado em silêncio, observando calmamente enquanto ele se aproximava tropeçando, com os olhos baixos e contraindo o rosto e as mãos de forma nervosa. Por fim, chegou diante daquele que nunca ousara olhar de frente. Curvou sua figura enorme e ajoelhou-se em silêncio sobre a terra. Nenhum deles disse nada. Algum tempo depois, Covarde levantou os olhos e deixou escapar: - Pastor, se quiseres, podes me transformar. - Eu o farei - disse o Pastor com voz forte e clara. - Até hoje seu nome foi Covardia Covarde, mas será chamado Testemunho Destemido.

Será meu mensageiro e sofrerá por minha causa. Covardia Covarde, ao deixar o lugar sob a árvore em que ingressara no serviço do Pastor, voltou direto para o chalé e procurou o cunhado. Encontrou-o no pequeno pátio no fundo do chalé, com um semblante triste, cortando madeira. - Mal-Humorado!

- chamou, enquanto se aproximava dele. - Venha comigo. - Ir aonde? - perguntou Mal-Humorado, olhando-o como se Covardia fosse um fantasma. - Vamos encontrar o Pastor - disse Covardia Covarde. - Ele pode ajudar você. - O Pastor! - exclamou Mal-Humorado, soltando um suspiro e recuando. - O que você pretende, Covarde? Não vou. A primeira coisa que ele vai dizer é que tenho de desistir da bebida, e não consigo fazer isso. Não consigo viver sem beber. E tem mais: não consigo agüentar esta vida no chalé, sem bebida. - É isso mesmo que quero dizer - falou Covarde. -

Você não conseguirá lidar com a situação sem a ajuda dele, assim como eu. Venha comigo. Vou levá-lo até ele. Sei onde ele está neste momento. - Ele não pode fazer nada por mim - gemeu Mal-Humorado com voz triste, afastando-se mais do cunhado. - Não me faz nenhum bem escutar você, Covarde. Você é mais forte que eu, e ele pode ajudá-lo, mas eu sou muito fraco para que ele possa me

ajudar. - Bem, você não precisa me escutar - disse Covarde pacientemente, mas com determinação. - Apenas venha comigo e ouça o que ele tem a dizer. Dito isso, colocou sua mão enorme sobre o ombro do trêmulo cunhado. Uma coisa era Covarde dizer: "Você não precisa me escutar", outra bem diferente. era Mal-Humorado deixar de escutá-la. Covarde era quase um gigante (a maioria dos homens da vila chegava aos ombros dele) e muito forte, pois estava acostumado a usar ao máximo seus músculos em seus acessos de valentia. Era a primeira vez que estava encarregado de um trabalho realmente bom, e ainda não sabia controlar sua força. Assim, o retraído Mal-Humorado viu-se impelido para a frente pelo poderoso e pesado braço do cunhado. Viu-se obrigado a ir, quer o desejasse, quer não, pois não havia como fugir daquele braço poderoso e fraternal. Assim, pouco depois o Pastor viu a figura do homem que acabara de recrutar para seu serviço, mais tarde conhecido em todos os lugares como Testemunho Destemido, empurrando na sua direção a figura encolhida do tímido Mal-Humorado. Diante dessa visão, o Pastor esboçou algo semelhante a um sorriso, mas também havia em seu semblante uma expressão de indescritível alegria e satisfação Mal-Humorado, ao levantar os olhos e captar aquela expressão no semblante do Pastor, parou de tremer, soltou-se do cunhado e adiantou-se de livre e espontânea vontade. - Senhor

- disse Covardia Covarde, colocando o homenzinho diante do Pastor e mantendo o grande braço em volta dos ombros inclinados do cunhado. - Trouxe aqui meu cunhado. Ele não é nem de perto um homem ruim como eu, mas também precisa da sua ajuda e de seu poder. Mal-Humorado contemplou mais uma vez o semblante do Pastor, que estava voltado para ele, e viu compreensão e compaixão.

Sem pensar, falou com voz fraca e trêmula: - Senhor, sou escravo de um espírito impuro. Será que podes expulsá-lo e libertar-me? - Sem dúvida que posso - respondeu o Pastor, e pôs as mãos sobre ele. - Eu o liberto, e quando o Filho liberta você realmente fica livre.

CAPÍTULO 14

A MONTANHA DAS MADEIRAS AROMÁTICAS

(FÉ)

A RESPOSTA DA FÉ PARA O AMOR

A montanha das Madeiras Aromáticas, a sétima da cadeia de montanhas das Especiarias, era um lugar adorável e, como a montanha de Canela, estava coberta de árvores. A única diferença era que as árvores eram muito mais altas. Eram graciosas e majestosas, com troncos bonitos e de colorido variado: cinza prateado, marfim, uma pálida cor de limão, azul acinzentado, amarelo pálido, dourado, vermelho ferrugem e belas nuanças de marrom. Em alguns lugares, havia até mesmo grandes faixas de troncos carmesins. A folhagem era ainda mais bonita. À distância, as folhas longas e delgadas, penduradas por hastes finas e maleáveis, pareciam grinaldas esvoaçantes de fios prateados. As encantadoras árvores bailavam ao sabor da brisa, até mesmo da mais leve aragem, e as folhas 48

sussurravam e ondulavam como as ondas do mar. Ao contemplá-las, Graça e Glória pensou que jamais vira algo tão glorioso e receptivo como aquelas incontáveis folhas. Era intrigante a misteriosa união entre elas e a leve brisa de verão... Como se dedos invisíveis tocassem gentilmente as folhas e liberassem toda a harmonia de intrincados movimentos rítmicos. Enquanto observava e ouvia as folhas, teve a sensação de ouvir um movimento harmônico que se transformou num cântico entoado através das árvores.

A fé é a resposta ao precioso chamado do amor,

A visão do querido semblante do amor;

Atender ao convite do amor é tudo

Que traz deleite ao coração.

Amar tua voz e responder:

"Senhor, eis-me aqui".

Quando o vento acaricia as árvores de verão,

E todas as folhas dançam,

O Espírito se move ao teu prazer,

Meu coração entrega-se à tua palavra.

A fé ouve teu chamado distante

E responde.

Desejo que tua vontade

Seja feita por meu intermédio,

Tua vontade e a minha forjadas numa só,

No fogo do amor.

"Senhor, eu creio!" Melhor:

"Senhor, eu obedeço."

Ela ficou bastante tempo sentada, em total silêncio, absorta demais para perceber qualquer outra coisa ao seu redor. Por fim, a voz do Rei interrompeu seu devaneio: - Você está admirando a beleza espontânea, submissa e sensível das minhas árvores de madeiras aromáticas, Graça e Glória? -Sim

- disse ela em tom de grande deleite. – É pura alegria admirá-las. Nunca vi nada que se compare a elas. A mais leve e gentil brisa faz com que dancem harmoniosamente os acordes de uma música

inaudível. - Sem dúvida, a fé é algo fascinante - falou o Rei com um sorriso de prazer. - Posso fazer tudo, sim, tudo quando há essa fé perfeita ou sensível à minha vontade. É a bela sensibilidade delas que desperta a música das árvores de madeira aromática. Não há nada neste vasto mundo que me dê mais alegria e que eu ache mais belo que a resposta do coração humano ao meu amor. É a disposição em me obedecer que possibilita essa união total entre nós e que faz com que eu possa derramar minha vida e poder naqueles que me amam e sempre respondem a mim.

Ele parou de falar, e eles ficaram sentados, admirando em absoluto silêncio a paisagem que se descortinava diante deles. Estavam sentados no pico da montanha das Madeiras Aromáticas, e o ar muito límpido permitia que enxergassem muito longe. Muito abaixo deles, ficava o vale da Humilhação, que fora a casa de Graça e Glória quando ainda era Grande-Medrosa, e ali viviam todos seus parentes. Daquela montanha, porém, eles tinham uma visão bem diferente do vale, pois olhavam de cima toda a sua extensão, em vez da vista transversal que as montanhas do lado oposto ofereciam. Graça e Glória podia ver que as longas e verdes extremidades do vale se abriam em outros vales, e estes em outros vales mais, todos serpenteando entre as montanhas. Os muitos vales se estendiam até muito além do que sua vista podia alcançar e também eram cercados por outra cadeia de montanhas com picos cobertos de neve, de forma que os Lugares Altos estavam acima de todos os vales. Era como se ela olhasse dois mundos: um mundo de Lugares Baixos, e acima outro, de Lugares Altos. Contudo, àquela altura, ela já sabia que, em certo sentido, existiam três mundos, pois todas as cadeias visíveis de montanhas tinham ainda topos mais altos, que ficavam acima de onde estavam e se elevavam até os céus, fora da vista deles. Portanto, eles estavam fora desse outro mundo. Esse outro mundo era realmente os Lugares Altos para onde iam os servos do Rei quando acabavam sua missão na terra. Ela ficou muito tempo sentada em silêncio ao lado do Rei, o pensamento ocupado com as coisas que ele acabara de lhe contar. Ela contemplou longa e gravemente, com um pouco de temor, todos aqueles vales que se estendiam ao longe, em todas as direções,

além de seu pequeno "vale". Havia tantos vales! Multidões e multidões de pessoas viviam naqueles Lugares Baixos, que se estendiam por toda a terra; pessoas que não sabiam nada dos Lugares Altos, pois não conheciam nada a respeito do Rei do Amor; pessoas que jamais 49

conheceriam nem vivenciariam a alegria e o êxtase da união com ele, a menos que alguém lhes contasse sobre o Rei do Amor. Ela moveu-se um pouco inquieta em seu banco macio de musgo lá no alto da montanha das Madeiras Aromáticas, e os olhos estavam enevoados pelas lágrimas.

Enxugou o rosto, mas não sentiu vontade de olhar para o Rei. As encantadoras e graciosas árvores de madeira aromática sussurravam, murmuravam e farfalhavam em volta dela, seguindo o vento que se movia com gentileza no meio delas e suplicava que respondessem a ele. Ela olhou para o verde vale, o seu "vale", bem lá embaixo, onde ela agora trabalhava com tanta alegria, onde seus parentes, como ela, começavam a aprender a responder ao Rei do Amor. Após uma longa pausa, ela disse em voz baixa e fraca: - Meu Senhor, não é maravilhoso que tantos habitantes do vale lá embaixo tenham sido persuadidos a se tornar seus seguidores? - Sim, maravilhoso - concordou ele de imediato, num tom alegre e satisfeito.

Ela sentiu que ele sorria enquanto falava. No entanto, por algum motivo, ainda não queria olhar para ele. Mais um longo silêncio. Então, ela, ainda sem olhar para ele, colocou sua mão sobre a dele e disse com a mesma voz baixa e fraca: - Meu Senhor, por que me trouxeste aqui? - Queria que você contemplasse esta vista - respondeu ele, em tom muito gentil. - Já estou olhando a paisagem - disse ela, um tanto ansiosa. - Diga-me, Pastor, o que vês? Ele respondeu devagar e com voz clara: - Vejo os lugares sombrios da terra, cheios de moradas da crueldade. Vejo multidões de almas humanas desfalecidas e dispersas, como ovelhas que não têm pastor, e sinto compaixão por elas, Graça e Glória. Após uma longa

pausa, ela falou de novo, mas tão baixinho que mal se podia ouvir sua voz. -

Acho que entendo, meu Senhor - disse ela, e estremeceu. Não parecia que era a Graça e Glória que estava longe, lá nos Lugares Altos, e sim a pobre Grande-Medrosa que ainda morava no vale lá embaixo. - Então você viu o que eu queria que visse - disse o Rei suavemente. - Podemos descer para o vale da Humilhação e começar o trabalho do dia.Ele levantou-se enquanto falava e começou a descer saltitando a encosta da montanha. Graça e Glória, como sempre, começou a segui-lo, mas pela primeira vez desde que ele a trouxera aos Lugares Altos achou que seus "pés de corça estavam vacilantes. Por isso, parou um pouco sobre uma pequena rocha e sussurrou com voz muito suave: -

Contemple-me! Sou sua pequena feitura, Aceitação com Alegria. As pernas dela pararam de tremer no mesmo instante, e ela, com andar seguro como o da corça da montanha, saltou montanha abaixo atrás do Rei, cantando enquanto descia:

Não peças que te deixe, Senhor,

Pois amo-te tanto!

E aonde fores, Senhor do Amor,

Também irei.

"Onde ficares ficarei,

O teu povo será o meu povo",

Quem amares também amarei,

Minha vontade é uma com a tua.

Quando morreres, morrerei

E também serei sepultada,

Pois nem mesmo a morte pode separar

De ti meu coração aprisionado por teu amor.

(Rute 1.16, 17)

CAPÍTULO 15

ORGULHO E SUPERIORIDADE

Orgulho mancava desde aquele dia memorável em que tentara interceptar Grande-Medrosa no caminho para os Lugares Altos e o Pastor viera em socorro dela, lançando-o ao mar do alto do despenhadeiro. Sim, ele ainda mancava, e seu belo rosto tinha cicatrizes, uma chaga aberta em sua alma, pois sempre fora um dos homens mais bonitos e fortes do vale. Sem dúvida, o fato de não poder mais flertar com todas as moças bonitas que encontrava foi o que o levou a tomar a decisão de se casar e sossegar. Escolheu Superioridade para esposa, uma jovem e rica moça de sua família.

Havia muitos anos ela esperava e acalentava a esperança de que isso ocorresse. Sem dúvida, era bonita, mas acima de tudo era a única herdeira da riqueza dos pais, e Orgulho tinha gostos muito mais extravagantes do que a mesada do pai lhe permitia. O casamento trouxe-lhe a fortuna oriunda de investimentos numa companhia que realizava grandes operações de mineração em algum lugar do vale da Sombra da Morte. Dizia-se que a mina produzia uma riqueza fabulosa, e a renda dos pais 50

de Orgulho, sir Arrogância e lady Altiva, era proveniente dessa fonte. Por mais estranho que pareça, Grande-Medrosa, órfã, pobre, manca e criada na casa da senhora Sombria Agourenta, foi a melhor amiga de infância de Superioridade quando crianças. Grande-Medrosa e os três primos -

Desanimada, Rancorosa e Covardia Covarde - foram seus companheiros de escola. Na verdade, ela não gostava dos três Agourentos, pois tinha ciúmes da boa aparência de Desanimada e da inteligência de Rancorosa e detestava o jeito briguento de Covarde. Talvez isso se deva ao fato de os três fazerem com que ela se sentisse inferior, ao passo que defender a trêmula e maltratada Grande-Medrosa lhe proporcionava um reconfortante sentimento de superioridade, algo que fazia bem à sua natureza, e

esse sentimento era o alicerce dessa estranha amizade. Grande-Medrosa não apenas era feia e manca: também não se saía bem na escola, e Superioridade não precisava ter nenhum receio de ser suplantada por ela. Os outros meninos e meninas, em geral, não gostavam de Superioridade, porém ela possuía muito mais dinheiro que todos juntos e roupas muito mais bonitas, e todos sabiam que ela era a herdeira da família. Portanto, o respeito agradecido e a veneração de Grande-Medrosa eram um bálsamo e um incentivo à sua auto-estima, dando-lhe a sensação de que tinha amigos. A amizade delas não acabou totalmente nem mesmo quando saíram da escola e Grande-Medrosa entrou para o serviço do Pastor. Na época, porém, Superioridade já sentia uma dor aguda na alma por causa da negligência de Orgulho e da demora dele em lhe propor casamento, a despeito do fato de os pais de ambos os considerarem comprometidos desde os tempos de escola.

Os sentimentos feridos de Superioridade com os incontáveis flertes de Orgulho foram suavizados com a decisão de apoiar Grande-Medrosa e insistir em que foram os horríveis parentes desta que a levaram a entrar para o serviço do Pastor. Ninguém podia culpá-la por querer sair daquela casa o mais rápido possível. Depois que Grande-Medrosa foi com o Pastor para os Lugares Altos, o galanteador Orgulho, que ainda não havia feito a proposta de casamento a Superioridade, foi para as montanhas a fim de tentar trazer Grande-Medrosa de volta para casa. Ele não só fracassou em sua missão, como também retomou manco e com tantas cicatrizes no rosto que, por fim, sentiu que estava pronto para fazer o que Superioridade esperava havia tanto tempo - casar-se com ela.Por essa razão, Superioridade disse a si mesma que sua amizade e a graciosa defesa de Grande-Medrosa receberam a devida recompensa. Claro que, na condição de esposa de Orgulho, não era insensível o bastante para falar de sua antiga amizade com Grande-Medrosa. Afinal, Orgulho se acidentara por causa dela, e não havia necessidade de ficar falando na amiga durante a ausência desta. Contudo, a situação ficou difícil quando Grande-Medrosa retomou com um novo nome. Além disso, ela não mancava mais nem estava desfigurada, e duas criadas que pareciam da realeza a serviam o

tempo todo. Sem dúvida, isso seria suficiente para ter acabado com a amizade de uma vez por todas, não fosse o fato de Graça e Glória ter se empenhado com muito amor em mantê-la. Afinal, Superioridade ficou desarmada quando Graça e Glória, logo que retomou à vila, a procurou, sem qualquer afetação, e demonstrou genuíno e carinhoso interesse pelas preocupações da amiga.

Afinal, disse Superioridade para si mesma, talvez essa pobre alma tenha agora um nível de vida muito melhor que o anterior. Contudo, minha posição é inacessível a ela tenho marido, filhos adoráveis, uma bela casa e uma grande fortuna. Meu marido, ainda por cima, é herdeiro de um titulo.

A sorte de minha amiga realmente melhorou, mas por que eu teria inveja disso? Com certeza, não devo anunciar nossa amizade na frente do meu marido, e Graça e Glória parece ser sensível o bastante para também não o fazer. Contudo, é bom manter contato com os amigos do Pastor, em vez de fazer inimigos sem necessidade, algo que Orgulho já descobriu sair muito caro. No entanto, Superioridade começou a perceber que não era tão fácil manter a amizade com Graça e Glória, como pensara de início. Por mais estranho que parecesse, a despeito da grande diferença na posição mundana das duas, ela não conseguia deixar de sentir um crescente sentimento de inferioridade e de inveja em relação a Graça e Glória. Sem dúvida, esta não tinha casa própria no vale, nem marido, nem filhos, nem posição social... Contudo, parecia viver como uma rainha.

Aparentemente, as duas criadas reais faziam tudo por ela, e qualquer necessidade que tivesse era logo suprida. Além disso, desfrutava liberdade e independência. O mais extraordinário ainda era a crescente influência que ela parecia exercer sobre as pessoas. Por exemplo, a tia e os primos mudaram misteriosamente sua atitude em relação a Graça e Glória - agora eram tão amorosos com ela quanto antes foram odiosos! Além disso, muitos de seus parentes Temores estavam entrando para o serviço do Pastor! A influência e o poder que ela parecia ter obtido graças ao seu

relacionamento com o Pastor e a forma em que convencia tanta gente a entrar para o serviço dele produziram uma pílula amarga demais para Superioridade engolir, pois fora ele quem humilhara seu marido. Agora o Pastor, que sempre fora desprezado e ignorado por todo o clã dos Temores, era 51

aceito por todos eles como uma espécie de Rei! O problema não era só a família da senhora Sombria Agourenta, que não era rica nem importante, apesar de ser parente do senhor Temor! Amargura, por exemplo, desistira de seu próspero hotel para seguir o Pastor. Ressentimento acabara de anunciar sua intenção de deixar a administração do banco, pois o Pastor o enchera de escrúpulos em relação aos investimentos nas Minas Vale da Morte, com os quais tantos clientes enriqueciam!

Havia ainda Auto-piedade e sua esposa imbecil, Desesperança, que trabalhavam para o Pastor e pareciam gostar disso! Além disso, segundo as notícias que corriam pela vila, muitos outros cidadãos menos proeminentes estavam também entrando para o serviço do Pastor. Assim, Graça e Glória, para completar, usufruía uma posição de autoridade e influência junto a todos eles, algo que ela, esposa de Orgulho e nora de *sir* Arrogância, jamais possuíra! Chegou o dia em que Superioridade se perguntou se não era melhor encerrar aquela amizade e fugir de uma vez por todas daquele sentimento de inferioridade que crescia a cada encontro com Graça e Glória e seus amigos. Devia ela desistir da amiga e cortar todas as ligações com o Pastor, ignorando as notícias dos feitos dele?

Ou seria melhor preservar a amizade e aceitar o fato de que a pessoa que um dia ela tratara como inferior fora promovida e a superara? Surpreendentemente, Superioridade escolheu a última opção.

Ela não conseguiu entender por que tomara essa decisão, mas ao pensar no assunto era grande o bastante para todas as necessidades deles. Enquanto a fortuna estivesse nas mãos dela, poderia controlar as extravagâncias do marido, por isso não sentiu medo. Contudo, a lembrança do ânimo sombrio de Orgulho na noite

anterior foi varrida de sua mente pela novidade que o leiteiro trouxera em sua ronda matinal, algo que precisava contar ao marido.

- Orgulho, soube o que aconteceu ontem à noite? - perguntou ela em tom animado, tão logo ele entrou na sala para o café-da-manhã.
- O leiteiro trouxe a novidade esta manhã. O hotel da senhora Murmuração pegou fogo. Pelo que entendi, não sobrou nada. Parece que Afiado, o homem que ela transformou em administrador do hotel depois que Amargura desistiu do negócio para seguir o Pastor, andou bebendo num quarto do andar térreo e provocou o incêndio. Quando os hóspedes dos andares superiores acordaram, todo o andar térreo estava em chamas, e eles tiveram de fugir pelas janelas. O fogo estava fora de controle quando os bombeiros chegaram, e o prédio estava em chamas. Por sorte, ninguém morreu. Tudo o mais se foi - tudo! Dizem que Murmuração sofreu queimaduras sérias nos braços e no rosto enquanto tentava salvar os filhos, e também houve outros feridos. Que perda! Espero que o prédio tenha seguro! O marido, que a estivera encarando com expressão estranha e pesarosa no semblante, murmurou: - Acontece que sei que o lugar não tem seguro. Murmuração perdeu tudo. Esse tal de Afiado a convenceu a usar todo o dinheiro que ela havia economizado numa obra de ampliação do hotel, e eles estavam fazendo uma grande reforma.

O negócio estava indo tão bem que Murmuração decidiu que estava na hora de fazer as melhorias.

Ela mesma me disse que não faria seguro até concluir a reforma. O que aconteceu com o Afiado? -

Ninguém sabe. Está desaparecido. Não há sinal dele. Ninguém sabe se ele foi queimado, se está sob as ruínas ou se fugiu. Embora ninguém tenha certeza, acham que ele fugiu, pois o cofre do quarto dele estava aberto - e vazio claro. Murmuração costumava deixar que ele guardasse a féria do dia e na manhã seguinte ela depositava a quantia no banco. É de estranhar ela confiar tanto nesse homem, considerando que sempre foi uma mulher muito

esperta. E a parte do dinheiro de Amargura, Orgulho? Suponho que ela não podia usar as economias do marido para fazer a reforma do hotel, não é mesmo? - Pelo que sei, ele desistiu de todo dinheiro que ganhou com o negócio - respondeu o marido em voz baixa. - Declarou que não tocaria em um centavo sequer ganho à custa da destruição de homens. Portanto, imagino que Murmuração ficou com todo o dinheiro. - É a ruína total - disse Superioridade em tom de compaixão, mas com a preocupação fácil e superficial de quem possui uma fortuna garantida e não corre o risco de ser confrontado com a perda ou com a falência; O marido olhava-a com expressão muito estranha. Estava muito pálido, e suas mãos tremiam. Após uma breve pausa, tudo o que ele disse foi: - Que bom que Amargura já havia entrado para o serviço do Pastor!

De algum modo, eles terão um teto sobre a cabeça e uma forma de ganhar a vida. Parece que o Pastor sempre ajuda seus auxiliares quando eles passam por dificuldades. É uma pena que Murmuração não tenha concordado com Amargura e desistido do negócio também. Se ela tivesse aceitado a idéia de Amargura, não teria perdido tudo. - Dando uma risada dissonante e estranha, acrescentou: - No fim, o destino e a boa sorte parecem estar sempre do lado dos seguidores do Pastor, e a má sorte, com os inimigos dele. Superioridade olhou-o com ar de espanto. Nunca ouvira falar com aquele tom de voz nem mencionar Pastor daquela maneira. Antes que ela pudesse dizer uma palavra, a criada entrou na sala, trazendo o jornal que acabara de chegar. Com uma expressão assustada e estranha no semblante, a serviçal deixou - o junto ao prato do patrão e se retirou da 52

sala. Orgulho desdobrou o jornal. A página principal trazia uma manchete em letras garrafais.

Superioridade viu o marido empalidecer. O jornal caiu-lhe das mãos inertes, e a cabeça dele tombou sobre a mesa. Ela soltou um gritinho de terror, tocou a campainha para pedir ajuda e correu para o lado do marido. O jornal caíra no chão, porém ela viu a manchete:
O MAIOR GOLPE DO SÉCULO

- Minas Vale da Morte e a fraude gigantesca Colapso total de todos os bancos da cidade da Destruição. Investidores perdem tudo. A confiante herdeira, que se sentia acima dos golpes do destino, ao ler aquelas palavras, soube, com um sentimento de terror, que a ruína que se abatera durante a noite sobre a senhora Murmuração também a havia alcançado. Ela sabia muito bem que todo centavo que ela, o marido e os pais deles possuíam era proveniente dos investimentos naquela

"fraude gigantesca". Tudo que possuíam escapara de suas mãos como uma bolha de ar. Orgulho, ao recobrar os sentidos, achava-se num estado lamentável, dominado pelo medo e pela angústia. Havia semanas que ele temia aquela calamidade, mas tinha a esperança de que os rumores, dos quais Ressentimento o alertara, não fossem verdadeiros. Agora, o golpe fora desferido. Tudo o que eles possuíam se fora, e ele sabia que não tinha mais como sustentar a família, pois os pais também estavam sem um tostão. Ele nunca aprendera a trabalhar, não entendia nada de comércio nem de negócios. Sabia que a vida mansa o desqualificara para o duro trabalho braçal e foi assaltado pela horrível percepção de que estava totalmente despreparado para essa nova e terrível situação, que era incapaz de enfrentar a vida tal como ela se apresentava diante dele. O pensamento da esposa e dos filhos sozinhos e sem um tostão o impedia de cometer suicídio. Contudo, a percepção de que era incapaz de fazer alguma coisa por eles, a não ser ficar com eles, era tão terrível que ele achou que não teria forças para agüentar a situação. Tudo em que ele sempre acreditara lhe fora arrancado de repente, e a constatação de que era incompetente e incapaz de administrar a crise levava-o a pensar que permanecer vivo seria uma desgraça. Superioridade também estava horrorizada com a descoberta da própria incapacidade de enfrentar a vida e suas exigências, de viver desprovida do conforto, das facilidades e dos prazeres que o dinheiro sempre lhe proporcionara. Contudo, reagiu de forma diferente do marido. Talvez isso se devesse à decisão que tomara, poucos dias antes, de continuar a amar Graça e Glória. O anseio apaixonado de seu coração - que ela, por fim, admitira para si mesma - de conhecer o Pastor fizera com que ela,

naquele momento de desespero, em que sua vida ruíra, vislumbrasse alguma esperança num pedido de ajuda ao Pastor. A reação de Orgulho, quando, em estado meio enlouquecido, por fim conseguiu ouvir a sugestão de que, agora que haviam perdido tudo, procurassem aquele que desdenharam e rejeitaram por tanto tempo, foi de horror e vergonha. - Como vamos fazer isso? - disse ele, emitindo um som agudo. - Como podemos, agora, ir rastejando até ele? Agora, que estamos arruinados, vamos implorar a ajuda daquele a quem desprezamos enquanto tínhamos fortuna e segurança? Podemos, ao menos, nos poupar da humilhação de rastejar como mendigos diante dele, pedindo uma esmola. Além disso, é provável que ele nos vire as costas! - Mas somos mendigos agora!

- disse Superioridade com voz trêmula. - Não é melhor enfrentar os fatos e reconhecer o que realmente somos? Não vejo esperança para nós, a não ser o Pastor nos aceitar e nos ensinar algum tipo de trabalho útil, ainda que humilde.

Orgulho gemeu, angustiado. - Não há nada que eu possa fazer. Há semanas penso nisso e procuro uma solução, depois de saber que essa catástrofe podia cair sobre nós. Mas não há saída, absolutamente nenhuma saída. O único escape para mim é morrer. Talvez assim o Pastor ajude vocês. Ele não quer nada comigo, pois sou há anos seu pior inimigo. - Orgulho ... - disse uma voz calma e imponente. - Orgulho, você e Superioridade estão dispostos a me ouvir? Marido e mulher, em meio à angústia, levantaram os olhos e viram o Pastor ao lado deles na sala. O semblante dele tinha uma expressão firme, e a voz era séria, mas também revelavam compaixão e podes realmente fazer alguma coisa com alguém tão inútil e desprezível quanto eu? - Posso fazer com que você se torne a pessoa que planejei que fosse quando o criei. Se você for manso e humilde de coração, eu o ensinarei e mostrarei como usar para minha glória todos os benefícios e privilégios que até agora desfrutou. Mas você tem de estar disposto a começar do início, do nada. Deve estar disposto a aceitar das minhas mãos a perda de tudo o que você valorizava na vida e, em troca, aceitar tudo o que

desprezou até hoje: uma posição humilde, pobre e vil aos olhos do mundo. Você precisa aprender um novo padrão de valores e a adaptar seus desejos àquilo que eu escolher para você.

Orgulho sei que minhas palavras são duras, mas essa é a verdade que você se negou a encarar durante toda a sua vida. Um silêncio caiu na sala quando ele terminou de falar. O homem que odiara e resistira por tanto tempo ao Senhor do amor; o homem que ficou manco por causa de sua teimosia 53

e depois perdeu tudo por continuar a resistir, e a mulher que, como o marido, se recusava a ver a si mesma como realmente era, agora se quedavam mudos e imóveis. Refletiam para decidir se aceitariam a verdade a respeito de si mesmos ou se a rejeitariam. Finalmente, Superioridade levantou-se, foi até onde estava o marido, segurou suas mãos e disse com voz trêmula: - Esta é a grande oportunidade da nossa vida. Nós fomos tolos. Que tal deixarmos de ser tolos de hoje em diante? Perdemos todos os nossos bens e a nós mesmos, mas fomos abençoados com isso, pois encontramos a vida para a qual fomos destinados. O Pastor diz que nos fará mansos e humildes de coração, tal como ele é. Estou cansada de ser superior. Você não está cansado de ser orgulhoso?

O marido também se levantou, e os dois se aproximaram do Pastor, ajoelharam-se diante dele e disseram: - Senhor, não somos nada. Somos simples mendigos indignos de pedir tua ajuda. De hoje em diante, porém, somos teus servos para sempre. O Pastor, com infinita bondade e doçura, falou: -

Meus servos Manso e Humilde de Coração, "aprendam de mim, e vocês encontrarão descanso para as suas almas. Pois o meu jugo é suave e o meu fardo é leve".

CAPÍTULO 16

A MONTANHA DA MIRRA

(MANSİDÃO)

O CÉU É O REİNO DO AMOR

O Rei plantara as cativantes árvores da humildade na montanha da Mirra, que produziam em abundância a especiaria favorita dele. Elas cresciam perto do último dos picos que formavam a cadeia de montanhas das Especiarias e o majestoso círculo dos Lugares Altos que rodeava o vale da Humilhação, embora houvesse estreitos desfiladeiros entre as montanhas que levavam a muitos outros vales. Assim, o Rei e sua companheira, ao chegar à montanha, estavam perto de completar o círculo da cadeia de montanhas: apenas a montanha do Aloés estava entre eles e seu ponto de partida, a montanha das Romãs. Contudo, a montanha da Mirra era bem diferente das outras, por mais que cada uma se destacasse por suas peculiaridades. O formato era muito semelhante ao da montanha Negra, localizada à frente da montanha das Romãs, pois também tinha o formato de pirâmide, embora fosse bem mais alta. Na verdade, era a segunda mais alta das sete montanhas: apenas a montanha das Romãs, onde cresciam as árvores do amor, era mais alta que ela. As árvores que produzem a especiaria da humildade vestiam a encosta da montanha quase do sopé ao topo e eram diferentes de todas as outras árvores de especiarias. Graça e Glória, ao contemplá-las, lembrou-se do pequeno espinheiro que adoçara de maneira miraculosa o amargor das águas do riacho de Mara, do qual bebera em sua jornada para os Lugares Altos, quando ali se ajoelhou, concordando, de boa vontade, em que esse gesto quebrantasse seu coração. Quando mencionou sua lembrança ao Rei, ele respondeu que, de fato, o espinheiro que crescia ao lado do riacho de Mara era uma espécie de mirra que fora transplantada da montanha para a parte mais baixa da encosta. Lá embaixo, a mirra só conseguia crescer de forma mirrada e imperfeita, mas ainda assim conservava a especiaria preciosa que

adoçara as águas amargas e intragáveis do riacho. Ela notou que as árvores que cresciam em seu ambiente nativo eram baixas e possuíam espinhos afiados e pouca folhagem. No entanto, era a estação do ano em que estavam cheias de botões prestes a florescer. O Rei informou que, em pouco tempo, as árvores estariam cobertas de flores e prometeu que a traria de volta àquela montanha na época da floração, quando a encosta brilhava como se usasse um manto real carmesim. Todavia, naquela época do ano, em que os brotos surgiam na ponta de cada longo e afiado espinho, um grupo de trabalhadores do Rei ocupava-se da tarefa de fazer uma incisão no tronco de cada uma das árvores, a fim de que a preciosa resina da humildade escorresse para uma vasilha, preparada especialmente para esse fim. As árvores, antes de florescer em toda a sua glória, tinham de oferecer a todos seu precioso tesouro aromático. Elas se desnudavam diante das afiadas facas e assim se esvaziavam em alegre doação de si mesmas e em ação de graças.

Os trabalhadores do Rei, enquanto faziam as incisões, entoavam este cântico: Não tema a faca cortante, Não se encolha com a dor,

Deixe que as gotas vermelhas de tua vida Caiam como chuva, sangrando.

Aquilo que entregas à morte

É a semente que viverá.

Não tema o sopro do inverno,

Deixe que a semente caia na terra,

Tudo o que repousa na morte

Aguarda a ressurreição do nascimento.

Deixe que as flores caiam, e dos espinhos

Glória mais esplendorosa nascerá.

Não retenha as alegrias da vida,

Tampouco se apegue aos anos dourados do passado,

O amor os destrói,

Para que haja espaço para muito mais.

O amor, com face radiante,

Leva-o para um lugar mais excelente.

Não deixe que a auto-compaixão derrame

Amargura nem remorso.

Estes são vermes que matam a semente,

E produzem triste penúria.

Aceite com coração disposto,

Deus concede dons mais preciosos.

Aprenda, logo ou devagar, a lição,

Essa é a lei do céu.

Devemos deixar as coisas antigas para trás

A fim de abrir espaço para mais coisas.

Temos de segar com contentamento

As alegrias mais excelentes que as perdidas hoje.

Graça e Glória ficou sem palavras ao contemplar aquela cena de beleza tão especial e comovente, em que árvores espinhosas se

derramavam pela laceração feita em seu tronco, e percebeu que cada espinho tinha como coroa um broto carmesim pronto para irromper em flor. O aroma agridoce da densa resina da mirra (especiaria usada, em especial, para ungir os mortos) inundava o ar. - Estas são minhas árvores felizes - disse, por fim, o Rei, exibindo um de seus adoráveis sorrisos, enquanto se sentava num barranco baixo. – Esta é a humildade que habita a terra e que pertence ao Reino dos céus. Graça e Glória olhou para ele com expressão de ansiedade e aguardou para ouvir o que ele diria em seguida. Eles ficaram sentados em silêncio alguns momentos, então a voz calma do Pastor continuou: - Estas pequenas árvores da humildade, que exalam essa adorável fragrância e derramam o tesouro de seu coração, ensinam uma grande lição, Graça e Glória. Trouxe você aqui para que, sentada no meio destas árvores, "aprenda de mim, pois sou manso e humilde de coração, e encontre descanso para sua alma' e também conheça os segredos do céu. - Toda esta paisagem à sua volta é uma encantadora ilustração do que significa esvaziar a si mesmo, aquilo que lhe ensinei quando disse: "Seja a atitude de vocês a mesma de Cristo Jesus, que esvaziou-se a si mesmo". Aqui você pode observar o gracioso e alegre espírito de entregar a si mesmo, de se derramar para que outros possam usá-lo sem se importar que para isso seja necessário que a faca arranque o tesouro enterrado no mais fundo do seu coração. Essa humildade, essa disposição de se esvaziar e se humilhar (e a humildade não é nada além da disposição de aceitar docemente e sem ressentimento as humilhações) é a principal característica do cidadão do Reino do Amor e de todos os que vivem no céu. Ela é a própria natureza do Filho do homem! - A humildade é a doação e o compartilhamento de si mesmo até para os que exigem tudo e não dão nada em troca; dos que tomam à força e, assim, tiram vantagem da humildade, pois ela não opõe resistência a eles. A humildade é o exato oposto da afirmação e da persuasão de si mesmo. Estas pequenas árvores oferecem uma imagem perfeita do Reino dos céus. Lembre-se, o Reino dos céus é todo lugar em que a lei do amor é praticada e obedecida e em que eu, o Rei do Amor, governo. Meu Reino entra no coração dos homens e, por meio deles, alcança a terra. O humilde da terra já vive no céu. Isso quer dizer que ele tem suas

raízes no céu, enquanto seu corpo ainda vive mais um pouco no mundo material e ainda está sujeito à dor e à morte. O humilde é como o lírio, cuja flor flutua sob a superfície da água, mas tem suas raízes num reino abaixo da água, que não podemos ver. Eles ficaram sentados em silêncio algum tempo enquanto admiravam os jardineiros reais trabalharem entre as "alegres" - ou abençoadas -

árvores da humildade, fazendo incisões por meio das quais cada árvore, com alegria e gratidão, derramava a si mesma para os outros. Ao fazer isso, estavam prontas para irromper em gloriosa floração e frutificação. Por fim, Graça e Glória virou-se e contemplou mais uma vez o semblante do Rei do Amor, aquele que planeja um destino de indizível glória para todos os que o amam. Ao contemplar o semblante dele e colocar a mão sobre a mão dele - mão trespassada pelo prego que 55

estava próxima à ferida em seu lado, por onde derramara sua vida a favor de toda a humanidade -, orou que lhe mostrasse como também poderia derramar sua vida e compartilhá-la com os outros.

Antes de partirem, ele entoou outro cântico das montanhas:

Ó abençoado o humilde paciente

Que sofre injustiça em silêncio;

Como é glorioso o tolo fraco Feito forte por Deus;

Tão forte que arrebata a coroa de conquistador

E alvoroça o mundo todo.

Ó temível humilde! Ninguém resiste

Á arma que brandes,

A força se desfaz como névoa diante de ti.

Os mais fortes da terra desfalecem e se entregam.

Sim - matam-no, deitam-no no pó,

Mas os poderosos da terra se curvam diante dele.

Imortal humilde! Que arrebata a terra Deitando tudo fora,

Que morre - e a morte é seu nascimento,

Que perde - e ganha o dia.

Abatido, despojado, desdenhado e morto

Vive e reina como verdadeiro rei da terra.

Ó humilde semelhante a Cristo!

Abençoado pelo céu Diante de quem o inferno estremece,

Oprimido pelo homem tolo e cego,

E que, contudo, faz com que a terra estremeça.

Ó "semente" dele, que venceu pela perda,

E conquistou a morte na cruz.

CAPÍTULO 17

A MONTANHA DO ALOÉS

(DOMÍNIO PRÓPRIO)

DOMÍNIO PRÓPRIO PELO AMOR

Passaram-se alguns dias, e o Rei levou Graça e Glória à montanha do Aloés, a última da cadeia de montanhas das Especiarias. Essa jornada completava o círculo dos encantadores picos e trazia-a de volta praticamente ao ponto de partida, pois dali podia ver a

montanha das Romãs, onde eles iniciaram a jornada. Ela achou a última montanha, sob alguns aspectos, a mais bonita de todas.

Contudo, era muito difícil eleger qualquer uma delas como a mais bela ou a mais importante, pois as nove montanhas eram serenas e maravilhosas. Na verdade, formavam a cadeia de jardins em que o Rei plantava suas maravilhosas especiarias. Contudo, as montanhas do Aloés e das Romãs possuíam algo especial, que as distinguiam das outras. Entre as duas elevações, estendia-se um silencioso vale pelo qual fluía um rio de águas cristalinas. Era a escadaria para os Lugares Muito Altos, que ficavam mais acima. A cascata que descia lá do alto da montanha do Aloés formava o rio que atravessava o vale entre as duas montanhas. Acima do rio, no lado mais alto do tranqüilo vale, havia uma vereda que conduzia às Regiões Mais Altas do céu, fora deste mundo, cujos habitantes, às vezes, desciam até as margens distantes do rio a fim de ajudar a travessia dos amigos do Rei, quando chegava a hora de partirem da terra. Entretanto, naquela ocasião, o Rei não levou Graça e Glória ao vale silencioso entre as montanhas, mas à montanha do Aloés. Ali cresciam fileiras de árvores de domínio próprio. Eram árvores muito grandes, gigantes de força e encanto. Ao lado delas, até as mais altas árvores da floresta pareciam anãs. Os troncos eram muito espessos, os ramos espalhavam uma sombra gloriosa numa área grande o bastante para abrigar uma catedral. Eram de proporções magnífica e graciosamente coroadas com uma abóbada de folhagem tão densa que nem as gotas da chuva nem mesmo o granizo conseguia penetrar sua sombra fresca. As árvores não cresciam próximas umas das outras, mas estavam bem espalhadas pelas encostas da montanha.

Cada uma se levantava como um nobre e gracioso templo em cujo interior sombreado ecoava um melodioso coro de pássaros. A especiaria oferecida por aquelas árvores poderosas era extraída das perfumadas tiras de casca cortadas dos troncos imensos. A casca crescia de novo com tanta rapidez que o processo de extração podia ser repetido diversas vezes ao ano e ainda contribuía para

que a árvore crescesse mais e ficasse mais forte. Sentar-se à sombra daqueles templos em forma de 56

árvore era um ato que inspirava muita reverência, mas Graça e Glória, tão logo eles se sentaram debaixo de uma das árvores, notou os esquilos que brincavam alegremente nos galhos e os passarinhos que gorjeavam nos ninhos acima de sua cabeça. Na verdade, parecia que famílias inteiras de alegres criaturas haviam feito sua moradia no acolhedor abrigo da árvore. Apesar de aquela árvore lhe trazer de pronto à memória a solene beleza e a adoração de uma catedral, logo descobriu que se tratava de um templo de alegria e felicidade vivas.

Ela ficou sentada, contemplando com admiração quase reverente os galhos graciosamente proporcionais que se espalhavam acima de sua cabeça, tão nobres, fortes e harmoniosos que davam a impressão de bondade, beleza e força perfeitas. Ela se perguntava, enquanto contemplava o ambiente à sua volta em admirado deleite, como seriam as árvores de aloés que cresciam nos Lugares Muito Altos, se daquele lado do rio já cresciam em proporções tão magníficas e únicas. Logo depois, ouviu as vozes vindas das outras árvores de aloés ao seu redor na montanha. Era como se um coro invisível entoasse harmonias místicas, um cântico muito alegre e com uma melodia tão gloriosa que era quase inexprimível:

O amor fez uma festa de casamento,

Chamou todos os convidados,

Rico e pobre - o maior e o menor,

Todos sob o comando do amor

Reunidos para celebrar

A grande colheita de alegria do amor.

Contemple o Filho do Rei com sua Noiva,

Cortejada e, agora, possuída,

Contemple-a ao lado dele,

Em seu traje de glória.

Ele a escolheu para isto:

Ser sua para sempre.

O Amor triunfou, o Amor venceu,

Esse fruto da dor!

Ele cumpriu todos os seus propósitos,

Ela é toda sua.

Todo o seu coração e toda a sua alma

Entregues ao total controle dele.

O Rei e sua companheira ficaram sentados em silêncio depois que a música silenciou, admirando a paisagem que se descortinava diante deles. Lá estavam a longa cadeia de montanhas e as distantes vilas que Graça e Glória avistara da montanha das Madeiras Aromáticas. Na montanha do Aloés, o ar parecia ainda mais límpido, e eles conseguiam enxergar com clareza os lugares mais longínquos da terra, em que o amor não era conhecido e, por isso, não encontrara resposta ao próprio amor.

Graça e Glória contemplou os Lugares Baixos por muito tempo. Depois virou-se e, em silêncio, contemplou o Rei. Ela se perguntava por que ele não lhe falara nada sobre aqueles muitos vales nem das multidões de pessoas errantes e fracas que viviam neles. Enquanto mirava o semblante do Rei com a pergunta não formulada por seus lábios, mas estampada em seu olhar, ele dirigiu a ela um sorriso radiante e disse: - Já está quase na hora, Graça e Glória, mas o plano ainda não está pronto para ser cumprido. As palavras dele

soaram como se ele risse de algum feliz segredo, mas ele mudou de assunto: - As árvores desta montanha são de domínio-próprio-por-amor. São as árvores mais desenvolvidas e mais bem proporcionadas dos Lugares Altos, e o segredo do desenvolvimento delas repousa no fato de que suas raízes se espalham no subsolo muito além do que seus ramos se espalham no céu. De cada um destes gigantes, pelo menos algumas raízes alcançam as águas do rio da Vida, que você viu correndo através do vale e que nasce nos Lugares Muito Altos.- Domínio-próprio-por-amor – repetiu Graça e Glória com ar pensativo. - Meu Senhor, sei que sempre respondes às minhas perguntas com muita paciência e com graciosa bondade. Posso fazer outra pergunta? O que é "próprio" ou o "eu"? - O "eu", ou seja, a vontade individual é um mistério maravilhoso - disse o Rei -, pois a vontade individual é parte da vontade e da consciência do Criador, uma parte que ele fez livre para que o mesmo "eu" saiba que, de um modo fascinante e misterioso, é diferente de todas as outras vontades individuais, até mesmo da vontade do Criador, que a criou.

Essa vontade, porém, é formada e modelada de tal maneira que, instintiva e insaciavelmente, anseia por se reunir à vontade da qual se origina. Ela é a capacidade de amar e, por isso, é uma fagulha do

fogo eterno do amor santo. Por isso, ela não encontra descanso nem verdadeira satisfação até que, como as fagulhas que voltam para o fogo e sem o qual não existem, encontre o caminho de volta ao coração de Deus, de quem se origina. É uma fome incessante, uma sede que se volta para todo lugar em busca de satisfação, mas que não a encontra até que consiga responder à influência e à atração cativante do ser eterno, o "eu" do qual se origina. Enquanto está afastada da fonte de sua origem, a vontade é como uma estrela errante até que volte ao coração de amor e se entregue ao Domínio Próprio. O espírito humano, na verdade, é a capacidade de amar e de corresponder ao amor, e será um ser abençoado ou desventurado, dependendo do que escolher amar. Este é o cântico da origem do amor:

O amor é glória e dor,

É fogo que queima!

A chama viva que nunca

Deixa de conhecer o desejo.

Pois o amor da Chama eterna

Apresenta-se e carrega seu gracioso nome.

O amor que se acende no coração humano

É apenas uma fagulha

Do amor divino -, agora, separada

E lançada na treva;

Não conhece a paz,

Até se apartar do amor de si mesma.

Como toda fagulha do fogo do amor

A mesma natureza compartilha,

Anseia com intenso desejo pela volta

A ele cujo nome carrega.

Salta em amor e saudação

Diante de todas as outras almas flamejantes que encontra.

Sim, o coração do amor é unidade, Arder sozinho - é desespero, É um com Deus, sua fonte,

E um com toda a humanidade.

Seu anseio pelo céu veste o semblante de Cristo,

E sua habitação é na terra.

Assim que o cântico acabou, o adorável e invisível coro entre árvores de aloés começou a cantar de novo, porém numa linguagem que Graça e Glória mal podia entender. Entretanto, havia algo estranho e deliciosamente familiar na canção, como algo que ouvira havia muito tempo e ficara adormecido em sua memória. Ao ouvi-la de novo, sentia despertarem doces, misteriosas e inesquecíveis lembranças em seu coração e uma nostalgia tão pungente que a suavidade da música era quase insuportável. De repente, a música do coro ficou mais suave, transformou-se gradualmente em suave acompanhamento, e a voz mais graciosa que já ouvira, com exceção da do Rei, começou a cantar sozinha. De início, ela pensou que fosse um anjo; depois imaginou que fosse a primeira mãe de todos os homens, mas, à medida que apreendia as palavras, entendeu que era a voz da rainha, a noiva do Rei do Amor.

Meus laços são muito, muito fortes,

Não posso me libertar;

Agora, pertenço ao Amor santo,

E ele, a mim.

E todo poder da terra e do céu

É concedido às cadeias de amor em minhas mãos.

Dominada por ele não tenho força

Para deixar o "eu" planejar, nem escolher,

Esse domínio é meu deleite

E recuso a liberdade.

O Rei do Amor é o Senhor a quem pertenço

E assento-me com ele em seu trono.

58

CAPÍTULO 18

ÚLTIMA CENA NA MONTANHA DAS ESPECIARIAS

Passado algum tempo desde os acontecimentos relatados nestes capítulos, aconteceu nos Lugares Altos o Dia da Celebração. Muitos moradores da vila da Humilhação se reuniram com o Rei na montanha do Aloés. Entre eles, estavam alguns que você conhece. A senhora Valente, sua filha Misericórdia e seu genro Confiante Destemido estavam lá. A grande amiga deles, a senhora Ação de Graças, estava sentada ao seu lado com as duas filhas, a sobrinha Graça e Glória e seu filho Testemunho Destemido, o rapaz mais alto dentre todos os presentes. Ele carregava muitas cicatrizes no rosto e nas mãos, conseguidas enquanto dava testemunho de seu Senhor e Rei. Confiante, cunhado de Testemunho Destemido, também estava lá, assim como Resignado e sua esposa Disposta, a quem você não reconheceria pelos antigos nomes, Autopiedade e Desesperança.

Também estavam presentes o ex-proprietário de pousada, agora chamado Vigor, e sua esposa, Suave Alegria (a última a ir para os Lugares Altos e que acabara de chegar). O ex-administrador do banco, Generoso, e sua adorável esposa, Clemência, também estavam lá. Sentados perto deles estavam Submisso e a esposa Humildade, antes conhecidos como Orgulho e Superioridade. Havia também vários outros convidados que não foram apresentados a você. Todos estavam reunidos à volta do Rei e se regozijavam com ele. O Dia da Celebração era uma ocasião muito especial, pois chegara o momento de dois deles atravessarem o rio com o Rei e subirem com ele para os Lugares Mais Altos, no Reino do Amor. A querida e amada senhora Valente e sua amiga senhora Ação de Graças deixariam este mundo e se tornariam habitantes do mundo

do outro lado do rio. Por isso, os amigos do vale subiram aos Lugares Altos para lhes desejar felicidades e desfrutar um pouco mais a companhia delas. Gostaria de encontrar as palavras certas para descrever a cena: todos eles sentados à sombra de uma das gigantescas árvores de aloés, celebrando e regozijando-se. Os lírios no gramado à volta deles estavam floridos, e o doce aroma das especiarias perfumava o ar. A senhora Valente estava sentada ao lado do Rei, e, do outro lado dele, estava à senhora Ação de Graças (antes a conhecida viúva Sombria Agourenta), que estava usando um xale ainda mais bonito que o usual, e todas as linhas de sombrios desgostos e agouros haviam sido totalmente apagadas de seu semblante (foram lavadas numa das correntes de água curadora da montanha). Todos ouviam o que o Rei ensinava a respeito da vida do outro lado do rio e das muitas mansões reais que havia no topo da cadeia de montanhas, tão altas que era impossível enxergar onde terminavam.

Chegava ao ouvido deles a voz das crianças e suas alegres risadas, pois numa pradaria ali perto estavam todos os filhos deles. Os pais levaram os filhos a um dos parques reais, onde podiam brincar sob a supervisão de alguns moradores do Reino do Amor. Lá estavam aquele menino antes conhecido por Abatimento, as gêmeas, Soluços e Choramingas, com o irmão Resmungo, e até a pequena Desforra. É oportuno registrar que todas as crianças já atendiam por um novo nome e começavam a não gostar do antigo. Elas receberam o nome das pedras preciosas que cintilavam nos muros da cidade real e pareciam encantadoras jóias enquanto corriam nos campos ensolarados.

Num dos lados da montanha do Aloés, perto de onde estavam reunidos, corria um rio de águas límpidas como cristal que transbordava até alcançar o lugar em que se derramava no desfiladeiro, formando uma grande queda d'água que descia até o vale lá embaixo. Quando alcançava os Lugares Baixos, o rio atravessava o vale da Sombra, e os habitantes do lugar o chamavam de rio da Morte, pois lá embaixo suas águas eram escuras e geladas. Os que o atravessavam chegavam a uma parte

do vale ainda mais escura e fria. Ali o rastro deles desaparecia por entre as montanhas sombrias, e ninguém conseguia segui-la. No entanto, nos Lugares Altos, o rio era chamado rio da Vida. Os que atravessavam suas águas chegavam, já sem sua vestimenta mortal, à outra margem, ao Reino da Vida e do Amor Eternos, onde não existe mais morte, nem dor, nem pranto, nem partidas para sempre.

O grupo, depois de celebrar e se regozijar e de ouvir as palavras do Rei, entoou um dos cânticos da montanha:

Teu amor temeroso fracassará?

Tolo e sombrio pensamento,

Deus é amor, e ele prevalece,

O amor expulsa todo temor!

Vimos esse gracioso plano

No Filho de Deus feito Filho do homem.

O amor santo não pode criar,

A não ser por causa da doçura do amor,

Por isso, nós, suas criaturas, esperamos

A união ser completa.

Quando a obra perfeita do amor terminar

Deus e os homens serão um.

Sabemos que Deus é amor,

Conhecemos o coração de seu Pai,

Ele falou do alto

E varreu nossas dúvidas.

Vimos o que é suficiente

No semblante de Jesus Cristo.

O Rei, ao terminar o cântico, levantou-se com um sorriso radiante estampado no semblante e, depois de abençoar a todos eles, deu uma mão para sua amiga Valente e a outra para sua amiga Ação de Graças e guiou-as até a margem do rio. Todos os amigos as acompanharam. As árvores de aloés que cresciam ao longo da margem derramavam sua sombra sobre o rio, mas seus ramos estavam cheios de passarinhos que gorjeavam de forma melodiosa. Por um breve momento, o grupo se dividiu. O Rei entrou no rio com as duas amigas e guiou-as na travessia para a outra margem. A claridade ofuscava os olhos do grupo que estava na montanha do Aloés, de forma que não puderam ver a cena com muita clareza. Tinham a impressão de que a claridade vinha de uma multidão de vultos postados de pé na margem mais distante, como se um grande grupo de habitantes daquela terra tivesse descido dos Lugares Mais Altos para saudar as amigas do Rei. Contudo, puderam ver que, tão logo os três entraram no rio, o corpo mortal das duas mulheres as abandonou, posto de lado como uma vestimenta velha e gasta, e foi levado pelas águas transbordantes em direção à grande queda d'água que corria para o vale da Morte lá embaixo. O grupo à beira da margem pensou ter tido ainda um vislumbre dos dois belos e radiantes seres que antes viviam naqueles corpos mortais, mas que agora estavam livres. Um dos seres, que outrora fora a amiga de todos ali, a senhora Valente, um vulto ereto e dourado, brilhava como uma armadura polida e caminhava ao lado do Rei. À outra mão do Rei, havia um vulto cintilante num manto branco que brilhava como luz. Logo em seguida, uma claridade tomou conta de tudo, e os amigos sabiam que o vale da Humilhação não as veria mais.

Tão logo elas sumiram de vista, o pequeno grupo na encosta da montanha se dispersou, e cada um seguiu seu caminho. Todavia, as duas filhas da senhora Ação de Graças, sua sobrinha Graça e Glória, e seu filho, Testemunho Destemido, ficaram um pouco mais, lado a lado junto do rio, contemplando a outra margem, para onde o Rei conduzira seus entes queridos, e pensando nas duas mulheres que foram com ele e nas coisas maravilhosas que ele realizara na vida delas. Depois olharam uns para os outros e, embora com lágrimas nos olhos, sorriam com grande alegria. - É bom ter o tesouro de um ente querido do outro lado do rio - disse Glorificação. - E logo nós também iremos para lá, para sempre - disse Compassiva. - Enquanto isso - disse Testemunho Destemido -

temos um trabalho glorioso a fazer aqui. Assim, quando chegar o momento de nos reunirmos aos que moram do outro lado do rio, teremos troféus para levar conosco, para o louvor do Rei de Graça e Glória. Testemunho Destemido, ao perceber que pronunciara em voz alta o nome que se tornara muito caro para ele, contemplou o semblante da prima e sorriu com um ar de brandura que ninguém associaria ao briguento Covardia Covarde. Não era Covardia Covarde que estava em pé ao lado de Graça e Glória na margem do rio, e sim alguém que o Rei transformara em Testemunho Destemido e que já se tornara um líder no serviço do Rei. Graça e Glória não disse uma palavra, mas quando os quatro, por fim, se afastaram da margem do rio, ela deslizou sozinha para a sombra de uma das árvores de aloés e acomodou-se num lugar de onde podia vislumbrar os vales abaixo, que se estendiam no enevoado azul distante. Ficou sentada ali, pensando em muitas coisas. Lembrou-se de tudo o aprendera nas nove montanhas das Especiarias e, acima de tudo, contemplou aqueles vales distantes. De repente, viu que o Rei estava de volta e conduzia Testemunho Destemido a uma pequena distância do lugar em que ela estava. Ela os observava atentamente enquanto estavam lado a lado, conversando, muito sérios. Ela os via com clareza e ouvia o murmúrio da voz deles, embora não pudesse discernir as palavras. Ela viu o Rei apontar na direção das vilas distantes e percebeu como Testemunho Destemido jogou os ombros para trás e esfregou as mãos, como se estivesse

animado. Ela percebeu a avidez com que ele escutava o Rei. Viu quando o Rei colocou o braço de forma amorosa sobre os ombros do homem que um dia fora o briguento Covardia Covarde e cuja grande mácula e fraqueza fora transformada em força ainda maior. Ela viu o sorriso de afeto e 60

amor que o Rei dirigiu a ele e disse para si mesma, deslumbrada: Como o Rei o ama! Acho que ele tem um carinho especial por Testemunho Destemido. Contudo, esse é o homem que fugiu dele por tanto tempo e a quem odiei e temi por quase toda a minha vida. De repente, enquanto continuava sentada bem quieta e observava longa e intensamente a enorme figura cheia de cicatrizes de Testemunho Destemido, sobre cujos ombros o braço do Rei ainda repousava com afetuosa confiança, ela compreendeu, como se seu entendimento se iluminasse, a verdade que ainda não havia percebido: Ora, disse para si mesma, um tanto surpresa, veja só o que fez o Rei. Ele transformou o que parecia ser o maior tormento, fraqueza e desespero da minha vida, a coisa que eu mais temia e pela qual sofria, em algo que considero a melhor de todas as coisas. Sempre tive medo de me tornar uma Covardia Covarde, pois ele me atormentou muito. O Rei, com sua graça maravilhosa, transformou-me no que jamais esperaria ser: uma testemunha destemida. Oh! Como o Rei é maravilhoso! Que planos e propósitos amorosos ele tem para nós. Ele quer que nossos maiores tormentos e fracassos se transformem nas coisas melhores e mais consistentes da nossa vida. "Eram fracos, mas se tornaram fortes. Foram poderosos na guerra e venceram exércitos estrangeiros". Graça e Glória continuou pensando, após uma pequena pausa, com uma risadinha alegre: Não é de admirar que o Rei o ame. Posso ver que ele já está rangendo os dentes, como um cavalo de guerra ao som das trombetas, com vontade de partir para aquelas longínquas vilas e ali dar seu testemunho. Toda a energia que ele dedicava às suas brigas agora está direcionada para esse novo serviço, e ela se tornou seu maior recurso. Quando ela chegou a esse ponto de seus pensamentos, viu Testemunho Destemido virar-se para o Rei e fazer uma pergunta. Então o Rei também deu uma risadinha, levantou a voz e disse com tanta clareza que ela pôde ouvir: - Pergunte e veja

qual é a resposta. Em seguida, os dois olharam para ela, sentada sozinha debaixo da árvore. -

Graça e Glória! - Chamou o Rei. - Venha até aqui, queremos falar com você. Graça e Glória levantou-se, sem hesitar, e se juntou a eles. Paz e Alegria foram atrás dela, mais altas, majestosas e bonitas do que nunca.

- Graça e Glória - disse Testemunho Destemido -, estivemos conversando a respeito daqueles vales longínquos ao redor do mundo em que o Rei precisa de alguém que dê testemunho dele. - Sim -

disse ela. - Nós vamos para lá - disse o Rei.

- Quer ir conosco? Graça e Glória, então, pôs uma das mãos sobre a mão do Rei e a outra sobre a mão de Testemunho Destemido e disse: -Transforma-me naquilo que desejavas que eu fosse quando me criaste, meu Senhor, de acordo com a tua vontade. Os três permaneceram juntos, as duas criaturas unidas ao Criador.

Ele era o desejo de amar, e eles, a resposta a esse desejo e os veículos por meio dos quais expressava esse amor.

A voz do Rei ressoou clara e forte na montanha do Aloés, dizendo com alegre certeza e autoridade:

- “Pede-me, e te darei as nações como herança e os confins da terra como tua propriedade”

(Salmo 2:8).

“Os três, antes de deixar a cadeia de montanhas das Especiarias, entoaram juntos a nova versão do cântico das Pedras Preciosas” (Isaías 54.11):

Eis a safira!

Meu coração é um trono resplandecente

Em que o Amor é coroado Rei!

Aqui, minha vontade obediente

Deleita-se em ouvir até

Conhecer tua vontade em tudo.

Eis a ágata

(O mais justo Senhor deles),

Meu rubi de sangue e fogo;

Eis meu coração partido

Feito inteiro, e, em todas as partes,

Teu nome está inscrito para sempre.

Eis a límpida esmeralda,

Tirando vida

Da semente caída e pisada.

61

Aqui louvo ao Senhor,

Que cumpriu sua palavra

E concedeu cem vezes mais!

Com que cores límpidas brilham

Minha orla de pedras!

Brilham como bandeiras reais desfraldadas.

Agora, irei adiante, meu Senhor,

Fortalecido por sua palavra,

Demarcar terras ao redor do mundo.

DIGITAÇÃO:

PAULO BENITES – PIRACICABA-SP

CIDA ALVES – TIMÓTEO-MG

10-10-2011

62